



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

EDSON ALENCAR COLLARES DE BESSA

A ANTROPOLOGIA COMO ESCOLHA PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE AS
TRAJETÓRIAS INTELLECTUAIS DE TRÊS ANTROPÓLOGOS CEARENSES
PRESENTES NAS PRIMEIRAS TURMAS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA
UFC

FORTALEZA

2012

EDSON ALENCAR COLLARES DE BESSA

A ANTROPOLOGIA COMO ESCOLHA PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE AS
TRAJETÓRIAS INTELECTUAIS DE TRÊS ANTROPÓLOGOS CEARENSES
PRESENTES NAS PRIMEIRAS TURMAS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA
UFC

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Sulamita de Almeida Vieira.

FORTALEZA

2012

EDSON ALENCAR COLLARES DE BESSA

A ANTROPOLOGIA COMO ESCOLHA PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE AS
TRAJETÓRIAS INTELCTUAIS DE TRÊS ANTROPÓLOGOS CEARENSES
PRESENTES NAS PRIMEIRAS TURMAS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA
UFC

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Sulamita de Almeida Vieira.

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Sulamita de Almeida Vieira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. José Estevão Machado Arcanjo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Carlos Kléber Saraiva de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os motivos que fizeram três intelectuais cearenses optar pela antropologia como carreira profissional. Os antropólogos estudados estiveram presentes nas primeiras turmas do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, dois deles como alunos e um como professor. Procura-se, aqui, estabelecer relações entre os fatos que marcaram a fundação do referido curso e as trajetórias intelectuais de cada um dos pesquisados. Assim, a análise pressupõe um resgate da memória institucional do extinto Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará e da própria Universidade Federal do Ceará. Para tanto, fez-se coleta e leitura de documentos dessas instituições, além de entrevistas com os três antropólogos. O discurso institucional obtido a partir da documentação oficial reforçou os pontos de vista dos interlocutores em seus depoimentos. Como resultado, se observou alguns dos critérios que os motivaram a definir, ressaltar e afirmar a escolha profissional pela antropologia.

Palavras-chave: Trajetória intelectual. Antropologia. Escolha profissional. Memória.

ABSTRACT

This research aims to investigate the reasons that made three intellectuals cearenses choose anthropology as a career. The anthropologists studied were present in the first classes of the Course of Social Sciences, Federal University of Ceará, two of them as students and as teachers. Looking up, here, establish relationships between the events that marked the foundation of this course and the intellectual careers of each of the respondents. Thus, the analysis assumes a redemption of the institutional memory of the former Institute of Anthropology, University of Ceará and the Federal University of Ceará own. For both, it was collecting and reading their documents, and interviews with the three anthropologists. The institutional discourse obtained from the official documentation reinforced the views of interlocutors in their testimonies. As a result, observed some of the criteria that motivated them to define, highlight and affirm the professional choice for anthropology.

Keywords: Intellectual history. Anthropology. Career choice. Memory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAA	<i>American Anthropologist Association</i>
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CCS-UFC	Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará
DCSF-UFC	Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EUA	Estados Unidos da América
IAUC	Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará
IC	Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (ou simplesmente, Instituto do Ceará)
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MN	Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro
PPGS-UFC	Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará
SAFC	Serviço de Antropologia Física e Cultural
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i> (Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 O INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ – IAUC	9
1.2 O INTUITO DO ESTUDO DA MEMÓRIA E A TENTATIVA DE PESQUISAR AS TRAJETÓRIAS .	13
1.3 A ESCOLHA DO TEMA.....	18
1.4 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
2 TERESINHA ALENCAR: DE PESQUISADORA DO IAUC A PROFESSORA DA UFC.....	26
2.1 AS PESQUISAS DO IAUC COMO MOTIVAÇÃO INTELECTUAL DE TERESINHA ALENCAR NA ÁREA ANTROPOLÓGICA	28
2.1.1 “Noções sobre o conceito de antropologia” (1957), de Thomaz Pompeu Sobrinho.....	33
2.1.2 “Contribuição à prática elementar de pesquisa antropométrica” (1957), de Francisco Alencar	35
2.1.3 “Curral de pesca no litoral cearense” (1958), de Florival Seraine	37
2.2 TERESINHA ALENCAR PASSA A SER PESQUISADORA DO IAUC E PARTICIPA DOS PROJETOS DE PESQUISA EM ÁREAS PESQUEIRAS LITORÂNEAS.....	39
2.3 TERESINHA ALENCAR COMO PROFESSORA: ENTRE O FIM DO IAUC E O COMEÇO DO CCS-UFC.....	42
2.4 O MESTRADO DE TERESINHA ALENCAR NO MUSEU NACIONAL, RJ: A AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO COMO FATOR DE AFIRMAÇÃO DA CARREIRA PROFISSIONAL.....	46
3 DE ALUNOS A PROFESSORES DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFC: SIMONE SIMÕES FERREIRA SOARES E ISMAEL PORDEUS JÚNIOR.....	54
3.1 AS OBSERVAÇÕES DE SIMONE SIMÕES FERREIRA SOARES: DOS PRIMEIROS ANOS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS ATÉ A SUA PRÁTICA DOCENTE NA UFC.....	55
3.1.1 Ações da ditadura militar no espaço da UFC nos primeiros anos do curso de Ciências Sociais, segundo Simone Soares.....	55
3.1.2 As disciplinas antropológicas ministradas para a primeira turma do CCS-UFC.....	61
3.1.3 A sua experiência docente, segundo a entrevistada	69
3.2 ISMAEL PORDEUS JÚNIOR E SUA OPÇÃO PROFISSIONAL PELA ANTROPOLOGIA	73

3.2.1 A tentativa de apreensão do relato oral de Ismael Pordeus Júnior por meio da escrita.....	75
3.2.2 A elaboração do artigo “Anotações Sobre a Antropologia no Ceará” com abordagem do contexto histórico da antropologia cearense	77
3.2.3 O Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará na visão de Ismael Pordeus Júnior	82
3.2.4 A criação do Curso de Ciências Sociais da UFC, na interpretação de Pordeus Júnior	87
3.3 A TENTATIVA DE ESCREVER SOBRE ESCOLHAS INTELECTUAIS	88
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
4.1 POSSÍVEIS PONTOS DE CONVERGÊNCIA NAS TRAJETÓRIAS INTELECTUAIS DOS PESQUISADOS	92
4.2 AS RAMIFICAÇÕES DESTE ESTUDO POR MEIO DO ESTÍMULO PESSOAL DO AUTOR.....	95
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE A – IDEIAS CENTRAIS DO LIVRO RETRATO DO BRASIL: UM ENSAIO SOBRE A TRISTEZA BRASILEIRA, DE PAULO PRADO.....	106
ANEXO I – OS ENCAMINHAMENTOS DADOS POR ISMAEL PORDEUS JÚNIOR PARA A CONTINUIDADE DESTA PESQUISA.....	115

1 INTRODUÇÃO

1.1 O Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará – IAUC

Fundado em 1957, oriundo do Serviço de Antropologia Física e Cultural (SAFC), o IAUC tinha como objetivos realizar pesquisas de campo no território cearense com intuito de promover o conhecimento científico sobre as diversas regiões do Estado. Conforme a notícia do Boletim da UFC de janeiro e fevereiro de 1957, a organização do SAFC foi autorizada pelo reitor Antonio Martins Filho ao Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho. Nesse mesmo informe, são destacados os objetivos do SAFC e aspectos de administração cooperativa com o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (ou simplesmente Instituto do Ceará – IC, fundado em 1887):

O Magnífico Reitor Martins Filho confiou ao Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, Presidente do Instituto do Ceará, a incumbência de organizar um Serviço de Antropologia Física e Cultural, que constitui, sem dúvida, empreendimento de alta significação para a nossa vida intelectual. Preenchendo considerável lacuna em nosso Estado, como em todo o Nordeste, o Serviço a ser organizado servirá para promover e estimular, no Ceará, o estudo científico da natureza dos melhores elementos da Nação, em busca de conhecimento integral do homem. Deverá iniciar-se o novo órgão com a instalação de um Gabinete de Antropologia, bem como de um Museu, em cooperação com o Instituto do Ceará, prestigiosa instituição cultural da nossa terra. O Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho já apresentou circunstanciada exposição de motivos ao Magnífico Reitor, traçando as linhas gerais desse oportuno empreendimento da Universidade, que devem alcançar o mais completo êxito, contribuindo, ainda para maior projeção do nome do Estado nos demais centros culturais e científicos do Brasil (Boletim da UFC nº 4, jan./fev., 1957).

Nesse momento, Pompeu Sobrinho ainda estava preocupado em formular o panorama da História do Ceará ao publicar monografias no IC. A história econômica, educacional, militar, da literatura e outras são dispostas com um viés científico, na visão de Pompeu Sobrinho, quando retratadas com os métodos e a linguagem próprias das ciências sociais (MENEZES NETO, 1991, p. 20-22). Isso deve explicar “a exposição de motivos” feita por Pompeu Sobrinho ao reitor Martins Filho, querendo preencher as “lacunas” históricas, permeadas de acontecimentos circunstanciais, com a perspectiva crítica e analítica oferecida pelo caráter científico da antropologia. Daí, a iniciativa de Pompeu Sobrinho em unificar institucionalmente, em sistema cooperado, o IC com o recém-criado SAFC (que mais tarde seria IAUC). O fornecimento de suporte intelectual na formação de novos pesquisadores se daria,

assim, por meio de cursos oferecidos por esse instituto com fins de fomentar o saber científico.

Ainda como SAFC, houve o primeiro Curso de Preparação Antropológica ministrado pelos professores Florival Seraine e Francisco Alencar, com aula inaugural dada pelo Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho. Com duração de três meses e carga horária noturna de oito horas semanais, o Curso exigia dos participantes a conclusão do curso científico (equivalente ao atual Ensino Médio, segundo o MEC). Foram ministradas aulas de Antropologia Física (por Francisco Alencar) e Antropologia Cultural (por Florival Seraine). As aulas eram ministradas nas instalações do IC. Conforme os dados dispostos no Boletim da UFC, 141 candidatos se inscreveram no Curso, dentre eles “professores, universitários das diversas Escolas, funcionários da Reitoria, jornalistas e outros estudiosos do assunto” (cf. Boletim da UFC nº 8, set./ out., 1957, p. 9). Os objetivos desse Curso são destacados:

O Curso destina-se à preparação de equipes para as pesquisas que serão efetuadas pelo Serviço de Antropologia da Universidade, visando a um maior conhecimento do homem cearense e ao planejamento de soluções de problemas existentes (Boletim da UFC nº 8, set./ out., 1957, p. 9) [Grifo meu].

Logo, vê-se uma preocupação, desde os primórdios das investigações de campo no Ceará, em se fazer uma antropologia voltada para a melhoria de condições de vida dos menos favorecidos. Esse engajamento antropológico se dá principalmente, como veremos mais adiante, pela iniciativa do próprio fundador do IAUC, Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, que dedicava boa parte dos estudos elaborados para a tentativa de uma construção de um mundo melhor para os mais pobres no Nordeste e, especificamente, no Ceará.

Posteriormente, o SAFC foi “elevado à categoria de Instituto” em 1958 (cf. Boletim da UFC nº 10, Jan./Fev., 1958). Contudo, a deliberação oficial da transformação do SAFC em IAUC só foi dada no final do ano de 1958¹. Com esse novo patamar de Instituto, a UFC adquiriu um edifício próprio para o funcionamento da unidade acadêmica. Com isso, novos cursos de preparação antropológica foram ofertados, com a inovação de trazerem elementos das pesquisas anteriores em forma de dados para os novos alunos. Um desses levantamentos antropológicos

¹ Processo nº 5715/58, com deliberação divulgada no final do ano de 1958 pela própria UFC (cf. Boletim da UFC nº 15, nov./dez., 1958, p. 54-55).

realizados e que serviram de subsídios práticos na orientação de cursos preparatórios do IAUC é especificado nesta notícia publicada em 1958, ainda com o nome do SAFC:

O Serviço de Antropologia da Universidade do Ceará realizou, em julho, através de duas equipes recentemente diplomadas e sob a direção do professor Francisco Alencar, o levantamento antropológico de dois grupamentos localizados no município de Pacajus. A pesquisa encetada naquela localidade teve como objetivo principal um grupamento de remanescentes de índios Paiacus, que habitam as circunvizinhanças da sede do município e um grupamento de elementos negros, cuja localização se deve ao Serviço de Antropologia. No setor de Antropologia Cultural, vários aspectos foram observados, destacando-se objetos que provavelmente foram utilizados por indígenas, tais como pilões, restos de cerâmica, etc. Quanto ao setor de Antropologia Física, os resultados foram surpreendentes, tendo sido localizados alguns depósitos de fósseis. Os dados obtidos nessa pesquisa, que é a primeira de caráter antropológico realizada no Ceará, com equipes especializadas, serão submetidos à apreciação dos estudiosos de Antropologia, no próximo Curso de Preparação Antropológica (Boletim da UFC nº 13, jul./ago., 1958, p. 9-10).

Esse pioneirismo destacado pela notícia do levantamento antropológico se deu pela especificidade dos estudiosos envolvidos, que já tinham feito o Curso de Preparação Antropológica.

Com a intensificação dos estudos do IAUC no interior do Estado, um farto material dos levantamentos antropológicos foi produzido. Assim, surgiu a necessidade do IAUC em ter um setor de divulgação para expor o conteúdo das análises produzidas nas pesquisas a partir dos dados colhidos. Devido a esse interesse, Pompeu Sobrinho elaborou, em 1959, um *Manual de Antropologia*² e Francisco Alencar incorporou objetos coletados nos trabalhos de campo ao Museu Artur Ramos, recém-adquirido pela UFC (Boletim da UFC nº15, nov./dez., 1958). Além desses meios de divulgação, foram elaborados boletins³ anuais sobre as pesquisas realizadas no IAUC, entre os anos de 1957 e 1961.

Com farto material para consulta, será publicado, pelo Serviço de Antropologia da Universidade do Ceará [ou Serviço de Antropologia Física e

² POMPEU SOBRINHO, T. *Manual de Antropologia*, 1959. Lançado posteriormente, em 1961, pela imprensa universitária (Boletim da UFC nº 28, jan./fev., 1961).

³ Resultados de algumas investigações publicadas nesses boletins de antropologia estão detalhados no primeiro capítulo desta monografia. Procurei, com a leitura desses boletins, destacar os trabalhos realizados por intelectuais cearenses que influenciaram a trajetória de Teresinha Alencar, tais como os seus professores no primeiro Curso Preparatório de Antropologia fornecido pelo então SAFC, em 1957. Nessa perspectiva, foram comentadas, neste estudo, três pesquisas, cujos resultados foram divulgados pelos boletins, de autores que foram professores de Teresinha Alencar no referido curso: *Noções sobre o conceito de Antropologia*, de Thomaz Pompeu Sobrinho, publicado em 1957; *Contribuições à prática elementar de pesquisa antropométrica*, de Francisco Alencar, também publicado em 1957 e *Curral de pesca no litoral cearense* de Florival Seraine, publicado em 1958.

Cultural – SAFC], o Manual de Antropologia, do Professor Thomaz Pompeu Sobrinho, que virá preencher uma lacuna existente em nosso meio científico, no que concerne ao estudo da Antropologia Física e Cultural. O primeiro volume do Manual de Antropologia se refere ao campo da Antropologia Física (Boletim de Antropologia do SAFC, vol. 2, 1958, p. 74).

Em um desses boletins, especificamente o do ano de 1960, volume IV, Pompeu Sobrinho expõe as linhas de pesquisa do IAUC, ao elaborar o Plano de Pesquisa Sócio-Cultural do Ceará⁴, em 1960. Esse Plano de Pompeu Sobrinho só seria reformulado em 1966, com o Plano Anual de Trabalhos – 1966, elaborado pelo novo diretor do IAUC, o professor Luiz Fernando Raposo Fontenelle. Nesse documento, Fontenelle inicia a publicação dos resultados de projetos de áreas pesqueiras no litoral do Ceará⁵ evitando prender-se apenas de um “princípio classificatório fisiográfico” (proposto pelo Plano de Pompeu Sobrinho) e ampliando as discussões em torno de “variantes culturais” que pudessem explicar os “problemas do homem como ser social ou cultural em áreas ecúmenas como modelos” (FONTENELLE, 1966, p. 2-3, apud MENEZES NETO, 1991, p. 27-29).

Em 1968, com a reforma universitária imposta pelo MEC no período da ditadura militar, ocorreu a extinção dos Institutos mediante a absorção por respectivas unidades acadêmicas com certa compatibilidade de atividades. A ideia do governo daquele período era “evitar a duplicação de meios para fins idênticos” (MENEZES NETO, 1991, p. 28). Assim, o IAUC foi incorporado ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. Todo o acervo material, junto com o contingente de funcionários – pesquisadores e servidores administrativos – foram compor o recém-criado CCS-UFC, em 1968. Os quatro pesquisadores do IAUC daquele período se tornaram parte do corpo docente desse Curso: Teresinha Helena de Alencar Cunha, João Pompeu de Souza Brasil, José Ferreira de Alencar e Francisco Ferreira de Alencar.

⁴ Esse Plano de Pesquisa Sócio-Cultural do Ceará encontra-se mais detalhado na análise da trajetória intelectual de Ismael Pordeus Júnior, onde o professor vê esse documento elaborado por Pompeu Sobrinho como alicerce do modelo de pesquisa a ser implantado nos primórdios da antropologia cearense.

⁵ Os projetos de pesquisa em áreas pesqueiras litorâneas foram dispostos na parte que abrange o percurso profissional da professora Teresinha Alencar.

1.2 O intuito do estudo da memória e a tentativa de pesquisar as trajetórias

O movimento de paradigmas é uma característica marcante do saber científico. Em muitas formas de conhecimento, a modificação de uma linha de pensamento por outra pode ser vista como elemento de reforço para um panorama ideológico mais amplo, que ressalta o caráter heurístico da ciência como ponto mais relevante. Conforme atesta Kuhn (2009) em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, uma troca de corrente ideológica pode ocorrer mediante um embate de linhas investigativas que objetivam semelhanças, mas que tateiam caminhos diferentes. Assim, para Kuhn, haveria certa necessidade de uma revolução socialmente explícita para que a aceitação de um paradigma novo entrasse em vigor (KUHN, 2009).

Com a antropologia, a exemplo do que ocorre a outras ciências sociais, as correntes de pensamento geralmente não são vistas como ultrapassadas por ideias renovadoras. O que ocorre, na maioria das vezes, é um diálogo entre paradigmas formulados anteriormente com teorias contemporâneas. Assim, a construção do espaço intelectual da “recente”⁶ ciência antropológica vê-se firmada com o albergue de noções formuladas em um passado distante que se aproxima pelo complemento ideológico da atualidade.

Especificamente com a antropologia brasileira, as definições teóricas presentes no país foram adequadas aos seus objetos de estudo. Embora as formas primordiais dos estudos antropológicos brasileiros derivassem do pensamento ocidental (europeu e estadunidense), o “modo de conhecimento foi historicamente subordinado aos objetos reais⁷ de estudo” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 111). Assim, ao analisar o “Ser da Antropologia” no Brasil, Cardoso de Oliveira se refere ao surgimento de duas grandes tradições em função do objeto de estudo: Etnologia Indígena e Antropologia da Sociedade Nacional; e dentro delas, identifica três períodos, a saber: “Heroico”, aquele em que, não tendo ainda se institucionalizado o campo, o trabalho do antropólogo se transformava numa espécie de heroísmo, e os

⁶ Coloco o termo “recente” em relação ao fato de a antropologia estar ligada às ideologias europeias e americanas, que se propagaram a partir da “descoberta” dos povos primitivos com o processo de colonização fomentado pela expansão imperialista do século XIX. Logo, em comparação com as demais ciências, o emprego de “recente” é explicado cronologicamente.

⁷ Cardoso de Oliveira (1988) trata da expressão “real” como opositora ao que foi “teoricamente construído” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 112).

estudiosos que se aventuravam por esse caminho tinham o conceito de cultura como central. O período que chama de “Carismático” seria marcado pela inserção do conceito de estrutura no modo de ser antropológico. E o “Burocrático”, fase em que são introduzidas novas formas de divisão do trabalho da disciplina.

No Ceará, a história da antropologia não foi diferente. Mesmo que amparada por conceitos formulados por antropólogos estrangeiros, a participação do objeto de pesquisa na composição das escolhas dos pesquisadores cearenses é marcante em seus percursos acadêmicos. Vale salientar, entretanto, que a conexão entre teoria antropológica e o objeto de pesquisa é uma importante característica da disciplina. Nessa perspectiva é que Da Matta (1987) afirma que a construção do conhecimento antropológico se dá pelo confronto da teoria com o objeto, em um “debate inovador”, dialético, entre o “fato interno” do pesquisado e o “fato externo” do pesquisador (DA MATTA, 1987, p. 26-27).

Diante do exposto, o estudo de memória das trajetórias de intelectuais que se dedicaram ao saber antropológico é de extrema importância para a manutenção do caráter reflexivo da disciplina. A partir do entendimento de como se utilizou a memória, o trabalho de campo e a teoria nas perspectivas da prática etnográfica torna-se possível articular os caminhos traçados por três profissionais ligados à Universidade Federal do Ceará (UFC) e dedicados à antropologia no Ceará: as professoras Teresinha Alencar e Simone Soares e o professor Ismael Pordeus Júnior.

Nesta monografia, pretendo estabelecer conexões de sentido entre saberes antropológicos fundados no passado que servem de reflexões até então presentes. Investigar o surgimento e desenvolvimento desses saberes foi anseio motivador da pesquisa. A tentativa de refletir sobre o pensamento diacronicamente, com base na própria história da antropologia, tende a delimitar o objeto de estudo em prol de uma busca elucidativa em que o máximo de relevância de detalhes possa ser colocada de forma clara.

Esse esforço de objetividade do estudo se expressa no relato dos eventos que se destacam nas trajetórias intelectuais dos três profissionais de antropologia escolhidos. Por isso, a escrita deste trabalho procurou relatar momentos que compuseram o percurso acadêmico de cada um deles. Assim, pôde haver certa proximidade do sujeito da pesquisa com seu objeto, na medida em que os eventos marcantes ocorridos com os antropólogos estudados serviram de incentivo para que

eu possa ter experiência em lidar com diversas situações no meio acadêmico futuramente. Afinal, como afirma Geertz (2006), a interação do pesquisador com o pesquisado amplia os níveis de percepção do pensamento humano, relacionando o lógico-concreto com o simbólico-imaginário. O modo de pensar humano, por ser diversificado, acaba sendo geralmente um resultado da interação mantida pela vivência, pelas relações com o meio e entre os sujeitos.

Como o tema da pesquisa envolve conhecimentos de antropólogos com a análise de variáveis que compõem a escolha de cada um deles pela antropologia, a fronteira entre pesquisador e pesquisados tornou-se mais diluída. Os dois lados, o meu e o dos interlocutores, estão envolvidos com a temática antropológica, aumentando a chance de uma partilha de informações e diminuindo a problemática da autoridade do saber (CLIFFORD, 2008). Evidentemente que os níveis de complexidade intelectual deles, oriundos em parte da própria experiência profissional, são bem mais ampliados do que os meus. Todavia, o esforço de relacionar os dados obtidos durante o tempo da pesquisa permitiu que houvesse um intercâmbio de saberes. Afinal, estes atores sociais⁸, em permanente trabalho de mudança, estão se transformando a cada segundo e estão presentes em dimensões de estudo constantemente dinâmicas. Daí a emergência de uma ciência que não mantenha a investigação das relações do homem moderno em um caráter estanque e sim em prol de indagações que nunca satisfaçam o apanágio intelectual inesgotável proposto pelo saber científico. Peirano (1995) reforça esse ponto de vista com sua percepção da disciplina antropológica como valor abundante de dados para pesquisas científicas, pois a antropologia, segundo a autora,

É ela a ciência social que pede para ser ultrapassada e superada; que mantém viva a consciência de que o que se aprende e/ou descobre é sempre provisório e contextualizado; e, finalmente, que reconhece suas maiores realizações nas questões formuladas mais do que nas respostas sempre efêmeras (PEIRANO, 1995, p. 12).

Como se observa, Peirano (1995) salienta que o próprio caráter antropológico reforça o conteúdo dinâmico do movimento de paradigmas dentro da disciplina. A análise de como correntes antropológicas moldaram pensamentos de intelectuais durante períodos permite visualizar as constantes mudanças sociais no decorrer do tempo. Destarte, pode-se observar como representações de

⁸ Neste trecho, refiro-me como “atores sociais” a mim (como pesquisador) e aos três antropólogos estudados (como interlocutores).

pensamento antropológico fundadas em um passado distante se firmaram nos dias atuais. Como Eriksen & Nielsen (2012) relatam no prefácio de *História da Antropologia*, a tentativa de compor uma escrita dos saberes antropológicos antigos e suas relações contextuais com os seus respectivos intelectuais defensores é um esforço para mostrar que “como a antropologia reage a mudanças no mundo externo, seu foco substancial muda de forma correspondente” (ERIKSEN; NIELSEN, 2012, p. 8). Porém, esses autores destacam que o fluxo de correntes antropológicas

desde os primórdios da era industrial e colonial até a era da informação da modernidade global levou a disciplina ao longo de uma série de transformações, mas essencialmente ela continua a levantar as mesmas questões de 50, 100 ou mesmo 200 anos atrás (ERIKSEN; NIELSEN, 2012, p. 8).

Nesta perspectiva, tentei relacionar autores presentes na história da antropologia que estiveram presentes nos momentos destacados nas trajetórias dos entrevistados. Como esses fatos estão ligados ao ambiente de sala de aula e aos trabalhos de campo dos pesquisadores, foi necessário, além das entrevistas, fazer a leitura dos boletins do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará (IAUC). Assim, quis retratar aspectos do conteúdo ministrado nas aulas dos alunos das primeiras turmas do Curso de Ciências Sociais – UFC (CCS-UFC) e a vivência dentro do IAUC, buscando um paralelo entre as duas instituições por meio de semelhanças de paradigmas antropológicos vigentes naquele período. Logo, a análise das trajetórias intelectuais dos entrevistados é disposta na relação de possíveis pontos de convergência entre a teoria dos livros de antropologia (lidos tanto no IAUC quanto na UFC) e a prática antropológica destacada nos relatos de trabalho de campo. Conhecendo os programas das disciplinas e os boletins de antropologia do IAUC têm-se as informações para comparar com o depoimento dos interlocutores, buscando obter as variáveis que foram mais relevantes na escolha dos intelectuais estudados a seguir pelo caminho da antropologia.

Ainda no que se refere a esta pesquisa, vale salientar que este estudo é uma passagem pelo percurso histórico da disciplina antropológica no território cearense, cercada por suas instituições e pelas trajetórias de seus colaboradores. Assim, tenta-se conseguir a formulação de um corpo conceitual semelhante a uma

“história teórica”⁹, ou seja, aliando a teoria estudada nos livros com a trajetória de vida dos entrevistados.

A concepção de retrato de uma “história teórica” da antropologia é destacada por Peirano (2004):

A história teórica trata assim do exame dos problemas que se tornaram pertinentes e merecedores de investigação, e dos diálogos que antropólogos empreenderam e que constituem um repertório aberto e continuamente renovado de novas perguntas ou formulações. O movimento final é espiralado e dinâmico, em que questões prévias adquirem nova vida, afastando-se de uma ideia linear ou progressiva (PEIRANO, 2004, p. 108).

O estudo de trajetórias de vida permite vislumbrar questionamentos dos enfoques institucionais das disciplinas acadêmicas da antropologia e as modificações da formação antropológica¹⁰ no decorrer do tempo. O ciclo da maturação de profissionais em cada área é variado, e a faixa etária e sua eventual aposentadoria profissional afetam as atitudes mentais de cada indivíduo semelhante ao estudo das visões de mundo dos “nativos” outrora já estudados. O trecho que se segue nos ajuda a pensar sobre o assunto:

Quis apenas argumentar que as noções de maturação (e pós-maturação) que os “nativos” das várias disciplinas possuem, ao lado das ansiedades e expectativas que essas próprias noções provocam, moldam, através de um processo interno, grande parte da atitude “mental” de cada um desses “nativos”. Elas dão, à visão de mundo dessas pessoas, uma tonalidade diferente, em termos de seus ciclos de vida e padrões etários, e da estrutura de sentimentos como esperança, medo, desejo e desilusão, tonalidade que permeia toda essa visão e que deveria ser estudada também pelos químicos ou filósofos, e não somente nos índios Pueblo, ou nos pigmeus andamanes, como já foi feito (GEERTZ, 2006, p. 239).

Como percebemos, segundo Geertz, a unidade e diversidade da mente não dependem de imposições etnocêntricas de culturas “superiores” sobre outras, e sim de um improvável “milagre útil” em que “possamos descobrir maneiras de ter algum acesso às vidas vocacionais uns dos outros” (GEERTZ, 2006, p. 240).

A composição desta monografia denota pressupostos teóricos formulados no decorrer da pesquisa. Ou seja, a partir de uma indagação inicial foi possível haver mais questionamentos, a saber: por que o CCS-UFC, fundado com o apoio de

⁹ Vale ressaltar que o formulador do termo “História Teórica” foi Edmund Leach em *The Epistemological Background to Malinowski's Empiricism*. In: FIRTH, R. (Ed.). **Man and Culture. An Evaluation of the Work of Bronislaw Malinowski**. Londres: Routledge.

¹⁰ Nos destaques dessa formação antropológica estão as “transformações” de nível acadêmico, ressaltadas pelos entrevistados nos seus depoimentos: de pesquisador em professor (Teresinha Alencar), de aluno em professor (Simone Soares) e de professor colaborador em professor titular (Ismael Pordeus Júnior).

profissionais ligados ao IAUC não obteve, no decorrer dos anos, uma predominância de estudos antropológicos? Perguntas derivadas de inquietações. Primeiro, por meio da leitura de autores antropológicos (presentes nos textos dos boletins do IAUC e nas aulas das primeiras turmas do CCS-UFC) pode-se obter conhecimentos acerca da própria história da antropologia. Segundo, uma possível influência das correntes antropológicas sobre as pesquisas do Instituto de Antropologia do Ceará e sobre o ensino na UFC mostra como a prática antropológica está interligada com fundamentos conceituais. Terceiro, é suposto que o estudo das trajetórias de colaboradores serve para visualizar o movimento das mudanças de vida acadêmica permeadas pela disciplina antropológica: de pesquisador em professor, de aluno em professor/pesquisador. Ou seja, mantendo o foco principal da pesquisa como sendo o percurso intelectual dos primeiros antropólogos formados na UFC, as especificidades de possíveis resultados aparecem como uma espécie de ogiva por onde passa a reflexão das ciências sociais em diferentes aspectos inter-relacionados.

1.3 A escolha do tema

O interesse pelo tema surgiu a partir de minha participação como bolsista de um extenso projeto¹¹, o qual abrangia uma pesquisa sobre a história da antropologia no Ceará. A decisão de elaborar este estudo implicou, porém, um recorte de objeto dentro desse projeto mais amplo. Nele, inclui a investigação dos acontecimentos que permearam a fundação do CCS-UFC, a trajetória institucional do IAUC, a criação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFC) acompanhada da leitura de suas respectivas produções acadêmicas ao longo dos anos. Por isso, a delimitação desse objeto mostrou-se necessária para que o texto da monografia fosse um exercício objetivo. E a experiência obtida por meio da participação nesse projeto maior permite que haja um conhecimento prévio acerca do que será explicitado no recorte da pesquisa.

Assim, o objeto deste estudo está definido: o percurso intelectual traçado por três profissionais vinculados à UFC, observando as variáveis e os detalhes que compuseram a escolha de cada um por antropologia. Investigar as razões que

¹¹ Projeto intitulado *Antropologia no Ceará: tradição e modernidade na produção local*, idealizado e coordenado pelo professor doutor Alexandre Fleming Câmara Vale.

teriam levado esses profissionais a optar por esse campo de saber implicou, da minha parte, a obtenção de informações mais gerais sobre o universo em que se inseriam, ou seja, senti necessidade de conhecer um pouco da realidade da própria Universidade e, principalmente, as formas de inserção dos referidos personagens na instituição. A decisão de estudar suas respectivas trajetórias exigiu também a definição de um recorte temporal para a pesquisa. Assim, a investigação está circunscrita ao período compreendido entre 1957 (ano de implantação do SAFC) e 1970, abrangendo também, desse modo, os três primeiros anos de funcionamento do CCS-UFC. Dessa maneira, foi possível pesquisar as tendências dos estudos etnográficos dessa época¹², as influências teóricas das escolas de Antropologia que marcaram o período, a abordagem do ensino e a percepção dos entrevistados acerca desses assuntos.

Conhecendo, assim, um pouco dos antecedentes da criação do CCS-UFC, e sobretudo considerando-se que, dentre as ciências sociais, a antropologia fora a primeira a se fazer presente no contexto da Universidade do Ceará, de forma concreta através de um Serviço institucional (SAFC), uma pergunta se pôs como norte desta investigação: por que apenas alguns dos indivíduos formados em Ciências Sociais nesta Universidade decidiram enveredar pela carreira antropológica? Deste questionamento, surgiram derivações:

Que antropologia se ensinava nos primeiros anos do CCS-UFC? Quais as correntes antropológicas que permeavam o conteúdo dos planos de aulas ministradas naquele período? Como eram as aulas? Havia menções aos trabalhos publicados pelo IAUC durante as primeiras aulas do CCS-UFC? Se havia, teriam exercido influência sobre as trajetórias intelectuais dos antropólogos estudados? Houve influência dos conceitos de antropologia ministrados nas aulas daquele período para a formação profissional desses antropólogos cearenses? E, posteriormente: como a produção intelectual desses profissionais que se tornaram profissionais da antropologia foi influenciada pelos paradigmas dispostos no meio acadêmico daquela época?

Na tentativa de responder boa parte desses questionamentos, pesquisei alguns textos vistos nesse período escolhido. Ou seja, foi primordial a leitura dos mesmos, além da busca de documentos que afirmassem posicionamentos

¹² Tais tendências foram identificadas através da leitura dos boletins publicados.

intelectuais marcantes da produção acadêmica de cada um dos autores daqueles livros.

Em síntese, o trabalho de construção do mosaico histórico das trajetórias intelectuais desses antropólogos cearenses, contextualizado pelas correntes antropológicas presentes nos textos e no ensino das primeiras turmas de Ciências Sociais mostra-se como um resgate da memória. Uma memória institucional da Universidade Federal do Ceará e do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará e das pessoas envolvidas nesses locais de produção de conhecimento. Daí a importância deste estudo, pois a busca de elementos do passado dessas instituições remete também aos agentes que vivenciaram aquela época.

1.4 Os procedimentos metodológicos

Na pesquisa sobre a trajetória dos três antropólogos, conforme mencionado anteriormente, logo se tornou evidente a necessidade da busca de informações básicas sobre acontecimentos que antecederam a criação do DCSF-UFC (1966) e do CCS-UFC (1968). Nesse sentido, parti para um levantamento bibliográfico e documental em acervos da UFC e do IAUC. Pesquisei os boletins bimestrais da UFC de 1966 a 1970 no prédio da Reitoria, especificamente na sala dos ex-reitores, localizada no primeiro andar. Também fiz a leitura dos boletins de Antropologia do SAFC, publicados de 1957 a 1961, e reunidos em uma coleção organizada pela Fundação Waldemar Alcântara em 2001.

Para coletar o discurso dos antropólogos pesquisados, fiz entrevistas com eles. Foram três interlocuções, sendo uma para cada. Em julho e agosto de 2012, entrevistei, respectivamente, Simone Soares e Ismael Pordeus Júnior. Em janeiro de 2013, obtive o depoimento de Teresinha Alencar. As interlocuções tiveram duração média de duas horas e foram todas realizadas nas respectivas residências dos entrevistados. A escolha desses três professores se deu mediante o meu interesse em estudar a história do CCS-UFC. Por isso, precisava de pessoas que estivessem presentes nos momentos que antecederam a fundação do CCS-UFC. Teresinha Alencar, Simone Soares e Ismael Pordeus Júnior mostraram-se mais acessíveis para as interlocuções: Soares por ter sido minha professora em 2009 na graduação em CCS-UFC; Pordeus Júnior por ser próximo ao meu antigo orientador, professor Alexandre Fleming Câmara Vale, e por ser fundador do Laboratório de Estudos da

Oralidade, ao qual eu pertencia como bolsista remunerado na pesquisa “Antropologia no Ceará: tradição e modernidade na produção local”. A professora Teresinha Alencar me foi apresentada pelo professor Pordeus Júnior e pela professora Soares em um evento no Museu do Ceará. A partir daí, estive em contato com ela, que mostrou-se disposta a colaborar com a pesquisa por meio de seus depoimentos.

Como a pesquisa se norteia pela dimensão histórica de retratar percursos profissionais de três antropólogos cearenses no início da instalação do CCS-UFC, nota-se a importância de articular o estudo etnográfico com a historiografia. Com isso, a estratégia metodológica pretendeu adequar este trabalho com a ideia de Geertz (2001) relativa aos estudos que envolvem o misto das disciplinas de Antropologia e História, a saber,

que a junção da História e da Antropologia não é uma questão de fundir dois campos acadêmicos num novo Isto ou Aquilo, mas de redefini-los em termos um do outro, administrando suas relações dentro dos limites de um estudo particular: as táticas textuais (GEERTZ, 2001, p. 111).

Apoiando-me nessas “táticas textuais” geertzianas para escrever esta monografia, procurei ver as relações de cada entrevistado com os momentos que marcaram a institucionalização das ciências sociais no Ceará. Assim, a tentativa de relatar os fatos do processo histórico que culminou na incorporação do IAUC ao Departamento de Ciências Sociais da UFC corrobora a premissa de que os agentes são sujeitos de ação determinante nesses momentos narrados. De uma forma ou de outra, pretendi mostrar que a trajetória intelectual de cada um deles está ligada a momentos históricos que eles vivenciaram. Afinal, um processo histórico, conforme Sahlins (2008), não requer obrigatoriamente “condições de contato intercultural”. Assim, os três agentes escolhidos para esta pesquisa “agem de formas distintas e de acordo com suas respectivas situações como seres sociais, condições essas tão comuns à ação numa dada sociedade como à interação entre sociedades distintas” (SAHLINS, 2008, p. 17).

Vistos em conjunto, os programas das disciplinas do período de estudo e os históricos de alguns alunos das primeiras turmas do Curso, serviram de base para se ter uma ideia sobre que antropologia se ensinava e estudava¹³. Em concomitância com isso, a partir da leitura dos Boletins de Antropologia do SAFC,

¹³ Especificamente, as disciplinas observadas foram Introdução à Antropologia, Antropologia Geral e Teoria Antropológica.

tentei sistematizar reflexões acerca da abrangência dos conceitos antropológicos presentes naquela época e sua possível influência na carreira profissional dos antropólogos estudados.

Com a obtenção desses documentos, tentei identificar as referências antropológicas presentes nas aulas ministradas e nas pesquisas do Instituto de Antropologia do Ceará. Em concomitância com essa análise, ressalta-se a importância de se conhecer os paradigmas antropológicos, tais como os dispostos por Cardoso de Oliveira (1988) em *Sobre o Pensamento Antropológico*¹⁴. Usando os critérios adotados pelo referido autor, pretendeu-se verificar as eventuais filiações antropológicas dos autores vistos naquele período.

Como parte fundamental para a realização desta pesquisa, foram feitas entrevistas com os três antropólogos estudados. Os seus depoimentos permitiram enriquecimento desta matéria pela qualidade dos relatos acerca das experiências vivenciadas por cada um deles. Porém, há dificuldade em transcrever um texto partindo da oralidade devido às próprias diferenças da linguagem falada para a escrita. Por isso, Zumthor (1983) salienta que a construção de um meio comunicativo que interponha oralidade e escrita deve se fazer pela análise de fragmentos dessa tensão. Assim, essa tensão

se inscreve entre a palavra e a voz e procede de uma contradição nunca resolvida no âmago de sua inevitável colaboração, entre a finitude das normas do discurso e a infinidade da memória; entre a abstração da linguagem e a espacialidade do corpo. É por isso que o texto oral nunca chega a saturação, e nunca preenche totalmente seu espaço semântico (ZUMTHOR, 1983, p. 56-57) [Tradução livre do original em francês].

A partir desse paradoxo entre as “normas do discurso e a infinidade da memória”, proposto por Zumthor, os detalhes das entrevistas puderam contar como elementos importantes para o entendimento da ação dos entrevistados no contexto descrito por cada um deles. Observar as nuances dos depoimentos foi a forma de tentar superar as dificuldades de captar o discurso oral. Por exemplo, na

¹⁴ Os paradigmas antropológicos são classificados por Cardoso de Oliveira (1988) de acordo com o tempo histórico em que os eventos estudados ocorrem (sincronia/ diacronia) e a tradição metodológica (intelectualista/ empirista) dos principais autores de cada corrente ideológica. De pronto, o referido autor ressalta a construção de uma matriz disciplinar em quatro grandes escolas antropológicas, a saber: primeiro, a Escola Francesa de Sociologia, de paradigma racionalista e, em sua forma moderna, estruturalista (sincrônica/ intelectualista); segundo, a Escola Britânica de Antropologia com paradigma estrutural-funcionalista (sincrônica/ empirista); terceiro, a Escola Histórico-Cultural de paradigma culturalista no ambiente norte-americano (diacrônica/ empirista) e por último, e não menos importante, a Antropologia Interpretativa, de paradigma hermenêutico (diacrônica/ intelectualista), também presente nos EUA (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 13-24).

interlocução com a professora Teresinha Alencar foi possível obter informações a respeito de como se dava o ensino de antropologia nas primeiras aulas do CCS-UFC. Em concomitância com esses informes, as entrevistas com as professoras Teresinha Alencar e Simone Soares puderam revelar quais eram os autores mais estudados naquele período, em antropologia, e se havia ou não similaridade entre os conceitos antropológicos presentes nas obras estudadas pelos alunos e aqueles encontrados nos trabalhos etnográficos do IAUC.

O discurso do professor Ismael Pordeus Júnior demonstrou o seu apreço às origens históricas da antropologia cearense. Citações de obras de autores do período de fundação do CCS-UFC aliadas a um panorama de momentos marcantes da vivência como aluno e professor fornecem aspectos que mostram o seu interesse em estudos da memória antropológica do Ceará.

As pesquisas são também enfatizadas pelos antropólogos estudados. Teresinha Alencar relatou a vivência no IAUC, o trabalho de campo pioneiro em antropologia no interior do Ceará e os cursos de capacitação que ela fez. Simone Soares destacou, dentre outros aspectos, o contexto político da ditadura militar no Brasil no período de criação do CCS-UFC. Personagens marcantes, autores dos primeiros trabalhos reconhecidos como antropológicos no território cearense foram citados como variáveis intervenientes na motivação para seguir a antropologia como área do saber profissional de cada um dos entrevistados.

O relato dos antropólogos sobre os acontecimentos vivenciados naquele período é ressaltado por documentos que firmam o caráter histórico de suas falas. Já os autores destacados por eles como marcantes na produção acadêmica, voltada para antropologia, foram citados na visão geral de suas ideias. As pesquisas do IAUC, enfatizadas principalmente por Teresinha Alencar, estão relacionadas entre o dito e o realizado através do discurso conectado com o resumo dos boletins publicados oficialmente. Estes procedimentos metodológicos foram a maneira encontrada para tentar promover um exercício reflexivo de entendimento da mesma escolha profissional de cada um dos três entrevistados: a antropologia.

Os resultados da pesquisa são apresentados nesta monografia na forma de dois capítulos, conforme especificado a seguir:

- a) capítulo 1 – Teresinha Alencar: de pesquisadora do IAUC a professora da UFC: resumo do conteúdo de algumas pesquisas do Instituto de Antropologia do Ceará por meio dos boletins de antropologia; Teresinha

Alencar: a vivência no Instituto, a passagem para a docência na UFC e o conteúdo das aulas ministradas; O estabelecimento de relações: a trajetória intelectual dos pesquisadores e a contribuição (ou não) da teoria vista em sala de aula para a formação profissional de cada um deles.

b) capítulo 2 – De alunos a professores do CCS-UFC: Simone Simões Ferreira Soares e Ismael Pordeus Júnior: a trajetória de Simone Soares e as ações da ditadura no espaço da UFC, momentos marcantes da primeira turma do CCS-UFC, as disciplinas antropológicas ofertadas aos alunos dessa primeira turma e a sua prática docente no CCS-UFC; o depoimento de Ismael Pordeus Júnior sobre o artigo escrito sobre a história da antropologia cearense, a visão dele sobre a importância do IAUC, além de fatos marcantes para ele na criação do CCS-UFC.

Vale ressaltar que a disposição desses capítulos foi atribuída por ordem cronológica da formação intelectual dos três antropólogos pesquisados. Dessa maneira, os eventos marcantes da vida acadêmica de Teresinha Alencar precedem aos de Simone Simões. Por último, o breve relato sobre fatos marcantes na trajetória antropológica de Ismael Pordeus Júnior. Alencar, indo de cargo burocrático a pesquisadora do IAUC e, posteriormente, a professora do CCS-UFC. Soares, de aluna da primeira turma do CCS-UFC a professora vinculada ao Departamento de Ciências Sociais da UFC. Pordeus Júnior de professor colaborador ao cargo de professor titular em substituição a Luiz Fernando Raposo Fontenelle.

2 TERESINHA ALENCAR: DE PESQUISADORA DO IAUC A PROFESSORA DA UFC

Teresinha Helena de Alencar Cunha¹⁵ participou de praticamente todo o curto período de existência do SAFC (posteriormente, IAUC) e foi professora de antropologia do CCS-UFC. Nesse ínterim, cursou o Mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional (MN), no Rio de Janeiro. Sua extensa trajetória intelectual pressupõe muitos acontecimentos que marcaram a sua escolha pela antropologia. No intuito de tentar compreender quais eventos foram mais reconhecidos por ela como fundamentais na opção de carreira intelectual, direcionei a entrevista para situações relatadas por ela na interlocução. De fato, tentar compreender a totalidade de momentos que definiram Teresinha Alencar como antropóloga levaria esta pesquisa a limiares para além de uma monografia, pois o objeto de estudo seria extremamente amplo. A ideia, aqui, é descrever os fatos ressaltados no seu depoimento e, a partir das observações enfatizadas por ela, assinalar um conjunto de fatores que a levaram para antropologia.

Sabe-se que a escolha por uma formação profissional não acontece em apenas um momento e sim se constitui em diversas fases. Nesse sentido, vai se dando dentro de processos sociais nos quais se entrelaçam biografia e história, na afirmação de um determinado conhecimento e de determinadas práticas a ele relacionadas; na interação com outros profissionais pelas possibilidades de acesso a determinadas leituras, enfim, é um conjunto de variáveis que pode exercer influência numa direção ou noutra. Por isso, tentei destacar aspectos no diálogo entre experiência individual de Teresinha Alencar com a antropologia e memória institucional de órgãos como o IAUC e outras unidades da UFC, seguindo o argumento de Fonseca (2004):

O antropólogo traz para qualquer tarefa profissional os hábitos que adquiriu durante sua formação universitária: um determinado ritmo de trabalho (calculado geralmente em anos), uma determinada linguagem (cheia de regressões, rodapés e referências bibliográficas) e uma maneira particular de formular seu objeto de análise. Trata-se de um estilo que nem sempre corresponde às demandas de administradores extra-acadêmicos, os quais em geral esperam, em um prazo de alguns meses, respostas simples a perguntas que formularam de antemão, e isso em uma linguagem clara, sem nuanças nem considerações alheias (FONSECA, 2004, p. 84).

¹⁵ Tratarei a professora Teresinha Helena de Alencar Cunha, neste trabalho, apenas com o nome pelo qual ela ficou conhecida no meio acadêmico cearense: Teresinha Alencar.

A tensão posta entre o trabalho de professora, a linguagem na escrita de textos lidos por ela, vistos nas suas pesquisas e de outros pesquisadores do IAUC, a sua ida a campo com seu objeto de investigação e as obrigações impostas pelo cotidiano dos centros de pesquisa é afirmada no discurso de Alencar. Assim, a análise da sua trajetória intelectual é reforçada de acordo com as suas vivências, tendo abrangência no trabalho antropológico, em suas diversas dimensões, desenvolvido no decorrer do tempo descrito por ela.

Com o cuidado de manter fidelidade aos realces feitos pela entrevistada, procurei, aqui, descrever situações e fatos históricos vividos por ela, ocorridos nas instituições em que atuou¹⁶ e que serviram de alicerce para que ela afirmasse sua escolha intelectual pela antropologia. Conforme Denzin (1984), a análise de atos realizados por uma pessoa acaba mostrando o período histórico em que eles ocorreram, pois “a história de vida revela o homem como um singular universal. As pessoas comuns universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem” (DENZIN, 1984, p. 32).

Dentre os episódios entrelaçados por períodos historicamente relevantes para a antropologia cearense, três são fortemente destacados pela interlocutora. A ordem em que aparecem no seu discurso não corresponde a uma classificação em termos da importância que a entrevistada lhes atribui; seguem, sim, uma linha de pensamento disposta pela cronologia dos acontecimentos. Primeiro, Alencar enfatiza as pesquisas do IAUC – que foram comentadas por ela e explicitadas pela minha leitura dos Boletins de Antropologia do SAFC – e, como membro do órgão de pesquisa antropológica cearense, assinala pontos importantes para a sua formação profissional como pesquisadora. Segundo, Teresinha Alencar se refere à extinção do IAUC e à criação do CCS-UFC, onde ela passa a exercer o cargo de professora de antropologia, vinculada ao então recém-criado Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará (DCSF-UFC). Do primeiro momento ao segundo, ela comenta possíveis influências das pesquisas do IAUC na prática docente da UFC. Terceiro, Alencar salienta a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social no Museu Nacional. Nesse período, tenta mostrar como a

¹⁶ Refiro-me aos fatos históricos ocorridos no IAUC e na UFC, especificamente a extinção do IAUC, em 1968 e a criação do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC, em 1966 com a posterior fundação do CCS-UFC, em 1968.

ampliação do seu conhecimento antropológico serviu de motivação para que ela continuasse a exercer o cargo de professora da UFC.

Vale enfatizar que as pesquisas antropológicas que se utilizam do trabalho de campo são as principais fontes motivacionais de Teresinha Alencar tanto para iniciar quanto para prosseguir em sua carreira acadêmica. Para a entrevistada, as investigações sob sua própria responsabilidade e por pesquisadores no IAUC, o trabalho feito para o MN, bem como outros, posteriormente, na UFC, são momentos marcantes da sua trajetória intelectual. Assim, os detalhes dessas pesquisas foram observados neste estudo. Teresinha Alencar expõe um mosaico de fatores que formaram o saber antropológico construído por ela no decorrer de suas experiências. Significa dizer que foram salientados por Alencar: o vislumbre de sua inserção nos trabalhos de campo, abrangendo a coleta de material, as experiências vivenciadas com os interlocutores e os obstáculos enfrentados por ela no decorrer dessas etapas. Além disso, foi destacado o embasamento teórico que obteve através da leitura de livros antropológicos como algo que a ajudou, quer na busca de dados, quer na sistematização dos mesmos. Na interpretação da entrevistada, há um processo interativo, constante, entre a sua prática docente e as experiências de pesquisa, ao longo da sua vida acadêmica na UFC.

2.1 As pesquisas do IAUC como motivação intelectual de Teresinha Alencar na área antropológica

Teresinha Alencar vivenciou boa parte do processo de instalação, atuação e fechamento do IAUC. Sua entrada naquela unidade (ainda como SAFC) ocorreu no ano de 1957, por meio de um dos cursos de preparação antropológica como aluna. Posteriormente, fez mais um curso preparatório pelo IAUC em 1958¹⁷, simplesmente por “amor à arte”, conforme a mesma se refere. Isso ocorreu devido ao fato de não haver garantias de filiação desses cursos aos Institutos Básicos e, também, porque as pessoas inscritas no curso ofertado pelo IAUC não tinham

¹⁷ Conforme citado na Introdução deste trabalho, o primeiro Curso Preparatório de Antropologia do IAUC teve palestra inaugural proferida por Thomaz Pompeu Sobrinho e foi ministrado em 1957 pelos professores: Florival Seraine e Francisco Alencar, com disciplinas de Antropologia Física e Cultural. O segundo Curso Preparatório de Antropologia do IAUC foi uma continuação ao primeiro (cf. Teresinha Alencar). Nele, havia maior duração de tempo (quatro meses) e mais disciplinas ofertadas. Além de “Antropologia Física”, ministrada por Francisco Alencar e “Culturologia”, por Florival Seraine (já ofertadas no primeiro Curso), foram ensinadas “Etnografia” por Jerson Braga Vieira da Fonseca, “Fisio-Psicologia” por José Rômulo Barbosa e “Prática de Pesquisa de grupos sanguíneos” por Baltasar Coelho Neto (cf. Boletim do SAFC, vol. 2, 1958, p. 75-76).

garantia de continuidade de uma pretensa ligação com a instituição. Estes aspectos são retratados por ela neste trecho da entrevista:

Como você viu, o Instituto de Antropologia foi fundado de 1957. Eles ofereceram um curso de curta duração, salvo engano, de três meses; era um curso preparatório para antropologia. Eu fiz o primeiro curso. No ano seguinte, eles ofereceram uma continuação desse curso, já com quatro meses; eu fiz o segundo curso. Então, se dizia o seguinte: ele não tinha uma vinculação direta com a universidade, porque tinha os Institutos Básicos, como tinha Matemática, como tinha Economia que eram um quadro à parte. Então, eu trabalhei praticamente dois anos de graça, como voluntária, porque eu tinha interesse em antropologia e não tinha nada de antropologia aqui. Isso tudo foi criado pelo Dr. Pompeu, avô do [professor] João Pompeu, que eles trabalhavam no DNOCS. Dr. Pompeu era antropólogo sem uma formação propriamente antropológica. Os “antropólogos” cearenses, na época, eram médicos em sua grande maioria, às vezes engenheiros, muitos da área de biologia. Só era uma inovação porque era coisa diferente. Não existia o departamento de sociologia, nem de ciências sociais (Teresinha Alencar).

O anseio inicial de Teresinha Alencar era permanecer no quadro de funcionários do IAUC. Afinal, o apreço pela antropologia gerava a motivação para ela estar presente no meio de históricos pesquisadores cearenses, como Thomaz Pompeu Sobrinho. Em 1958, após o término do segundo Curso Preparatório de Antropologia do SAFC, Teresinha Alencar passou a fazer parte do IAUC com um cargo administrado: tornou-se datilógrafa. Por quase dois anos (entre 1958 e 1959) ela trabalhou como voluntária, até ser efetivada e, conseqüentemente, remunerada. Paralelamente, ela fez vestibular para o Curso de História, na Faculdade Católica (atualmente UECE), agregada à UFC naquela época. Ela ressalta que optou pelo Curso de História devido a não ter faculdade de antropologia nem de ciências sociais no Ceará. Assim, procurou o curso de nível superior com maior número de disciplinas voltadas para a antropologia, conforme ela reforça:

Então, eu entrei no Instituto com um cargo administrativo. Por que não existia antropologia, eu fiz faculdade depois dos primeiros cursos de antropologia. Fiz na Faculdade Católica, o que hoje é a UECE, que era agregada à UFC. Eu procurei no currículo qual curso tinha mais disciplinas na área de antropologia. Aí apareceram dois cursos: História e Geografia. História tinham três disciplinas, não com nome de antropologia, mas com o nome de etnologia e etnografia. Eu fiz esses cursos e entrei como escrevente datilógrafa, nível 7, um cargo administrativo (Teresinha Alencar).

A seleção para o curso superior, naquela época, era composta por várias etapas e provas diversificadas que exigiam amplo desempenho cognitivo dos candidatos para conseguir a aprovação. Alencar coloca os detalhes da prova do vestibular e as dificuldades em conciliar o seu trabalho no IAUC com a Faculdade de História:

Em 1957, eu comecei a fazer o primeiro curso preparatório do Instituto de Antropologia. Em 1959, eu fiz o vestibular para História, a primeira turma que foi separada. Eu fiz História. Era loucura, porque eu tinha um emprego, trabalhava em um cartório; trabalhava na universidade e no cartório. Em 1959, fiz o vestibular e me preparei três meses. Era muito difícil. Nessa época, tinha prova escrita e oral. Quando você terminava as provas escritas que você passava, aí você ia fazer as provas orais, que eram piores, né? Eu achava que era pior. Era uma prova de conhecimento geral. Eu continuava no Instituto. Em 1962, quando terminei História, ainda estava no Instituto. (...) O curso de História eram quatro anos. No currículo, tinham mais disciplinas de etnografia e etnologia do que tem hoje (Teresinha Alencar).

Dentro do IAUC, mesmo ainda como datilógrafa, Teresinha Alencar já se iniciava nas pesquisas de campo, usando os ensinamentos obtidos nos cursos preparatórios. Ela relata a respeito de um dos primeiros trabalhos de campo de sua trajetória, auxiliando pesquisadores em um estudo antropométrico de alunos de escolas de Fortaleza.

Tudo que era pesquisa eu datilograva. Eu fazia pesquisa de antropologia física, hoje biológica. Então, nós fazíamos estudos antropométricos, como na Escola Normal Justiniano de Serpa e no Liceu do Ceará. Foram equipes. Nós saímos de casa umas 5h30 da manhã para pegar a primeira turma de alunos. Foram duas equipes, uma feminina da qual eu fiz parte: eu e Lucy Girão, na época. E o João Pompeu e mais dois estagiários e voluntários na outra equipe. Então, foram as primeiras pesquisas, na área de antropologia física (Teresinha Alencar).

Além disso, Teresinha Alencar observava os pesquisadores do IAUC em ação nos trabalhos de campo. Ao exemplificar as atitudes de Thomaz Pompeu Sobrinho em uma vivência de investigação do IAUC, Alencar denota que o ofício de antropóloga foi moldado pela ida ao ambiente de observação onde ocorriam as investigações, pela percepção de pesquisadores mais experientes e pela permanente leitura de documentos e teorias antropológicas referentes às pesquisas:

Porque todo o meu aprendizado de antropologia começou no Instituto ;a gente não só começou com antropologia física, mas a gente também fazia visitas nas comunidades. Por exemplo, Quixadá, a gente tinha, em Santo Estevão, tinha uma comunidade negra, a gente visitava. A gente passava o dia lá. Tinha o doutor Pompeu fazia as pesquisas fazia as coisas lá, mas a gente acompanhava. Quer dizer a gente aprendeu muito assim, olhando mesmo, como é que ele fazia, como é que ele falava. A gente lia muito. Por exemplo, problema de seca, ele trabalhava no DNOCS, então a gente leu muita coisa sobre seca, sobre essas coisas todas (Teresinha Alencar).

Em 1966, com a chegada de alguns profissionais especializados em antropologia ao IAUC, Teresinha Alencar se sentiu mais motivada em continuar o seu trabalho na área antropológica. Pesquisadores experientes se filiaram ao IAUC e houve a necessidade de assessoria a eles, visto que o IAUC estava

acrescentando outros temas ao seu Plano de pesquisa e era necessário um maior efetivo de pessoas capacitadas para auxiliarem em projetos de investigação, em diversas localidades do Ceará. Assim, a diretoria do IAUC logo promoveu a realização de um concurso interno, entre os funcionários da instituição (nos quais Teresinha Alencar se incluía), para o cargo de pesquisador assistente. Teresinha Alencar se inscreveu e foi aprovada no processo seletivo juntamente com João Pompeu, que posteriormente também se tornaria professor da UFC.

Quando o pessoal, isto é, prof. Fontenelle, Hélio Barros, João Pompeu e Luiz Gonzaga¹⁸ começaram a entrar para o Instituto de Antropologia, eu pensei comigo “o negócio tá aqui... uma coisa importante vai acontecer”. Nessa época houve o concurso interno onde eu e João Pompeu passamos a serem pesquisadores. Então o Luiz Gonzaga e o Hélio Barros eram pesquisadores de nível mais alto. E nós (eu e João Pompeu) éramos pesquisadores assistentes (Teresinha Alencar) [Grifo meu].

Esse concurso interno realizado pelo IAUC consistia de leituras de livros adotados como modelos de etnografias de comunidades e na produção de um texto embasado em pesquisa antropológica de autoria do pretendente à vaga de pesquisador assistente. Essa investigação deveria ter obrigatoriamente o trabalho de campo como característica marcante, sendo o local para o estudo escolhido previamente pelos membros da comissão de seleção¹⁹ do IAUC. Alencar destaca, aqui, a importância de Pompeu Sobrinho em sua formação como pesquisadora na área de antropologia:

Esse concurso era, assim, por exemplo, me mandaram... Tinha a parte de livros que a gente lia e discutia... O concurso basicamente eu tive que fazer um trabalho lá numa torrefação, um trabalho etnográfico, que eu não lembro o nome. Eles escolhiam o local da pesquisa. Eu fiz esse trabalho porque já tinha uma prática grande, porque aprendi muito, demais com o Dr. Pompeu. Ele era um homem simples e ajudava muitas pessoas e ele, foi assim, digamos, meu primeiro mestre em antropologia.

(...) Dr. Pompeu ensinava como a gente devia fazer uma pesquisa de antropologia, como se comportar em campo, como se fazia uma pesquisa de antropologia física. A gente teve aula de anatomia, uma série de cursos dentro disso, nós estudávamos muito. Essas aulas eram à noite, de 19h as 22h. Eu morava perto, na av. Carapinima, era só um quarteirão de distância e facilitou demais meu aprimoramento profissional (Teresinha Alencar)

¹⁸ A interlocutora refere-se, respectivamente, aos professores: Luiz Fernando Raposo Fontenelle, Hélio Guedes Campos Barros, João Pompeu de Souza Brasil e Luiz de Gonzaga Mendes Chaves.

¹⁹ Os professores que participaram da seleção do concurso interno do IAUC para pesquisadores assistentes, segundo Teresinha Alencar, foram Thomaz Pompeu Sobrinho, Francisco Alencar e Florival Seraine. Ou seja, pode-se prever que eles já conheciam Teresinha Alencar e suas qualidades de pesquisadora por terem sido seus professores nos cursos preparatórios de antropologia e por estarem no convívio com ela nas funções burocrático-administrativas desempenhadas por ela na função de datilógrafa.

Dos referidos professores de Teresinha Alencar, vale destacar os trabalhos publicados – através dos Boletins de Antropologia do SAFC – de Thomaz Pompeu Sobrinho, Francisco Alencar e Florival Seraine. Justamente os três pesquisadores presentes na organização do primeiro Curso Preparatório de Antropologia, do qual Teresinha participou como aluna. É evidente que eles exerceram influência na sua escolha pela antropologia. Por isso, três pesquisas deles – divulgadas por meio dos Boletins de Antropologia do SAFC – serão ressaltadas a seguir para tentar compreender como o seu conteúdo motivou o trabalho de Teresinha Alencar como pesquisadora.

De antemão, é importante salientar que “Noções sobre o conceito de antropologia”, de Thomaz Pompeu Sobrinho (1957), forneceu a base para Alencar compreender as classificações e delimitações – presentes naquela época – do estudo antropológico. Já “Contribuição à prática elementar de pesquisa antropométrica”, de Francisco Alencar (1957), definiu, e com certeza ela pôde estudar, os conceitos e a importância da antropologia física em seu conhecimento de pesquisadora, esclarecendo os pontos de apoio que a antropometria priorizava nas investigações daquela época. Por fim, e não menos importante, “Curral de pesca no litoral cearense”, de Florival Seraine (1958), influenciou o saber antropológico de Teresinha Alencar com a influência de autores estrangeiros – principalmente estadunidenses – na formulação de paradigmas da antropologia cultural. Além disso, conforme veremos posteriormente, a pesquisa de Seraine (1958), idealizada e motivada por Pompeu Sobrinho, serviu de base para a formulação dos Planos Socioculturais de estudos, elaborados por Pompeu Sobrinho: primeiramente, em 1959²⁰, tendo Nordeste inteiro como objeto de uma vasta pesquisa e, depois, o Ceará, em 1960²¹.

²⁰ IN: *Valorização do Nordeste: um plano de estudo sócio-cultural da área nordestina* de Thomaz Pompeu Sobrinho, publicado no vol. 3 dos Boletins de Antropologia do SAFC, em 1959.

²¹ Vale ressaltar que esses dois planos de pesquisa, elaborados por Pompeu Sobrinho, foram contribuições marcantes para a execução da grande pesquisa de áreas pesqueiras litorâneas, iniciada em 1966 no IAUC, já com a direção de Luiz Fernando Raposo Fontenelle. Especificamente, o *Plano de Pesquisa Sociocultural do Ceará* (1960) foi a ideia inicial para a formulação dos Projetos de Pesquisas em Áreas Pesqueiras Litorâneas, divulgados no Plano Anual de Trabalhos do IAUC, de 1966, com um “*explicandum*” de ampliação de objetivos e adequação de critérios mais socioculturais e menos fisiográficos (características mais acentuadas do Plano elaborado por Pompeu Sobrinho) (MENEZES NETO, 1991, p. 28-29).

2.1.1 “Noções sobre o conceito de antropologia” (1957), de Thomaz Pompeu Sobrinho

Pompeu Sobrinho (2011 [1957]) inicia o texto com várias definições do conceito de antropologia. O referido autor destaca a polêmica entre os gregos sobre a natureza humana ser composta principalmente de corpo ou de espírito, as derivações desse embate com “descrições da alma”, de Magnus Hundt, e o “tratado da alma e do corpo do homem”, dos enciclopedistas franceses Diderot e D’Alambert, até chegar ao conceito da antropologia, concebida esta como “conhecimento do homem sob os aspectos físico e moral” por W. Edward. Posteriormente, Pompeu Sobrinho se refere ao método científico, de Paulo Broca, na França no século XIX, de acordo com o qual a antropologia é vista como “história natural do homem” (POMPEU SOBRINHO, 2011 [1957], p. 105-106).

Pompeu Sobrinho (2011 [1957]) conclui que a evolução do conceito de antropologia expressa uma multiplicidade de esferas de conhecimento dentro dessa área. Para o autor, a antropologia direciona seu conhecimento para a compreensão da natureza do homem, tanto biológica quanto espiritual, para a orientação da vida social e privada. Daí, as várias áreas de estudo antropológico se ramificam para entender a complexidade do homem (POMPEU SOBRINHO, 2011 [1957], p. 107).

Nessa perspectiva, Pompeu Sobrinho (2011 [1957]) divide o saber antropológico em: Antropologia Física e Antropologia Cultural. Recorrendo à Biologia, a Antropologia Física trata de elementos hereditários, que são representados por características fixas e permanentes. Enquanto que a Antropologia Cultural, com o auxílio da Arqueologia, abrange obras humanas, materiais ou espirituais, como “patrimônio criado”, dependendo do meio social e se modificando frequentemente. A Antropologia Física se subdivide em Geral e Sistemática. Ele define que a Antropologia Geral investiga o homem como indivíduo “sem as relações mesológicas” enquanto que a Antropologia Sistemática (ou Étnica) estuda o homem em relação com a sociedade, através de suas manifestações coletivas (POMPEU SOBRINHO, 2011 [1957], p. 110-111). O referido autor classifica as demais subdivisões da Antropologia Física (Geral e Sistemática) como provenientes de metodologias de estudo especializadas, vinculadas a diversas áreas científicas, a saber:

- a) Antropologia Geral

- Zoológica (subdividida em Primatologia, Antropogênese, Paleoantropologia);
 - Somática (subdividida em Genética, Embriologia Humana Comparada, Anatomia Antropológica, Fisiopsicologia Antropológica, Antropotipologia);
- b) Antropologia Sistemática
- Racial (subdividida em Raciologia, Geoantropologia);
 - Bioetnologia (dividida em Etnogeografia, Etnobiologia).

Pompeu Sobrinho (2011 [1957]) finaliza o trabalho ao dar um destaque especial à Antropologia Cultural. Ele divide esse ramo da antropologia em Etnografia e Etnologia. Na Etnografia, segundo o autor, são analisadas as “configurações externas” da cultura, expositivas. Na Etnologia, que segundo Pompeu Sobrinho “pressupõe a Etnografia”, são estudadas as “configurações internas”, funcionais (POMPEU SOBRINHO, 2011 [1957], p. 112-115)

O estudo antropológico, segundo Pompeu Sobrinho, deve ter como preocupação não só o conhecimento sobre o homem, mas também deve resultar em formas de contribuição para a melhoria de suas condições de vida. Isto transparece nos parágrafos finais do artigo, bem como está claramente presente em projetos e planos de atividades do IAUC. O autor afirma que, no Brasil, há “desajustamentos à terra e desajustamentos sociais” de “caráter grave” e que tais assuntos são também de interesse da antropologia, na medida em que se pretende contribuir para que o homem possa viver com igualdade social. De certo modo fiel a essas ideias de Pompeu Sobrinho, Teresinha Alencar, como pesquisadora, procurou dar sua contribuição nesse sentido, como veremos mais adiante²².

Pompeu Sobrinho considera que a sociedade brasileira tem baixo nível cultural em todas as classes sociais e que isso, “deveria inspirar a multiplicação de institutos de antropologia”. Percebo, assim, que na visão do autor, a antropologia é uma ciência que permite melhorar as condições de vida do homem e ampliar o conhecimento intelectual de quem se dedica ao estudo da disciplina. Como os problemas que ocorrem estão também na atualidade e não apenas restritos às sociedades “primitivas”, Pompeu Sobrinho deseja “criar a carreira de antropólogo” no

²² Refiro-me a pesquisa que Teresinha Alencar realizou para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social no Museu Nacional, UFRJ, intitulada *Terra de promessa: luta pela subsistência de um povoado na frente de expansão do Sudoeste do Maranhão*, defendida em 1977.

Brasil (POMPEU SOBRINHO, 2011 [1957], p. 113-114). Finalizando sua aula, Pompeu Sobrinho exalta a competência dos professores Francisco Alencar e Florival Seraine e faz voto de êxito para os cursos preparatórios em antropologia a serem iniciados:

Fazendo votos para que os cursos de Antropologia Física e de Antropologia Cultural, que vão ser iniciados, sob a competente responsabilidade dos professores Florival Seraine e Francisco de Alencar, sejam coroados do mais completo êxito, produzindo todos os frutos práticos que da sua estruturação se permite esperar, dou por terminada esta primeira aula, comum aos dois cursos, certo de que, por iniciativa sábia da nossa Universidade, uma nova e promissora era de cultura superior germinará desta semente que se vem de lançar em solo fértil, com tanto ânimo e vigor, visando ao bem da Nação e da Humanidade (POMPEU SOBRINHO, 2011 [1957], p. 115).

Conforme se percebe na própria citação de Pompeu Sobrinho, esse trabalho é proveniente da aula teórica, ministrada por ele, na abertura do primeiro Curso Preparatório de Antropologia do SAFC. Teresinha Alencar, presente naquele momento, teve ali um dos seus primeiros contatos com a disciplina antropológica. Isso condiz com a sua ideia de considerar Pompeu Sobrinho como o seu grande “mentor intelectual”.

2.1.2 “Contribuição à prática elementar de pesquisa antropométrica” (1957), de Francisco Alencar

Francisco Alencar (2011 [1957]) inicia o trabalho mostrando os primeiros estudos antropométricos ligados à arte na Pré-História. Segundo ele, inconscientemente se começou o “conhecimento regulado das proporções”. Na interpretação do autor, a pesquisa antropométrica é de caráter científico, uma vez que se fundamenta na coleta de dados, para o que requer instrumental próprio e a sua efetivação implica formulação de hipóteses. Tal pesquisa tem como objetivo, segundo Alencar, “medir o corpo humano e as diversas partes que o integram”. A mensuração desses dados, diz ele, é feita a partir do preenchimento da ficha antropométrica, concebida como unidade indispensável do trabalho, pois expõe “o padrão adotado para estabelecer o desenvolvimento físico do indivíduo” (ALENCAR, 2011 [1957], p. 80-82).

Constituem-se itens da ficha antropométrica:

- a) Coloração (cabelo, pele, olhos);
- b) Tipo de cabelo;
- c) Forma crânica;

- d) Forma do esqueleto da face e de suas partes;
- e) Peculiaridades de ordem fisionômica (como, por exemplo, forma do nariz, dos lábios, dos olhos, etc.).

Para o preenchimento dessa ficha antropométrica, Alencar destaca as seguintes habilidades “próprias da natureza científica”: objetividade, disposição e clareza. Por fim, Alencar relata uma pesquisa antropométrica realizada no Nordeste, que utilizaram corpos humanos da Brigada Militar de Pernambuco²³. Na sua concepção, essa pesquisa pode ser considerada como um “marco no estudo antropológico do nosso homem” (ALENCAR, 2011 [1957], p. 83). A partir disso, Alencar divide as pesquisas antropométricas em: Craniometria e Antropometria das partes moles, abrangendo como objeto de estudo, respectivamente, o crânio e a cabeça, tronco e membros. Assim, Francisco Alencar esclarece, a respeito do que será ministrado no Curso Preparatório de Antropologia:

Podemos dividir o corpo humano de acordo com as divisões clássicas que facilitam a sistematização da pesquisa antropométrica. Assim considerá-íamos como partes distintas ao nosso estudo a cabeça e o conjunto tronco e membros. Vale salientar que poderíamos também, excluindo o referido conjunto (tronco e membros), proceder a estudos da cabeça, fazendo cefalometria. No nosso Curso procuraremos estudar e desenvolver a pesquisa antropométrica no corpo humano, no seu todo (ALENCAR, 2011 [1957], p. 95) [Grifos do autor].

Em cada uma dessas divisões, Cefalometria e Antropometria das partes moles, o autor esmiúça um cabedal de critérios técnicos que levam em consideração padrões anatômicos. Além disso, o conjunto de instrumentos utilizados para a prática antropométrica é descrito. Pontos antropométricos e algumas medidas da cabeça, do crânio, do tronco e dos membros são detalhados em suas possibilidades de averiguação e encontro no anatomia humana.

2.1.3 “Curral de pesca no litoral cearense” (1958), de Florival Seraine

Com realização dos trabalhos no município de Paracuru, Ceará, essa pesquisa tinha por objetivo fazer uma “reconstrução histórica” das dimensões de influência de uma nova prática pesqueira – o curral de pesca – sobre a população local. Seraine (2011 [1958]) queria averiguar não só esse processo, mas também o

²³ Francisco Alencar (2011 [1957]) afirma que essa pesquisa foi realizada pelos antropólogos portugueses Álvaro Ferraz e Andrade Lima Jr., intitulada *Morfologia de Homem do Nordeste* (1957).

grau de “utilidade” e “compatibilidade” na “aceitação de traços culturais novos” (LINTON, 1976 [1952] *apud* SERAINE, 2011 [1958]).

Teoricamente, a pesquisa realizada por Seraine apoia-se em autores da antropologia desenvolvida nos EUA. Marcados pela presença na Escola Histórico-Cultural Culturalista no ambiente norte-americano, autores como Ralph Linton²⁴, Melville J. Herskovits²⁵ e Robert Harry Lowie²⁶ estão presentes na busca de Seraine de encontrar “condições mentais” das pessoas na compatibilidade de aceitação de um novo “grupo grupo social assimilador” (SERAINE, 2011 [1958], p. 44). Por isso, entendo o apelo de Seraine na perspectiva de conseguir uma “reconstrução histórica” de como o tipo de pescaria, que se utiliza do “curral” como instrumento de captação, teria se implantado em Paracuru a partir de uma possível influência de uma zona pesqueira mais antiga, localizada no município de Acaraú, Ceará.

Embora buscasse explicar como ocorreu a difusão de uma nova técnica de pesca para outras localidades, Seraine (2011 [1958]) afirma haver se deparado no trabalho de campo com dificuldades que o impediam de realizar seu intento, conforme se observa no trecho a seguir:

Os elementos de que podemos dispor, quer no plano da observação, quer no da documentação, não nos permitem, evidentemente, uma determinação minuciosa e precisa das “qualidades” do complexo curral – de acordo com a classificação de Ralph Linton²⁷ – bem assim de suas interrelações íntimas e com categorias funcionais mais amplas e inclusivas. Essa deficiência de ordem metodológica decorre em parte do nosso reduzido convívio com os integrantes da sociedade local diretamente interessados na atividade cultural em apreço (SERAINE, 2011 [1958], p. 24) [Grifo meu].

²⁴ O antropólogo estadunidense Ralph Linton (1893-1953), estudou na Universidade de Harvard, EUA, e “representava outras peculiaridades da herança boasiana diferentes das de Benedict”, tais como a reformulação de “personalidades em escala ampliada” da autora. Assim, segundo Eriksen & Nielsen (2012), Linton recebeu destaque pelos trabalhos “microsociológicos” e ligados a “antropologia psicológica” (ERIKSEN; NIELSEN, 2012, p. 74, 81).

²⁵ Melville J. Herskovits (1895-1963), aluno de Franz Boas, foi fundador dos estudos afro-americanos nos EUA e professor no Departamento de Antropologia na Northwestern University. Em 1947, Herskovits foi um dos principais autores de uma advertência, publicada pela American Anthropologist Association (AAA), contra o imperialismo cultural e a favor do processo de descolonização (ERIKSEN; NIELSEN, 2012, p. 55, 96).

²⁶ Robert Harry Lowie (1883-1957), antropólogo austríaco, também foi aluno de Boas na Universidade de Columbia, Nova York. Posteriormente migra para a Califórnia, onde se destaca por ser um dos fundadores do Departamento de Antropologia da Universidade de Berkeley. Representou uma corrente de pensamento antropológico, inspirado por Boas no difusionismo e distanciado do “particularismo histórico” dele, onde aplicou preceitos de uma “evolução multilinear” dos povos estudados mediante a compreensão de culturas nativas pela história em comum entre elas. Por isso, é considerado como um antropólogo que aplicou o “particularismo histórico” boasiano para criar um neoevolucionismo que, embora multilinear, pregava uma sucessão histórica de particularidades (ERIKSEN; NIELSEN, 2012, p. 54, 73, 81, 98).

²⁷ IN: LINTON, R. O homem: uma introdução à antropologia, 1976 [1952].

Essas “qualidades do complexo curral”, citadas por Seraine em conexão com Linton (1976 [1952]), estão ligadas às noções de *status* e *papel* analisadas pelo autor estadunidense. Para Linton, *status* compreenderia uma forma mais ampla, estável, que se mantém fixa ao longo do tempo mediante a permanência dos costumes sociais de uma coletividade. Por outro lado, *papel* expressaria uma subordinação ao *status*, pois é característica de idiossincrasias dos agentes, sujeita às interpretações da maneira como o *status* é visto por cada uma das pessoas. O *papel* é mutável e exige conhecimento do ator social sobre o *status* coletivo em que está inserido (cf. LINTON, 1976, p. 128-146). Essas “qualidades” distintas não foram identificadas por Seraine na pesca de curral devido a pequena quantidade de inserções de pesquisadores no campo de observação. Talvez a tentativa inicial de Seraine fosse analisar como o *status* da atividade pesqueira, comum à prática da maioria dos pescadores de Paracuru, teria sido modificada em um *papel* específico: a pesca de curral realizada por alguns deles. O que também possa ter dificultado a inserção desses conceitos na análise da pesquisa é que Linton os utiliza para indivíduos e não para instituições sociais ou estruturas organizacionais de uma comunidade. Logo, Seraine pode ter se visto obrigado a fazer um estudo mais próximo dos observados, procurando estabelecer correspondência entre os pensamentos deles e as categorias analíticas de Linton, o que foi impossibilitado dada a breve permanência em campo durante o trabalho de investigação.

Dessa maneira, o estudo de Seraine (2011 [1958]) obteve resultados das particularidades observadas. O autor refere-se à comunidade de pescadores de Paracuru como representantes da “folk-culture [cultura popular]”, ou seja, essas pessoas difundem padrões diversos de aceitação de um novo modo cultural (cf. SERAINE, 2011 [1958], p. 24; ERIKSEN; NIELSEN, 2012, p. 85).

É relevante salientar que através dessa investigação inicial sobre o curral de pesca foi possível despertar o interesse pela continuidade do estudo em outras localidades. Thomaz Pompeu Sobrinho se viu, a partir de Seraine, a elaborar um projeto mais amplo²⁸ que albergasse diversas áreas pesqueiras no litoral cearense. Essa seria a “coisa importante” pressentida por Teresinha Alencar ao ver aumentar o número de pesquisadores no IAUC e observar, também, a realização de um

²⁸ Refiro-me ao *Plano de Pesquisa Sociocultural*, de 1960, elaborado por Thomaz Pompeu Sobrinho. Esse Plano será detalhado aqui, na seção em que se analisam aspectos da trajetória intelectual do antropólogo Ismael Pordeus Júnior (cf. Boletim de Antropologia do SAFC, nº 4, vol. IV, 1960).

concurso interno para pesquisador assistente em 1966, já com a direção de Luiz Fernando Raposo Fontenelle.

2.2 Teresinha Alencar passa a ser pesquisadora do IAUC e participa dos Projetos de Pesquisa em Áreas Pesqueiras Litorâneas²⁹

Com a saída do Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho da direção do IAUC, em 1966, assume o antropólogo Luiz Fernando Raposo Fontenelle. Logo, reformas institucionais acontecem no órgão, que passou a integrar os Institutos Básicos. Mais do que isso, Fontenelle instaura um período em que grandes pesquisas são idealizadas pelo IAUC. Alencar destaca essa época como importante período de sua ascensão profissional, quando passa a ser designada pesquisadora.

O pessoal do Instituto já estava pensando nas áreas pesqueiras. Depois da saída do Dr. Pompeu do Instituto, houve uma primeira reforma da instituição. Em 1966, começou a era das grandes pesquisas. Por que nas outras geralmente se trabalhava de maneira mais localizada.

Passado isso, então em 1968 ou 1969, acabaram os institutos básicos. Em 1968 foi feita uma grande pesquisa ainda criada pelo Dr. Pompeu³⁰, pesquisas das áreas pesqueiras litorâneas. Essas pesquisas começaram a formar os primeiros antropólogos e sociólogos. Cientistas políticos não, porque não falavam (Teresinha Alencar) [Grifo meu].

As investigações em áreas pesqueiras foram distribuídas em duas localidades: Canoa Quebrada e Almofala. Teresinha Alencar foi enviada para Canoa Quebrada como pesquisadora assistente do professor coordenador Hélio Guedes Campos Barros. Em Almofala, o grupo foi coordenado por Luiz de Gonzaga Mendes Chaves e sua assistente era Maria Bruhilda Teles. Teresinha Alencar afirmou que havia muitos estagiários, principalmente da área de Educação (visto que não tinha o CCS-UFC naquela época), que auxiliavam os pesquisadores nos trabalhos de campo. A divisão do tempo, de acordo com as possibilidades dos envolvidos na pesquisa, é destacada por Teresinha Alencar em concomitância com o modo de organização das equipes:

Nós tínhamos reuniões com as duas equipes. Geralmente nós passávamos três semanas em Canoa Quebrada com a equipe inteira, porque tinham uns

²⁹ Tentei retratar a visão de Teresinha Alencar sobre as pesquisas em áreas pesqueiras litorâneas no Ceará, das quais ela fez parte como pesquisadora. Com isso, os seus relatos foram mais voltados para a composição das equipes e execução das atividades no campo de observação em Canoa Quebrada. Os objetivos principais da formulação do projeto pelo professor Luiz Fernando Raposo Fontenelle, vinculados aos processos institucionais do IAUC, serão retratados mais adiante na visão da memória institucional da UFC pelo professor Ismael Pordeus Júnior.

³⁰ As pesquisas litorâneas em áreas pesqueiras foram idealizadas pelo Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, conforme citado por Teresinha Alencar. Todavia, a sua execução aconteceu no período em que o IAUC foi dirigido pelo professor Luiz Fernando Raposo Fontenelle, entre 1966 e 1968.

estudantes que não podiam passar mais do que dez dias. Então nós tínhamos dois ou três estagiários na área de educação, tanto em Almofala quanto em Canoa Quebrada. Eu ficava três semanas, o Hélio Barros ficava mais três semanas, sendo que uma dessas semanas eu ficava só porque a gente preenchia o mês todo. Durante o mês, eu só passava uma semana em casa. E o Hélio também. A mesma coisa era o Luiz Gonzaga e a Bruhilda que era a assistente dele (Teresinha Alencar).

Essas pesquisas duraram quase dois anos, de 1966 a 1968. E enquanto elas duraram a motivação de Teresinha Alencar em continuar a carreira antropológica residia, também, na leitura de muitos livros para embasar teoricamente os relatórios dos resultados das investigações de campo. Teresinha Alencar afirma que em dois anos de pesquisa na área pesqueira litorânea, ela pôde ler cerca de vinte livros de antropologia. Além de ser utilizada para a escrita dos textos produzidos no decorrer da pesquisa, a leitura era importante para o debate intelectual que acontecia nas reuniões entre as equipes. Um desses livros marcantes é ressaltado pela interlocutora nesta fala:

Eu lembro que um deles foi “Cunha”³¹ ... [de Emílio Willems]. Aqueles do Herskovits³², era trabalho de comunidade, basicamente. Agora era muita coisa, livros mesmos que tratavam de estudos de comunidade. Eram trabalhos frutos de pesquisas já do pessoal do Rio de Janeiro e São Paulo. Livros do Florestan Fernandes, que começou fazendo antropologia e depois virou sociólogo. Eu me lembro muito de “Cunha”, que foi um dos livros que mais me impressionou, que era uma comunidade no interior de São Paulo (Teresinha Alencar).

A respeito desses livros mencionados por Teresinha Alencar, vale ressaltar a similaridade dos objetos de estudo: as comunidades. A forte influência da antropologia norte-americana moldava essa linha de pensamento de fazer estudos sobre populações que se caracterizavam por problemas econômicos, muitas vezes ligados à posse de terra e índices alarmantes de pobreza. O próprio Emílio Willems, citado por Corrêa (1987), enfatiza que ao escrever o referido livro sobre a comunidade Cunha foi influenciado por etnografias produzidas nos EUA sobre populações camponesas:

³¹ Teresinha Alencar refere-se ao livro de Emílio Willems (1948): *Cunha, tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*.

³² A interlocutora ressalta a importância dos três volumes de Antropologia Cultural de Melville J. Herskovits, obra que abrange boa parte da influência teórica dos intelectuais dessa época em que Teresinha Alencar era pesquisadora do IAUC. Como será visto posteriormente, Simone Soares também citará esses livros de Herskovits como importantes para a sua formação teórica na área antropológica.

Inspirado pelos trabalhos de Robert Redfield³³, na Península de Yucatã, México, resolvi verificar as hipóteses propostas pelo exímio antropólogo de Chicago, numa comunidade tradicional de São Paulo. Escolhi Cunha porque a vila, depois de um longo período de isolamento, estava passando por uma fase de mudanças culturais do tipo que Redfield havia observado no México. (...) A minha monografia sobre Cunha foi publicada em 1948 e, em segunda edição, em 1962, sob o título *Uma vila brasileira* (WILLEMS *apud* CORRÊA, 1987, p. 120). [Grifo meu].

Esses “estudos de comunidade”, de Herskovits, Willems e Redfield, foram marcantes na influência teórico-metodológica de Teresinha Alencar principalmente na escolha do tema de sua dissertação de mestrado no Museu Nacional. Por isso, foi destacada uma seção que trata especialmente do período em que Alencar esteve no MN e pôde vivenciar diversas experiências bastante enfatizadas na sua entrevista.

Porém, antes de Teresinha Alencar cursar o Mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional, ela vivenciou o período da extinção do IAUC e a criação do CCS-UFC, em 1968. A antropóloga lamenta o fechamento do IAUC no período em que o mesmo “estava no auge de suas pesquisas”, o que decorreu da Reforma Universitária promulgada pelo MEC. Ela lembra, também, que as pesquisas litorâneas estavam ainda em andamento quando o órgão foi fechado pela reforma imposta pela ditadura militar, atrapalhando o desenvolvimento das pesquisas antropológicas no Ceará, “ou seja, na hora em que o Instituto começou a ter pesquisas maiores, ele fechou repentinamente.

Com o fim do IAUC, Teresinha Alencar passou a integrar o corpo docente do recém-criado DCSF-UFC. Na seção a seguir, mais elementos presentes no discurso da antropóloga mostram suas motivações em ter como atividade profissional o exercício da carreira antropológica, agora como professora.

³³ O antropólogo Robert Redfield (1897-1958) tinha como principal objeto de estudo as comunidades camponesas, pela América Latina, Índia e Europa Central. Redfield tinha como pressuposto uma aceitação de um “hibridismo cultural” entre “folk culture [cultura popular]” (citado anteriormente no estudo de Florival Seraine sobre o curral de pesca) vinculada a “pequenas tradições”, transmitidas oralmente e a “urban culture [cultura urbana]”, ligada a “grandes tradições”, letrada pelos idiomas oficiais e pela linguagem escrita (REDFIELD, 1930; 1955). Eriksen & Nielsen (2012) afirmam que Redfield não procurava estabelecer relações entre os vínculos políticos e econômicos em suas análises de comunidades, o que provocou intensas críticas a seus trabalhos (ERIKSEN; NIELSEN, 2012, p. 85). Além disso, Redfield expõe boa parte de seus resultados de pesquisa de campo ao redor do mundo em *Como atua a sociedade humana*, um dos capítulos presentes no livro *Homem, Cultura e Sociedade* de Harry L. Shapiro. Esse livro constava na bibliografia dos programas das disciplinas de antropologia nas primeiras turmas do CCS-UFC, posteriormente afirmado por Simone Soares.

2.3 Teresinha Alencar como professora: entre o fim do IAUC e o começo do CCS-UFC

Nestes trechos da entrevista, foram observados aspectos de conexões entre o IAUC e o CCS-UFC destacados por Teresinha Alencar. Principalmente, a interlocutora procurou enfatizar como as pesquisas do IAUC, vivenciadas na prática por ela, puderam ter algum papel de importância nas primeiras aulas de antropologia que ministrou no CCS-UFC. Mesmo com o fim do órgão de pesquisa ao qual Alencar estava filiada, o seu ânimo motivacional em continuar na carreira antropológica como professora da UFC não foi afetado. Observe-se que o antropólogo pode desempenhar a sua profissão tanto nas pesquisas de campo quanto na sala de aula, se estimulando continuamente independente do tipo de exercício profissional em que esteja atuando.

Inicialmente, Teresinha Alencar destacou como percebeu o fim do IAUC e o respectivo início do CCS-UFC. O seu enfoque se dá institucionalmente, observando as junções administrativas ocorridas.

Praticamente o Instituto acabou de uma hora para outra. Os institutos foram para uma reforma universitária, quer dizer a coisa veio de Brasília, que acabou com todos os Institutos Básicos. E aí cada instituto procurou sobreviver. Juntou Economia com outros cursos da mesma linha. Ciências Sociais era um departamento só, era História... O curso de Psicologia que foi criado mais na frente. Quer dizer, anos depois quando eu fui chefe do Departamento, eram 60 professores. O maior departamento da universidade porque juntou tudo; era uma loucura.

Eu trabalhava no Instituto quando ele fechou. Então automaticamente o pessoal que estava no Instituto foi lotado para esse Departamento. Só que eu já tinha deixado de ser escrevente e eu já era pesquisadora. Já tinha feito o concurso interno (Teresinha Alencar).

As circunstâncias da sua entrada no DCSF-UFC aconteceram no decorrer da própria incorporação de todo o quadro de funcionários do IAUC pelo DCSF-UFC. Com experiência profissional dedicada à antropologia, Teresinha Alencar foi designada professora dessa área de conhecimento. Contudo, como a carga horária da disciplina antropológica que era oferecida na primeira turma do CCS-UFC abrangia um conteúdo de 90h/aula, houve uma divisão do programa. Assim, 30h/aula ficaram ao seu cargo e o restante foi dividido entre os professores Geraldo Markan e João Pompeu. A parte que lhe cabia era a inicial, “Antropologia no campo das ciências”. Como Teresinha Alencar possuía conhecimentos sobre pesquisas antropométricas e Antropologia Física, ela relata que gostava de ministrar essa disciplina, pois “sabia a anatomia da cabeça todinha” (sic).

Teresinha Alencar estendeu o apreço que tinha pela pesquisa de campo (no IAUC e no MN) ao trabalho como professora da UFC. Ao ministrar a disciplina de Antropologia Geral para uma turma composta de estudantes de diversos cursos, cita o exemplo de adoção da estratégia metodológica que ela encontrou para cativar os alunos a desenvolverem uma investigação com o uso da técnica da observação:

Então o que eu fazia? Dava Antropologia Geral, aquele negócio todo. Porque lá eles juntavam; eu peguei uma turma com 60 alunos. Tinha gente da Enfermagem, da História e Geografia. Eu disse: “Meu Deus como é que eu vou dar uma antropologia com essa coisa toda?” Eu fazia o seguinte: Eu dava a antropologia, aquela coisa toda, e eu dizia agora nós vamos começar a definir, pessoal de enfermagem, vai tratar um doente, o que é que vocês tão vendo? – Ah, eu estou fazendo uma pesquisa no Beco do Cotovelo. Então vamos dividir equipes. Aí eu ficava sentada perto deles, e eles recebendo, tirando peso, as medidas, e o pessoal dizendo as doenças e eu anotando, e vendo que elas faziam. Quando era no dia da aula, eu chegava [e perguntava] equipe tal? “Professora, a gente começou a falar, mas aí o senhor lá disse que teve um ramo de vento. Aí ele disse que teve uma espécie de congestão ou paralisia facial.” Aí eu comecei, eles traziam o nome popular e eu comecei a dizer... aí a gente trabalhou [depois] com rezadeira. Foi uma maravilha, pra gente aqui nas pesquisa tudo... tudo a gente pensa que um dia não vai servir, né? (Teresinha Alencar).

Por meio dessa dedicação ao trabalho de pesquisadora, Teresinha Alencar repassou o aprendizado obtido nas investigações do IAUC aos seus alunos. Devido a isso que ela acredita que houve influência de conhecimentos das pesquisas do IAUC para o conteúdo das aulas ministradas no CCS-UFC, principalmente no período em que o referido Curso começou a funcionar:

Mas naquela época teve uma influência muito grande do Instituto no Curso de Ciências Sociais. Não só em relação à antropologia como em relação a todos os outros institutos básicos... E teve uma influência muito grande os precursores né, como Economia. (...) Por que a gente fazia só pesquisa, a gente já nascia fazendo pesquisa. E eu acho que a pesquisa é primordial, você só aprende fazendo. Por isso que eu acho que as minhas aulas, pelos depoimentos que eu tenho, que eu tenho de alunos, as minhas aulas não cansavam. Falar das pesquisas agrada a eles (Teresinha Alencar) [Grifo meu].

Além disso, Teresinha Alencar acrescenta que algumas pesquisas desenvolvidas no IAUC eram ministradas em sala de aula. Ela reforça que, muitas vezes, os estudos desenvolvidos pela antropologia local poderiam servir de metodologia de ensino aos alunos, motivando-os a realizar trabalhos similares àqueles desenvolvidos outrora. Dessa maneira, muito da teoria antropológica proveniente de autores estrangeiros era comparada com as investigações ocorridas no Ceará, tentando mostrar que a realidade observada em território cearense poderia se assemelhar com a de outros lugares ao redor do mundo:

Que era o começo do curso usava muito mais, né? Por que é aquela história, você vai estudar uma realidade, é muito bonito você pegar um trabalho feito nos Estados Unidos, na Inglaterra, é espetacular, mas será a nossa realidade aqui? Então eu procurava sempre fazer uma comparação. Olhe, isso aqui é assim. Então ajudava demais.

(...) João Pompeu tinha um trabalho interessante sobre cerca³⁴, como se faz uma cerca. Pois é.

Eu falava e tirava cópia e levava pra sala de aula. Tinha muita coisa interessante por que era sobre pesquisa. Porque você escrever teoria...Tanta coisa diferente sobre o Arraial do Cabo. O Fontenelle tinha os trabalhos sobre o Arraial do Cabo, tinha trabalho sobre São Benedito...*Contribuições etnográficas ou estudos da seca*. A gente dava muita etnografia, tá entendendo? Porque era o que tava na nossa realidade cearense (Teresinha Alencar).

Esse processo de inclusão das etnografias produzidas nas aulas ministradas trouxe reflexões a respeito das teorias antropológicas serem colocadas durante o processo de escrita dos trabalhos. Afinal, Teresinha Alencar, como professora, corrigia constantemente os trabalhos produzidos por seus alunos. E neles, poderia ver a aplicação de métodos de pesquisa ensinados por meio da exposição de práticas anteriores de pesquisadores locais experientes juntamente com os paradigmas teóricos formulados por autores da antropologia internacional. É possível dizer, então, que a metodologia qualitativa, usada em pesquisas de cunho antropológico, pode reforçar teorias em práticas de campo, tal como salienta Debert (1986):

Com os métodos qualitativos qualquer generalização que alcancemos decorre sempre das distinções que somos capazes de estabelecer através de um trabalho minucioso no material recolhido. Na maioria das vezes, ela brota de uma “contrageneralização”, ou seja, de uma tentativa de refinamento dos grandes conceitos e modelos explicativos com os quais as ciências sociais operam (DEBERT, 1986, p. 144).

E a própria Teresinha Alencar prestigia a etnografia como método que pode conter uma série de teorias antropológicas sem denotá-las claramente. E esse aprendizado, segundo dito nos depoimentos, é visto na sala de aula com a correção de trabalhos de alunos e no decorrer do campo de investigações. Nesse ínterim, a interlocutora salienta:

Então, a gente tinha uma visão bem detalhista [na correção dos trabalhos e provas dos alunos]. Claro que a gente usa a prática de pesquisa em sala de aula, você pra escrever uma etnografia, se você não tem uma base teórica você não escreve, mesmo que não apareça, mas nas entrelinhas você vê. Olha, pra você escolher o que é que você bota num artigo etnográfico é

³⁴ A interlocutora refere-se à pesquisa *Contribuição etnográfica ao estudo das cercas: cercas ou tapumes na região central do Ceará* realizada pelo professor João Pompeu de Souza Brasil, no ano de 1958 (cf. Boletim de Antropologia do SAFC n° 2, vol. II, 1958).

difícil, rapaz, porque você não pode escrever qualquer coisa. Você não pode escrever qualquer coisa (Teresinha Alencar).

E para que o conhecimento sobre métodos etnográficos fosse ainda mais ampliado e posteriormente discutido nas salas de aula da UFC, Teresinha Alencar afirmou a necessidade de cursar o Mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional, Rio de Janeiro. No período em que ficou ausente da atividade docente no CCS-UFC, Alencar relata que o professor Geraldo Markan ministrou a maioria das aulas de antropologia, entre 1969 e 1972.

2.4 O Mestrado de Teresinha Alencar no Museu Nacional, RJ: a ampliação do conhecimento antropológico como fator de afirmação da carreira profissional

Teresinha Alencar enfocou acontecimentos que compuseram os seus preparativos antes de ir para o Museu Nacional. Nesses fatos, ela descreve pormenores do processo seletivo para o curso de mestrado; refere-se aos projetos dos candidatos e, principalmente, à maneira como ela foi construindo a pesquisa etnográfica que resultou na escrita de sua dissertação. Nesse processo, Alencar destaca as dificuldades que enfrentou no trabalho de campo e os problemas políticos provenientes do governo militar que culminaram em adversidades.

É interessante notar aspectos que levaram Teresinha Alencar a ampliar o seu conhecimento antropológico para além das pesquisas vistas no IAUC. No MN, Alencar pode ler uma variedade de trabalhos etnográficos, ao mesmo tempo em que cumpria grande carga horária de aulas teóricas. Os detalhes que compõem os eventos destacados por Teresinha Alencar salientam o seu apego à antropologia e denotam a ampliação de conhecimento reflexivo que a disciplina pode oferecer aos profissionais que se dedicam a estudá-la.

Segundo a interlocutora, o processo seletivo para o Mestrado no Museu Nacional se iniciou em Fortaleza, na própria UFC, com a vinda do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, professor do MN, à capital cearense, para realizar as primeiras etapas da seleção dos candidatos ao Curso de Mestrado na UFRJ. Alencar afirma que Roberto Cardoso de Oliveira iniciou os testes sem os três candidatos da UFC (ela, João Pompeu de Souza Brasil e Luiz de Gonzaga Mendes Chaves) saberem da existência do processo seletivo. Desse modo, Cardoso de Oliveira promoveu a inserção dos três professores no campo de observações,

encaminhados para ambientes distintos, para fazer suas avaliações do comportamento de cada um deles em relação aos interlocutores. Sobre esses acontecimentos prévios à entrada no MN, Teresinha Alencar comenta:

E nós três fizemos parte da terceira turma do Museu Nacional, já de antropologia social. Então nós fizemos as provas aqui com o prof. Roberto Cardoso de Oliveira. O Roberto Cardoso de Oliveira veio para cá, passou uma semana aqui. No começo, nós não sabíamos que estávamos fazendo uma prova. Então, nos dividimos: o Luiz Gonzaga ficou com a área de pesca, o João Pompeu ficou com comunidades no interior, até mesmo em áreas pesqueiras, no Cumbuco, p.ex.; e eu fiquei mais com a parte aqui em Fortaleza. O Roberto Cardoso de Oliveira queria alguma coisa ligada a artesanato. Primeiro trabalho, relatório que eu fiz, ele foi comigo nos vários pontos de rendeira, etc. Mas nós passamos mais tempo lá no Centro de Artesanato, que não era o Centro como é hoje, fomos ao Mercado Central. Dois ou três dias no Mercado Central. No primeiro dia ele dizia, “converse com quem você quiser”. No outros dias, eu já conhecendo as pessoas, ele já ia orientando, “faça isso, faça aquilo...”. E a gente discutia depois. Foi um ótimo aprendizado. Fizemos umas provas aqui e fizemos outras provas, fomos aprovados ficando dependendo só da prova de língua. Roberto Cardoso de Oliveira disse que essa prova seria feita no RJ (Teresinha Alencar).

É possível observar que a experiência vivida no IAUC estava bem presente na memória dos pesquisadores. Isso é denotado pela utilização das pesquisas em áreas pesqueiras litorâneas para a formulação de projetos de investigações continuadas sobre os temas desenvolvidos no Museu Nacional. João Pompeu e Luiz Gonzaga usaram o material obtido no trabalho dessas pesquisas do IAUC para comporem suas dissertações de mestrado no MN. No caso específico de Teresinha Alencar não foi possível que isso acontecesse porque o coordenador da pesquisa de Canoa Quebrada, professor Hélio Guedes Campos Barros, tinha levado todos os dados encontrados para o seu mestrado nos EUA:

Através delas [das pesquisas em áreas pesqueiras litorâneas], Luiz Gonzaga fez a dissertação dele na área. Infelizmente João Pompeu não defendeu a dissertação dele, embora fosse excelente pesquisador e professor. Era excelente, mas nunca fez dissertação. Eu pretendia fazer a minha dissertação com base nos dados de Canoa Quebrada. Acontece que quando eu precisei dos dados para colocar na dissertação, o Hélio Barros já tinha ido para os EUA fazer o mestrado dele. Então eu não tive acesso aos dados porque ele não vinha para cá (Teresinha Alencar).

Após aprovados nas provas de proficiência em língua estrangeira, esses três professores iniciaram o Curso de Mestrado em Antropologia Social no MN. Teresinha Alencar mostra que ficou impressionada com o volume de leituras necessário para acompanhar as aulas dos professores nesse curso de mestrado.

Ela atribui essa busca constante por aprofundamento nas teorias antropológicas ao fato de o curso de mestrado no MN se encontrar ainda em seu início:

O curso tinha uma durabilidade muito maior que atualmente, por uma razão muito simples: o Museu Nacional estava começando. Ou melhor, o curso de antropologia estava começando, ainda tinha aqueles professores que eram muito mais etnólogos [do que antropólogos sociais]. Por exemplo, o Roberto Cardoso de Oliveira era do Museu Nacional, mas tinha uma formação de filósofo. Tinha o Melatti, uma série de pessoas e um convênio com a fundação Ford que vinha um pessoal de etnologia e etnografia. Os cursos eram mais pesados, viu? Nós tínhamos uma carga de leitura de 200 páginas/semana, eram cinco ou seis livros. Então a gente escolhia de acordo com o que queria fazer, esse livro A, livro B... E tinham os seminários (Teresinha Alencar).

Essa duração maior que a atual (o mestrado cursado por ela durou três anos) é explicada por Teresinha Alencar juntamente com as dificuldades de se obter o título de Mestre em Antropologia Social. Dentre esses obstáculos, destaca a “questão política” proveniente da repressão exercida pela ditadura militar aos cientistas sociais. Além disso, Alencar expõe vários problemas enfrentados por ela durante os anos em que realizou o trabalho de campo que forneceu os dados para a sua dissertação.

O curso durava, na época, quase três anos. Porque eram oito disciplinas, p. ex., eu comecei fazendo duas disciplinas. Havia certa liberdade para acompanhar bem. Agora, fomos prejudicados pelo problema da revolução [ditadura militar]. Tanto que eu comecei que 1969, 1970, 1971 e terminei no segundo semestre de 1971.

Mas eu só pude defender a minha dissertação em 1977 por duas razões: primeiro, porque eu escolhi trabalhar no que eles chamavam Sertão Central. Eu fui para, eu peguei aquela parte de Goiás. Eu fui para uma comunidade chamada Alto do Carvão³⁵, perto de Imperatriz no Maranhão, que ficava a 69 km da sede do município. Então se você andava mais uns 100 km você já ia para o Pará, Marabá. Que já era conhecido com “Marabala”. Ou seja, já estava acontecendo todo aquele processo de ocupação de terras. O meu trabalho foi sobre as frentes de expansão. Que eram uma sofisticação da Marcha para o Oeste (que não era nem sempre para o Oeste, né?). Eu recebi uma bolsa da fundação Ford. Não tinha bolsa para todo mundo. Aí eu como fui para o Sertão Central, i.e., Imperatriz, a minha orientadora, Dra. Francisca Isabel Schurig Vieira Keller, paulista, descendente de alemães, já tinha feito um trabalho em SP. Ela já tinha passado lá em Imperatriz. Isso ajudou muito [a conseguir financiamento]. Então eu fiz um projeto e recebi uma bolsa: eu tinha que fazer duas visitas a Imperatriz. Eu ia para uma comunidade de beira de rio e não pude ir. Fiz um projeto todo para ir a um lugar e, de repente, por causa de um problema político [ditadura militar], não pude ir para essa comunidade. Então eu fui para uma comunidade no interior, no Alto do Carvão (Teresinha Alencar) [Grifo meu].

³⁵ No Alto do Carvão, à medida que iam abrindo as roças eles foram subindo as encostas, que como a terra estava toda queimada, parecendo um carvão, eles passaram a chamar o “alto do carvão” (cf. Teresinha Alencar).

Conforme citado por ela, o projeto de pesquisa da dissertação do mestrado de Teresinha Alencar envolvia as chamadas “frentes de expansão”. Segundo Almeida (2004), a antropologia brasileira a partir dos anos 1950 passou a realizar trabalhos originais – influenciados por antropólogos como Roberto Cardoso de Oliveira e Darcy Ribeiro – que modificaram os modelos tradicionais dos “estudos de comunidade”. Nessa perspectiva surgem no Brasil, conforme Almeida (2004), pesquisas sobre as “frentes de expansão do capitalismo” presentes no meio rural (ALMEIDA, 2004, p. 72-73). Assim, este autor conclui que as investigações antropológicas brasileiras, a partir dos anos 1950, tiveram características distintas das produzidas internacionalmente:

Nós, do terceiro mundo, tivemos de fato uma experiência etnográfica distintamente dual e talvez cismogênica. Há entre nós a etnografia ao estilo clássico – o etnógrafo boasiano no seu museu. Mas aqui os nativos são concidadãos. Por isso mesmo, o trabalho etnográfico sempre foi entre nós uma experiência de militância social e política que ultrapassa o formato acadêmico (ALMEIDA, 2004, p. 73).

Portanto, as discussões postas por Teresinha Alencar em sua dissertação envolviam temáticas estudadas eminentemente pela antropologia brasileira. O próprio Roberto Cardoso de Oliveira, que selecionou Alencar para cursar o mestrado no MN, era defensor de objetos de estudos antropológicos que vinculassem as problemáticas observadas em território nacional.

Na etnologia brasileira, Cardoso de Oliveira (1981) atestou que através da influência dos EUA é que foi possível a criação de vertentes para os estudos de aculturação por sociólogos *a priori* incentivados pelo difusionismo cultural boasiano. Nesses estudos, o contato interétnico é visualizado no contexto de brancos e negros em São Paulo e na “perspectiva dialética de interpretação das relações inter-raciais”. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1981, p. 22).

Ainda nos estudos sobre aculturação, Cardoso de Oliveira (1981) viu o marcante trabalho de Darcy Ribeiro situando o fenômeno de *integração* como ordem processual em detrimento do fenômeno isolado. Embora Cardoso de Oliveira afirme que o caráter da obra de Darcy Ribeiro é objetivamente descritiva e não teórica, ele atesta a importância do legado da “sobrevivência física das populações tribais, deslocando assim, a ênfase metodológica até então colocada na cultura para o destino mesmo das populações.” Nesse ínterim, foi possível, segundo Cardoso de Oliveira, “repensar os problemas colocados pelas teorias de aculturação,

caracteristicamente descomprometidas com a sobrevivência das populações tribais.” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1972, p. 24-25).

As perspectivas dispostas nos estudos de Cardoso de Oliveira ajudaram a Teresinha Alencar a montar o quadro teórico que deu suporte a sua dissertação. Com a revisão das leituras efetuadas nas aulas do MN, a pesquisadora pôde entender aspectos relevantes da formação antropológica brasileira, sobretudo a etnologia, como que influenciada pelas escolas francesa, britânica e principalmente, norte-americana. Entretanto, Teresinha Alencar se dedicou aos estudos voltados para a “Antropologia da Sociedade Nacional” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988). Ou seja, a sua dedicação foi mais voltada para como a influência do regime capitalista alterava as relações do meio rural em comunidades não-indígenas. A seguir, o resumo de sua dissertação, escrita entre 1973 e 1975, defendida oralmente em 1977 e publicada sob forma de livro em 1983:

Fornecer subsídios para uma maior compreensão do problema de deslocamento de populações nordestinas para áreas da Amazônia Legal e da formação espontânea de pequenos aglomerados dispersos ao longo de novas vias de penetração (Rodovia Belém-Brasília e Transamazônica), vindo ao encontro da política do governo para colonização da Amazônia, com o intuito de incorporar a região à economia nacional. Focaliza o povoado Alto do Carvão no município de Imperatriz, Maranhão (CUNHA, 1983 [1977]).

Segundo a interlocutora, o interesse pela temática “migrações” surgiu a partir de se observar que muitas das pessoas envolvidas eram nordestinas. Ela menciona os locais por onde passavam esses indivíduos, juntamente com as noções espaços-temporais presentes nesses processos:

Agora, migração... todo processo de migração, eu só tinha muita vontade de estudar porque só tinha nordestino, principalmente cearense. Esse pessoal saía da Ibiapaba, da Zona da Mata em Pernambuco ligada a minifúndio com corte de cana de açúcar. Basicamente saíam do Ceará, desses dois lugares. Maranhão, muita gente saía do Piauí da zona de Esperantina (zona seca, danada). A migração era eminentemente masculina, porque saía o chefe... ele passava até chegar ao Maranhão entre cinco e dez anos... aí tu já viu o que acontecia com a família, né? Ele saía primeiro, atravessava o Piauí, ia para o Maranhão pelos vale-ônibus, Pindaré... (os três vale-ônibus). O ponto de encontro era em Caxias, que era o peão. Eles iam andando e abrindo roças até que a terra ia ficando fraca entre dois ou três anos, nesse processo que a gente conhece. Então quando eles chegavam a Caxias foi que eles começaram o processo de migração novo, as frentes pioneiras ou frentes de expansão. Os antropólogos falam mais em frentes de expansão, os sociólogos gostam mais de frentes pioneiras. De lá foi que começou o pessoal a ir uma parte para Carolina, no Maranhão. O resto foi para Imperatriz. Ou seja, Imperatriz estava no auge do “bang-bang” naquela

época. Uns atravessavam o rio e chegavam a Marabá, mas muito poucos (Teresinha Alencar) [Grifo meu].

Nesse mesmo período em que ocorreu a pesquisa que resultou na dissertação de mestrado de Teresinha Alencar, outro estudo importante sobre a temática das “frentes de expansão” foi produzido no Museu Nacional. Refiro-me à pesquisa de Otávio Velho (1972) que culminou com a publicação do livro *Frentes de Expansão e Estrutura Agrária: estudo do processo de penetração numa área Transamazônica*.

Otávio Velho, com forte influência do mesmo mestre de Teresinha Alencar, Roberto Cardoso de Oliveira, se preocupou com as questões ligadas à ocupação de terras em uma área Transamazônica. Aproveitando-se da “descontinuidade geográfica” do Brasil, Velho (1972) propôs um estudo de áreas (as “frentes de expansão”) que sofrem o processo de ocupação restrita às sociedades indígenas ou regiões marginalizadas de grandes metrópoles ou territórios de ocupação flutuante de acordo com a prosperidade econômica momentânea do local. (VELHO, 1972, p.13).

Da maneira que Velho (1972) observou em sua investigação, Teresinha Alencar observou no Alto do Carvão a possibilidade de vários tipos de fluxos migratórios, associadas tanto à urbanização quanto às frentes de expansão e às reocupações. A inovação da teoria de Velho, prestigiada por Alencar posteriormente, reside no surgimento do “camponês marginal”. Isto é, Velho observou que nas frentes de expansão estudadas existiam indivíduos que possuíam uma agricultura de subsistência fugindo dos moldes da *plantation*, mostrando, para eles, “uma tentativa de escapar do sistema”. O estudo desses sujeitos, até certo ponto marginalizados por não se enquadrarem na estrutura vigente, foi classificado por Velho como uma nova perspectiva de linha de pesquisa, “uma nova posição”. (VELHO, 1972, p.162).

O estudo das “frentes de expansão” de Teresinha Alencar e Otávio Velho permite ampliar discussões antropológicas, tais como o conflito entre o moderno e o novo; o agrário e o urbano; a economia de mercado e a economia solidária; a influência estatal nos meios de produção da lavoura e a privatização econômica do campo; os processos migratórios como êxodo rural, etc., que irão promover o avanço de pesquisas futuras. Assim, pode se pensar que Alencar e Velho, estariam desejosos de promoverem estudos que pudessem ter um maior diálogo entre frentes

econômicas capitalistas e os camponeses “marginalizados” da estrutura de produção fundiária.

Para observar todos os aspectos que iriam compor a dissertação de mestrado, Teresinha Alencar teve que fazer um intenso trabalho de campo na região pesquisada. É interessante notar estratégias adotadas por ela para tentar a captação de informações relevantes ao cotidiano das comunidades estudadas. Em uma delas, Alencar se aproxima de frequentadores de um bar com o intuito de ouvir suas conversas, conforme ela relata:

Em torno do processo de comercialização do arroz³⁶, tinham os comerciantes. Eles faziam uma divisão porque começavam um negócio em Imperatriz (comerciantes maiores, usineiros), tinha o motorista de caminhão e os donos das bodegas de Imperatriz. Eram três bodegas, mas as que tinham mais dinheiro era a casa que eu me hospedei. Ela [a anfitriã] conhecia muito, criava porco, coletava coco e era dona de roça. Então o volume de informações que eu tive foi muito grande. E como ela tinha bodega, toda tarde ia o pessoal lá para tomar cachaça. Então eu perguntei se eu podia assistir a uma conversa daquelas. Eles fizeram uma reunião e disseram “tá ótimo, tá certo”. Eu dizia que ia escutar a conversa deles e tal. E eles diziam muito sobre o processo de comercialização do arroz. Engraçado era que um deles disse assim para mim: “olha, agora aqui a gente tá sem dinheiro... ninguém quer dinheiro, mas a gente quer que a senhora pague uma rodada de vaca dourada”. O que era vaca dourada? Era guaraná com leite condensado. Isso era caro como todo. Então eu paguei a vaca dourada. A vaca preta era coca-cola com leite condensado. Isso tudo abria possibilidades. São coisas que como pesquisador você tem que descobrir na hora, para poder você obter a confiança da comunidade, né? (Teresinha Alencar).

Talvez o ato de pagar a desejada “vaca dourada” para os interlocutores, a fim de obter dados sobre algo que eles dominavam tenha estabelecido uma relação de troca para Teresinha Alencar. Assim, vejo a antropóloga numa situação de pesquisa de campo em que ela possa ter se indagado como Zaluar (1985), ao financiar bebida aos moradores da favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro: “como negar um pedido que vinha acompanhado da certeza de sua justeza?” (ZALUAR, 1985, p. 18). Ao estabelecer vínculos, Alencar pôde conseguir as informações que buscava para sua pesquisa.

Após três anos de aulas teóricas e dois anos de idas ao Alto do Carvão, Teresinha Alencar concluiu a escrita de sua dissertação. Mesmo assim, ela teve problemas em marcar a data da defesa oral, visto que a sua orientadora estava

³⁶ Conforme o depoimento de Alencar, o arroz sequeiro era a principal fonte econômica da comunidade do Alto do Carvão e de toda a região de Imperatriz do Maranhão. Além do arroz, a extração do coco babaçu é destacada pela interlocutora como segunda força produtiva do local estudado por ela.

doente e necessitava de constantes tratamentos médicos em hospitais. Depois de cinco tentativas frustradas, finalmente chegou o dia da exposição dos resultados de sua pesquisa etnográfica para os componentes da banca examinadora. Os professores convidados por sua orientadora foram Roberto Da Matta e, um etnógrafo estadunidense vinculado à Fundação Ford, cujo nome não foi lembrado pela interlocutora. A duração da defesa foi longa, muitas perguntas foram feitas a ela, conforme este depoimento:

No dia 4 de outubro de 1977, dia de S. Francisco das Chagas (para quem é católico), eu apresentei meu trabalho. Fez parte da banca examinadora um professor que tinha chegado dos EUA, não lembro o nome dele, um etnógrafo. Além dele, o Roberto da Matta e minha orientadora. Foi uma defesa que durou de três a quatro horas. O negócio foi mesmo bravo. Roberto Da Matta e o outro me fizeram entre 100 a 120 perguntas. Eu pegava o papel, numerava, e rapidamente anotava porque você não podia falar. Depois que eles terminavam é que você podia responder. Eu via aquelas perguntas que eram mais ou menos comuns e perguntava “eu posso responder as perguntas do professor cicrano com as do professor fulano ao mesmo tempo? Afinal, elas são praticamente a mesma resposta”. Mas graças a Deus, deu tudo certo (Teresinha Alencar).

A ampliação do conhecimento antropológico obtido no MN e o título de Mestre em Antropologia Social foram as grandes realizações de Teresinha Alencar. E o reflexo da conclusão dessa etapa de êxito acadêmico se deu na prática docente na UFC. Ela relata que ministrou uma disciplina sobre a temática de “frentes de expansão” que, até então, não era discutida na UFC. Assim, com a experiência pessoal vivenciada fora do Ceará, Teresinha Alencar pode trazer elementos novos para enriquecer o debate antropológico em território cearense.

3 DE ALUNOS A PROFESSORES DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFC: SIMONE SIMÕES FERREIRA SOARES E ISMAEL PORDEUS JÚNIOR.

Seria muito difícil tentar abranger toda a trajetória intelectual de antropólogos como Simone Soares e Ismael Pordeus Júnior. Além de suas produções intelectuais em diversos temas, ambos têm em comum o apreço pela disciplina antropológica desde o período em que eram alunos do CCS-UFC. Logo, o exercício de investigar todos os possíveis fatores que os fizeram escolher a carreira antropológica ampliaria este estudo a patamares além de uma monografia. Por isso, coloquei aspectos das suas vidas acadêmicas ressaltados por eles nas entrevistas como pontos de apoio para a validade de critérios que permearam suas escolhas profissionais. Pois, como afirma Debert (1986), os estudos que envolvem a história oral de pessoas devem atentar “para a importância de darmos condições aos informantes de nos levar a ver outras dimensões e a pensar de maneira mais criativa a problemática que, através deles, nos propomos a analisar” (DEBERT, 1986, p. 142).

No caso de Soares, os elementos marcantes do período em que ela era aluna – sob a mira do regime militar – mostraram-se determinantes para a persistência na carreira antropológica mediante obstáculos. Posteriormente, e ainda no período ditatorial, acontecimentos relacionados à sua prática docente mostraram-se decisivos para a continuidade de sua carreira profissional. Com relação a Pordeus Júnior, foram destacados o apreço dele pela história da antropologia do Ceará como fator determinante para a sua produção acadêmica. Além disso, a boa relação de Pordeus Júnior com os professores do CCS-UFC foi fator ressaltado por ele como importante aspecto para a escolha em seguir na vida acadêmica dedicada à antropologia.

Assim, reafirmo o interesse desta pesquisa em mostrar os detalhes da escolha profissional – voltada para a antropologia – de três intelectuais cearenses. Como este intuito é deveras complexo, os próprios personagens foram determinantes para estabelecer o foco das investigações. A gama de incógnitas geradas pelos questionamentos dos motivos que os levaram para o caminho da antropologia na vida profissional pôde ser retratada com o enfoque de aspectos relevantes no discurso de cada um deles. Anteriormente se viu como esse processo de opção intelectual se deu com a professora Teresinha Alencar. Agora, este estudo volta-se para os acontecimentos destacados pelos professores Simone Soares e

Ismael Pordeus Júnior. na construção de suas trajetórias acadêmicas. Logo, o destaque deles na formação profissional de aluna em professora (no caso de Soares) e de professor colaborador em titular (de acordo com Pordeus Júnior) estabelece o panorama da análise das variáveis dispostas por eles mesmos na composição de suas carreiras antropológicas.

3.1 As observações de Simone Simões Ferreira Soares: dos primeiros anos do Curso de Ciências Sociais até a sua prática docente na UFC

A trajetória da antropóloga Simone Simões Ferreira Soares é de extrema importância para o estudo de memória do campo antropológico no Ceará. Além de ser aluna da primeira turma do CCS-UFC, isto é, vivenciou os momentos que antecederam a criação do curso, foi pioneira em formação antropológica no Estado do Ceará, tendo pós-graduações em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Por conta da vivência nesse período, houve destaque (por sua parte) nas interlocuções sobre aspectos ligados ao processo de instalação da Faculdade de Ciências Sociais da UFC, o contexto do governo da ditadura militar e as consequentes prisões – no ano de 1970 – dos alunos do curso. Além disso, a tentativa de análise da trajetória de Simone Soares abrange sua rotina na faculdade, desde seu desejo de apreensão de conteúdos teóricos através de uma ampla carga horária de estudos até como as disciplinas antropológicas foram dispostas no início do curso. Por fim, foi observada a sua inserção no mercado de trabalho como antropóloga e professora, os desafios por ela enfrentados nesses momentos e sua satisfação no exercício da profissão.

3.1.1 Ações da ditadura militar no espaço da UFC nos primeiros anos do curso de Ciências Sociais, segundo Simone Soares

Em 1968, no auge da ditadura militar e da repressão ao regime democrático houve a instalação do curso de Ciências Sociais na UFC. O governo desse período promoveu uma extensa reforma universitária que trouxe mudanças na composição dos departamentos das universidades. Segundo Menezes Neto (1991), um pouco antes de 1968, a crescente demanda por disciplinas de ciências sociais provocou o desmembramento dos professores de Ciências Sociais que estavam

ligados ao Departamento de Educação, o que resultou na constituição do DCSF-UFC:

Com a elevação da demanda de outros cursos de graduação e do próprio curso de Pedagogia por estas disciplinas [Sociologia, Introdução à Antropologia, História das Ideias Políticas e Cultura Brasileira, dentre outras], ampliou-se o quadro de professores da área de Ciências Sociais, os quais permaneceram vinculados ao Departamento de Educação até 1966. A partir de então, com o desmembramento do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia do Departamento de Educação, este efetivo inicial de docentes passou a integrar a nova unidade acadêmica. A criação do Curso de Ciências Sociais (Licenciatura) ocorreria em seguida, a partir do Básico de 1967, orientado para a perspectiva de compor em 1968 a primeira turma de Ciências Sociais, que se graduaria em 1970 (MENEZES NETO, 1991, p. 23).

Como parte da Reforma, o governo federal criou os Centros de Estudos Gerais, sendo cada um desses Centros dotado de Institutos de áreas de conhecimento específicas. Assim, o anteprojeto da Reforma Universitária de 1967, proposto em duas fases, dividiu a UFC em quatro grupos centrais. A primeira fase tratava dessa divisão. A segunda fase mostrava como seriam os processos seletivos. No primeiro momento, o referido anteprojeto salientava:

a Universidade Federal do Ceará ficará dividida em quatro grandes grupos, que serão denominados de “Centros”, assim discriminados: Centro de Estudos Gerais – que compreenderá os Institutos de Química, Matemática, Física, Biologia, Geociências, Filosofia, Ciências Humanas, Letras e Artes; Centro Tecnológico – agrupando as seguintes escolas: Agronomia, Engenharia e Arquitetura; Centro de Ciências da Saúde – Medicina, Farmácia, Bioquímica e Odontologia; Centro de Estudos para o Controle Social – Direito, Economia e Educação.

Como resultado da Reforma a Faculdade de Filosofia e Letras desmembrar-se-á em outras, visto que dela sairão alguns Institutos do Centro de Estudos. Também do seu desmembramento resultará a existência da Faculdade de Educação. A atual Faculdade de Ciências Econômicas passará a denominar-se Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (Boletim da UFC nº 67, jul./ago., 1967).

Ou seja, o aluno interessado em cursar Ciências Sociais na UFC teria que, primeiramente, prestar vestibular para um desses Institutos (cf. Boletim da UFC nº 67, jul./ago., 1967) e, ao final do primeiro ano, passaria por uma espécie de triagem, com base nas notas obtidas ao longo do período, sendo assim selecionado para os cursos de Pedagogia, Geografia ou Ciências Sociais; no caso deste último, tinha também a exigência de um trabalho escrito.

Segundo a professora Simone Simões Ferreira Soares, as opiniões dos militares eram de que “todo sociólogo é de esquerda e subversivo”, o que provocavam as complicações impostas à fundação do curso. A antropóloga afirma que com uma possível intenção de “pegar os comunistas” foi estabelecido pelo

governo militar que haveria processo de seleção para o curso de Ciências Sociais, em 1968. No primeiro vestibular para o CCS-UFC havia vinte vagas. A seleção dos “vinte eleitos” para cursarem Ciências Sociais ocorreu mediante a apresentação de um trabalho individual – composto de um texto de vinte e cinco páginas e uma apresentação oral – a uma banca examinadora após o primeiro ano do então chamado “Curso Básico”. A comissão que selecionou a professora Simone Soares era composta pelos professores Luiz Fernando Raposo Fontenelle³⁷, Hélène Velay Leite³⁸ e Hélio Guedes³⁹. Essa seleção é descrita pela professora Simone Soares neste trecho da entrevista:

Era aquela coisa, que eles [os militares] achavam que abrindo o curso serviriam de ‘isca’ para pegarem quem fizesse o vestibular. A seleção foi no prédio do Instituto de Antropologia do Ceará. A gente entrou para o Básico [Curso Básico], aí como era Geografia, Ciências Sociais e Pedagogia, aí eram 40 inscritos para 20 vagas e fizemos aquele negócio do trabalho de 20, 20 e poucas páginas com banca examinadora e tudo. A gente expunha o trabalho e depois eles [os selecionadores] avaliavam. O meu trabalho foi sobre Universalidade e Relativismo Cultural (Simone S. F. Soares).

Depois de formada a primeira turma do CCS-UFC, os militares passaram a efetuar sistemáticas prisões dos aprovados. A maioria dos alunos presos era para averiguação de um possível “comportamento suspeito com atitudes comunistas” (cf. SOARES, S. S. F.). Entretanto, esses estudantes eram liberados no mesmo dia, após um exaustivo e demorado interrogatório. Por outro lado, no caso de Soares, a situação de sua prisão ocorreu de forma diferente. Filha de um dos fundadores do partido comunista no Ceará, Soares permaneceu em cárcere por mais de dois meses, sob a acusação de que ela seria “mentora intelectual” de atos revolucionários contra o regime militar. Um breve relato dos acontecimentos que antecederam a prisão da professora Simone Soares é destacado por ela neste trecho:

Quem tava na faculdade foi logo preso. Eu tava em casa. A maior parte foram presos e soltos no mesmo dia. Só ficaram mais tempo eu e mais

³⁷ O professor Luiz Fernando Raposo Fontenelle, em 1967, era diretor do IAUC em substituição a Thomaz Pompeu Sobrinho. Ele também foi o primeiro chefe do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Ceará (cf. Boletim da UFC nº 64, jan./fev., 1967).

³⁸ Hélène Velay Leite, graduada em Letras, era anteriormente professora do Departamento de Educação. Com o desmembramento proposto pela Reforma Universitária, passou a integrar a nova unidade acadêmica: o Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC (MENEZES NETO, 1991, p. 23-24).

³⁹ Hélio Guedes Campos Barros, graduado em Direito, se inicia no magistério superior com a integração ao recém-criado Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC (MENEZES NETO, 1991, p. 23-24).

outras duas alunas que depois abandonaram o curso. Eu antigamente trabalhava na Escola Técnica, eles [os militares] passaram na Escola Técnica, foram atrás de mim lá. Aí disseram que eu não trabalhava mais lá. Eu trabalhei lá de 1964 a 1968 e deixei o trabalho para poder fazer o curso de Ciências Sociais, porque senão eu não daria conta. (...) Pois bem, quando eles [os militares] chegaram na Escola Técnica tinha um amigo meu, o Abílio, que era do meu tempo e ainda trabalhava lá e eu só saí de lá pra cursar a faculdade mesmo. Os militares eram tão mal informados que foram bater lá na Escola Técnica a fim de me prender. O Abílio, quando viu a presença dos militares mandou me avisar na minha casa. Meu marido ficou nervosíssimo e eu na maior tranquilidade do mundo. “Fuja, fuja!” meu marido me dizia. Eu respondia: “Vou tá fugindo pra que?” Papai tinha sido preso em 1964, e eu disse não vou fugir, porque não vou ficar fugindo a vida toda, de jeito nenhum, vou ficar aqui esperando. Eu me lembro que a gente tava almoçando e eles chegaram e botaram todos os livros abaixo, levando meus livros, dentre eles *O Capital* do Marx e outros livros que não tinham nada a ver: eram tão burros que levaram aquele livro chamado *O Vermelho e o Negro* do Stendhal eles levaram só porque viram a palavra vermelho. Levaram uma porção de livros, dentre eles manifestos realmente do partido comunista, panfletos, etc. Dentre eles um mimeografado com o título *Isto é o que interessa a um revolucionário*, que para eles servia como prova cabal. Até dentro do congelador da geladeira eles vasculharam para ver se tinha alguma coisa escondida. Daí me levaram e meu marido disse que ia seguindo o carro para ver onde os militares estavam levando a mulher dele. Eles [os militares] não se incomodaram (Simone S. F. Soares). [Grifos meus].

Mesmo com as pressões ocorridas pelas constantes prisões de alunos, o curso de Licenciatura em Ciências Sociais se manteve em pleno funcionamento. Na UFC foi-se acentuando o processo de departamentalização institucional provocado pelas medidas do MEC no governo ditatorial. Assim, as faculdades foram se emancipando de seus centros multidisciplinares e se constituindo unidades específicas, tanto fisicamente (com a construção de prédios próprios para os novos centros criados) quanto curricularmente (formação de domínios disciplinares compatíveis aos alunos de cada curso). Menezes Neto (1991) enfoca essas modificações:

A partir de 1971, com a implantação do Ciclo Básico e a consolidação da estrutura departamental na Universidade, as fronteiras fixadas tornaram-se mais visíveis. Passou então o Departamento de Sociologia da recém-criada Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia a responder pela oferta regular aos demais cursos de graduação, além do de Ciências Sociais e do Ciclo Básico, das disciplinas desta área do conhecimento (MENEZES NETO, 1991, p. 34).

A professora Simone Soares afirma que no “departamento tinha muita gente, afinal tinha História, Psicologia e Filosofia. Aí depois começaram a se desmembrar, até hoje em dia ser só departamento de Ciências Sociais”.

Com a faculdade em funcionamento e devido às inúmeras pressões externas a que estavam submetidos, os estudantes tinham que provar sua capacidade intelectual em todo momento. Para isso, segundo a professora Simone Soares, “além dos professores serem exigentes conosco, nós tínhamos muita vaidade umas com as outras, cada uma querendo ser melhor do que a outra. Então a gente estudava demais.” Essa vaidade era estimulada pelo seu anseio motivador em se tornar uma antropóloga. E, como Soares reforça, a vontade em se tornar uma profissional na área de antropologia requeria muitas horas de estudos, realizando boas provas e mostrando aos professores um bom desempenho na absorção dos conteúdos vistos em sala de aula. Ela destaca a maratona em busca de conhecimento como uma “queda de braços” entre alunos e professores que era sempre permeada pela constante apreensão que a ditadura militar impunha na fiscalização dos conteúdos vistos em sala de aula:

Olha a loucura que a gente fazia: tomávamos Reativan®, ficávamos estudando até umas 5h da manhã durante 3 a 4 dias por semana. Era uma coisa absurda. Eu tomava direto. No final do ano pareciam tudo um bando de zumbis, com aquelas caras de cansaço, sabe? Era a coisa mais horrível mesmo. A gente estudava, estudava mesmo. Os professores morriam de estudar para dar aula para gente, porque cada uma fazia perguntas para dismantelar mesmo. Os professores passavam livros! Livros inteiros! De cabo a rabo! Dois ou três por semana em cada disciplina (Simone S. F. Soares).

Não bastasse o contexto externo de pressão pelos militares ainda havia internamente as exigências institucionais impostas pelos coordenadores do curso de Ciências Sociais. Como complemento, Soares diz que os coordenadores do curso de Ciências Sociais exigiam que para poder assumir uma vaga na faculdade, os alunos teriam que disponibilizar dedicação em tempo integral. Segundo ela, havia aulas pela manhã e seminários de equipes às tardes, abrangendo as matérias vistas teoricamente em sala de aula com um viés mais prático, incorporado de pesquisas realizadas por cientistas sociais do Brasil e do mundo. Em decorrência da obrigatoriedade de dedicação exclusiva ao CCS-UFC, Soares teve que deixar o emprego federal que ela tinha. Esse episódio mostra que a dificuldade imposta pelos organizadores do CCS-UFC acabou servindo de estímulo para que ela fixasse seus objetivos de seguir na trajetória intelectual voltada para a antropologia.

O Dr. Roberto, então diretor da Escola Técnica na época, me interrogou porque eu ia deixar um emprego federal por conta da faculdade: eu respondi a ele que eu queria ser uma excelente profissional e não ia conseguir isso trabalhando paralelamente a faculdade. Ele ficou horrorizado em como eu tinha largado um emprego federal por causa de uma faculdade.

Eles [os coordenadores do curso] exigiam da gente o tempo integral. Eu não pensei duas vezes em largar o emprego. Eu queria era estudar e me especializar o quanto antes em antropologia.

(...) Para os seminários em equipe à tarde as reuniões ficaram assim: como eu era a única casada e a única que tinha filhos elas revezam as outras equipes, mas a nossa equipe ficou fixa. Um dia estudavam na casa de uma outro na casa de outra. Como eu era a única casada e a única que tinha filhos as quatro iam lá pra casa. Eu não ia deixar meu marido e meu filho para ir dormir na casa de ninguém (Simone S. F. Soares).

Daí sobrevém a importância de analisar as experiências pessoais dos interlocutores. Simone Soares, mesmo com alguns infortúnios que poderiam impossibilitar sua carreira como antropóloga, não desistiu de seu intento profissionalizante em nenhum instante. Devido a isso, o foco da visão desta pesquisa em torno da memória de protagonistas da antropologia cearense procurou ser multidiversificado, observando as nuances do fluxo de ação da vida, conforme salientam Trajano Filho e Martins (2004):

O olhar para as trajetórias requer que a atenção seja dirigida para a dinâmica do mercado de trabalho e a análise do trânsito entre as várias formas de inserção profissional dos egressos e as correlações existentes entre as atividades profissionais após a conclusão do curso, as atividades profissionais anteriores do ingresso na pós-graduação e as temáticas trabalhadas nas teses e dissertações (MARTINS; TRAJANO FILHO, 2004, p. 26).

Com o objetivo de firmar essas “temáticas trabalhadas” durante a vida profissional de Soares – quando aluna do CCS-UFC – foram enaltecidos neste estudo aspectos relacionados ao conteúdo proposto em sala de aula nas primeiras turmas formadoras de cientistas sociais no Ceará. Anteriormente, a professora Teresinha Alencar forneceu dados referentes ao ensino nessas turmas. Da mesma maneira, Soares descreve o que era visto em sala de aula, como esses conteúdos eram ministrados e, mais uma vez, quem eram os professores que ensinavam.

3.1.2 As disciplinas antropológicas ministradas para a primeira turma do CCS-UFC

Conforme visto pelo início do depoimento de Soares, houve muitas dificuldades na fundação do Curso de Ciências Sociais da UFC. Além de terem um sistema de governo ditatorial que “vigia” os alunos, a antropóloga entrevistada ainda destaca que havia poucos livros disponíveis em português naquela época, principalmente nas disciplinas antropológicas. Mesmo com essa enorme dificuldade, o volume de leituras era grandioso. Diante disso, segundo Simone Soares, a

universidade contratou um tradutor de livros que juntamente com a secretária da faculdade passou a traduzir textos em inglês para o português. Nas palavras de Soares:

Tinha um chamado *Antropologia Cultural* do Melville J. Herskovits que eram três volumes. (...) Naquela época não tinha “xerox”, não tinha nada. Tinha um mimeógrafo. Tinha uma secretária, excelente digitadora. Então, a faculdade contratou um tradutor, Maurício, para traduzir textos do inglês para o português. (...) Tinha o *Antropologia Social* do Emílio Willems; o do Shapiro, *Homem, Cultura e Sociedade*. Agora de Sociologia era aquela coisa, né? Na nossa época não se podia falar em Marx, os professores não podiam falar, porque diziam que tinham agentes infiltrados da ditadura militar (Simone S. F. Soares). [Grifos meus].

A importância da teoria antropológica foi ressaltada posteriormente com a vinda de cientistas sociais estrangeiros ao Ceará, cientistas estes que estavam em atividade de publicação de livros, mostrando resultados de suas pesquisas. No âmbito da UFC nesse período de criação do CCS-UFC, foi firmado um convênio entre a Universidade e a UNESCO, mediado pelo governo francês. Nesse ínterim, pesquisadores antropólogos franceses vieram a Fortaleza como colaboradores administrativos durante o processo de departamentalização das universidades federais (MENEZES NETO, 1991, p. 36-37). Com a devida experiência institucional francesa da educação de ensino superior estatal, esses profissionais de experiência internacional foram mediadores de acordos para a época e trouxeram intercâmbio intelectual para as práticas de pesquisa que agora estavam vinculadas a departamentos da universidade. Por isso, foi firmada uma parceria entre a UNESCO e a UFC para colaboração no processo de implantação do CCS-UFC. Menezes Neto (1991) destaca que o passo inicial dessa ajuda internacional foi uma missão de avaliação:

As ações previstas asseguravam, em uma primeira fase, o envio ao Ceará de um perito de alta qualificação acadêmica com o encargo de proceder avaliação *in situ* das condições de funcionamento do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia e do Instituto de Antropologia e de, posteriormente, propor à UNESCO um projeto de assistência e cooperação com base no qual pudessem ser assegurados à UFC as condições científicas e os meios materiais para o desenvolvimento e a consolidação dos estudos na área de conhecimento considerada (MENEZES NETO, 1991, p. 36-37).

Na UFC, a escolha desse perito ocorreu por meio de circuitos de palestras, até que o antropólogo francês Jean Duvignaud⁴⁰ foi designado para coordenar a Missão de Avaliação da UNESCO. Além do mais, Menezes Neto (1991) afirma que Duvignaud veio ao Brasil também por causa da indicação de membros do Instituto de Antropologia. Os motivos dessa escolha são destacados neste trecho de *Memórias das Ciências Sociais na UFC*:

A opção manifestada pelo Departamento e pelo Instituto favoreceu a indicação do professor Jean Duvignaud. Predominaram nesta decisão os argumentos, compartilhados pelo Embaixador Carlos Chagas, como se depreende do texto da correspondência trocada sobre o assunto, que defendiam a conveniência do envolvimento do governo francês nas operações de cooperação a desenvolverem-se no futuro. Acrescia a circunstância de representar o professor Jean Duvignaud novas e marcantes tendências do pensamento sociológico e antropológico francês, por suas ligações intelectuais com destacadas expressões da sociologia francesa, como Georges Balandier e Roger Bastide, dentre outros. A realização de uma pesquisa de natureza antropológica na Tunísia, nos anos cinquenta, cujos resultados foram publicados em um livro de reconhecido sucesso, sob o título de "**Chebika**", influenciou significativamente o Departamento, levando-o a inclinar-se por esta opção (MENEZES NETO, 1991, p. 37).

A professora Simone Soares comentou sobre esse período em que cientistas sociais franceses estiveram na UFC. Ela afirma que com Duvignaud chefiando a Missão de Avaliação da UNESCO foi possível aos alunos de Ciências Sociais terem acesso a conferências em torno das práticas antropológicas dele e de outros pesquisadores estrangeiros. Logo, o intercâmbio entre as experiências etnográficas francesas (por Duvignaud) e cearenses (pelos pesquisadores do IAUC) foi de importância significativa para a reflexão da abrangência internacional da antropologia aos alunos da primeira turma do recém-criado CCS-UFC. Vale a pena assinalar que até mesmo autores de livros vistos por eles naquele período, como Emílio Willems, vieram dar suas contribuições no Ceará.

⁴⁰ Em 1968, Jean Duvignaud, antropólogo da Universidade de Rabelais de Tours, França, publica o livro *Chebika, étude sociologique*. Nessa obra, o autor escreve sobre um pequeno vilarejo no sul da Tunísia, onde faz um estudo de caso sobre o cotidiano dos moradores através de minuciosas anotações de campo dos hábitos individuais das pessoas do local. A metodologia usada por Duvignaud prevê principalmente o estudo dos sistemas político e de parentesco. Duvignaud prevê "uma ordem de princípios de endogamia em linhagens territorialmente dispersas" (DUVIGNAUD, 1968, p. 106-114). Assim, em *Chebika*, o referido autor tenta evitar a formulação de totalidades singulares presas a estruturas sociais fixas e se foca na utilização de fragmentos da vida cotidiana dos observados para estabelecer suas conclusões analíticas (cf. DUVIGNAUD, 1968).

Porém, Willems veio ao Brasil anteriormente através do patrocínio da Fundação Rockefeller. Essa mesma Fundação tinha intercâmbio com a UFC⁴¹. Willems relata os motivos de suas visitas ao território brasileiro:

Estive seis vezes no Brasil desde 1949, pesquisando, lecionando ou assistindo a congressos vários. Em 1958 resolvi embarcar num projeto de maior envergadura. (...) [estudos de comportamento religioso, protestante, desviante do padrão católico no Brasil e Chile]. (...) Com o auxílio da Fundação Rockefeller e da Comissão Fullbright, passei seis meses no Brasil (1959-60), colhendo dados e lecionando na Universidade do Chile e na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Reuni o material colhido num livro publicado em 1967, *Followers of the New Faith* (WILLEMS *apud* CORRÊA, 1986, p. 121).

Todavia, a presença de Emílio Willems no Ceará destacada por Soares se refere, provavelmente, a outras pesquisas que ele participou. O destaque dele sobre esse período é feito neste trecho:

Outro projeto de investigação, realizado em 1969-71, ligava-se à ideia de um estudo comparativo⁴² que abrangesse a América Latina toda. (...) Estava interessado principalmente na civilização urbana e, dentro dela, no problema das favelas. (...) Combinando os dados obtidos durante essa viagem de seis meses, com outros colhidos em jornadas anteriores, ou extraídos de uma vasta literatura, redigi um livro que saiu em 1975 sob o título *Latin American Culture: Na Anthropological Synthesis* (WILLEMS *apud* CORRÊA, 1987, p. 121-122) [Grifo meu].

Mesmo após a instalação desse convênio, a escassez de professores ainda era uma realidade que assustava os estudantes naquela época. Simone Soares retrata esse aspecto:

Quem eram os professores? Eram o André⁴³ [Haguette] que estava chegando do Canadá, não falava nem português direito, o Diatahy⁴⁴, o Hélio [Guedes], a Hélène [Velay Leite], Gegê⁴⁵ [Geraldo Markan], Teresinha

⁴¹ Por exemplo, em 1958, Robert Briggs Watson, físico especialista em doenças infecciosas, veio ao Ceará fazer pesquisas patrocinado pela Fundação Rockefeller (Boletim da UFC nº 10, jan./fev., 1958).

⁴² Estudo comparativo muito comum na época, pela vigência do difusionismo cultural propagado pela Escola Histórico-Cultural de paradigma culturalista norte-americana, cujo formulador dos principais conceitos foi o antropólogo Franz Boas. Em síntese, o método difusionista tentava “realizar uma descrição completa da difusão de traços culturais dos tempos primitivos até hoje”. Para isso, havia desenvolvimento de classificações complexas dos “círculos culturais”, a partir de um ponto universal comum. Nesta mesma linha de pensamento antropológico, se insere Robert Redfield, anteriormente referido por Emílio Willems (ERIKSEN; NIELSEN, 2012, p. 41).

⁴³ Em 1967, André Haguette era graduado em Filosofia e mestre em Filosofia, foi um dos docentes contratados com a instalação do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia e a criação do CCS-UFC (MENEZES NETO, 1991, p. 24).

⁴⁴ Em 1967, Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, licenciado em Letras, já estava no exercício do magistério desde 1961 (MENEZES NETO, 1991, p. 24).

⁴⁵ O apelido “Gegê” é atribuído por Simone Soares ao professor Geraldo Markan, denotando a relação de amizade entre ambos. Em 1967, Geraldo Markan Ferreira Gomes, transferido da SUDENE, graduado em Direito, foi um dos docentes contratados com a instalação do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia e a criação do CCS-UFC (MENEZES NETO, 1991, p. 24).

Alencar, João Pompeu⁴⁶. (...) Nós começamos só tinha um professor formado em Antropologia que era o Gegê. Os outros tudo eram de outras áreas. O Pompeu era da História, a Teresinha era da História ou Geografia, tudo eram de outras áreas, de Direito, o Fontenelle, o Hélio era tudo formado em Direito. E o Gegê tinha se formado em Direito também, só que fez mestrado em Antropologia em Nova York. (...) Quem dava aula de Antropologia eram o Pompeu, o Gegê, o Alencar [Francisco Alencar], que depois foi exilado para a Suécia, passou muito tempo na Suécia. Todos entraram sem concurso, eles eram convidados a ensinar através do Instituto de Antropologia e tinham indicação para professor biônico (Simone S. F. Soares).

O aspecto positivo, mesmo com a dificuldade em número de antropólogos no Curso de Ciências Sociais da UFC, vinha do fato de que os conteúdos teóricos eram ensinados aos alunos com certa qualidade e em complexidade. Noutras palavras, havia qualidade no ensino embora houvesse um pequeno número de professores em antropologia. Soares afirma que as disciplinas antropológicas foram ministradas, em sua maioria, pelos professores Geraldo Markan Ferreira Gomes e João Pompeu de Souza Brasil. Markan, que depois se tornaria amigo de Soares, desempenhou papel importante no seu fascínio pela área da antropologia. A professora relata que Markan era um antropólogo exemplar, de qualificação internacional, e que detinha um vasto conhecimento sobre as diversas teorias antropológicas. A dupla virtude (de ser pesquisador e professor) de Markan incentivou Soares a procurar trajetória semelhante.

Simone Soares destaca que a disciplina de Teoria Antropológica presente no currículo daquele período era equivalente às três disciplinas de antropologia ministradas atualmente. Por isso, a exigência de leituras era intensa. Nesta fala ela observa o conteúdo que obrigava os alunos a lerem várias obras das ciências sociais em um curto período de tempo:

Teoria Antropológica equivale as três Antropologias de hoje em dia. E era dada em um único semestre. Tanto na minha época como aluna como quanto professora era dada em um único semestre. Pense a gente dar todos os antropólogos em um único semestre? Você dar Morgan, Tylor e Frazer até Antropologia Urbana em um semestre? Era corridíssimo. Eu comecei a batalhar isso, que era um absurdo se dar isso em único semestre, depois passou para um ano e depois passou para um ano e meio. Na Antropologia Geral a gente via uma introdução a Antropologia Biológica, sociedades camponesas, livros do Darcy Ribeiro sobre Sociedades Indígenas, Florestan Fernandes sobre os Tupinambás, Donald

⁴⁶ Em 1967, João Pompeu de Souza Brasil, licenciado em História e Geografia, foi um dos docentes contratados com a instalação do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia e a criação do CCS-UFC (MENEZES NETO, 1991, p. 24).

Pierson eu tinha livro dele chamado “Organização Social”⁴⁷, aquele do Antônio Cândido, *Os parceiros do Rio Bonito* que é maravilhoso. (Simone S. F. Soares) [Grifo meu].

Simone Soares ainda destaca que os sistemas de parentesco mereciam uma grande atenção e que disciplinas abrangendo esse conteúdo eram obrigatórias na formação antropológica da época:

Aí, tinham as teorias dadas pelo Pompeu e pelo Gegê e tinha uma outra chamada Organização Social sobre parentesco, que era o auge da Antropologia era Sistemas de Parentesco, a gente morria de estudar sistema de parentesco. Eu me lembro que até no mestrado a gente tinha uma cadeira sobre sistema de parentesco. Porque já que nessa época não se falava em Antropologia Urbana. Então só se falava em sociedades tribais e sociedades não-ocidentais. O único sistema que essas sociedades estudadas pela gente era o parentesco, eles não tem Estado, não tem uma liderança oficial, quando tem uma liderança ela é difusa, tinham uma liderança consultiva e não executiva. O que é que significava isso? Que era liderança consultiva era o Xamã, tá entendendo? Que você perguntava as coisas, que a tribo perguntava e fazia previsão do tempo, achava objetos perdidos, sabe? Ser assim tipo um juiz numa contenda entre dois indivíduos, né? Era o que se chamava liderança consultiva e não-executiva. Então como o sistema de parentesco era a única instituição existente numa sociedade dessas, tudo emanava e convergia para o estudo do parentesco. Então parentesco era uma coisa estudada em Antropologia assim detalhadamente, minuciosamente. Todos os trabalhos de Antropologia eram dissecando o parentesco, a gente tinha que fazer aqueles quadros, árvores genealógicas do sistema de parentesco, porque era a única instituição existente, então todos os antropólogos estudavam. E tinha uma cadeira só pra isso, quem ministrava era o Pompeu. Depois quando eu comecei a dar aula eu dava também (Simone S. F. Soares).

Na perspectiva de listar os livros e conteúdos vistos em sala de aula⁴⁸ durante os primeiros anos do curso de Ciências Sociais na UFC, Simone Soares destacou, a saber:

- a) LINTON, Ralph. **O homem: uma introdução à antropologia**. 3ª Ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959;
- b) SHAPIRO, Harry L. **Homem, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1956.
- c) SCHUSKY, Ernest L. **Manual para análise de parentesco**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.
- d) WILLEMS, Emílio. **Antropologia Social**. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.
- e) MONTAGU, Ashley. **Introdução à Antropologia**. São Paulo: Cultrix, 1969.

⁴⁷ *Estudos de Organização Social*, organizado por Donald Pierson, 1949.

⁴⁸ Foram listados apenas os livros presentes nas disciplinas de antropologia do CCS-UFC, de acordo com a memória da professora Simone Soares.

f) HERSKOVITS, Melville J. **Antropologia Cultural**. 8ª Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1963.

Além desses livros, Soares enfatiza que o material didático em antropologia nas primeiras turmas do CCS-UFC abrangia: textos diversos em inglês, traduzidos pelo funcionário contratado pela UFC; coletâneas de artigos sobre as temáticas de organização social, sistemas sociais em sociedades tribais em estudo comparativo com ocidentais; ensaios sobre lideranças consultivas, “não-executivas”, como, por exemplo, as vinculadas ao xamanismo. Dos livros referidos por Soares, vale salientar alguns com o objetivo de se chamar a atenção para certos conceitos e outros conteúdos, repassados aos alunos das primeiras turmas do CCS-UFC. Conforme a própria entrevistada reforçou anteriormente, os estudos de parentesco ainda ocupavam boa parte do conteúdo programático, estando presentes em disciplinas obrigatórias e optativas.

Schusky (1966) reforça os laços de parentesco com solidariedade, analisando sistemas familiares de diversas partes do mundo. O método proposto pelo autor revela passo a passo as determinações de estrutura dos casamentos iroqueses (também estudados por Franz Boas⁴⁹), da tribo Crow-Omaha e outros povos. Incluindo um grande número de casos pesquisados, Schusky introduz conceitos antropológicos de relações sociais aplicadas com lógica e sequência disposta por pontos em comum na escala linear de casamentos. É importante dizer que Schusky está inserido na antropologia estadunidense de Franz Boas e sofre influência difusionista na metodologia de suas investigações. Soares afirmou que os estudos de parentesco lhe deram uma noção sistemática das relações sociais. Para ela, o incentivo de estudar esse material residia nas particularidades de atos individuais de pequena abrangência coletiva, como os casamentos, serem relevantes para toda a estrutura social.

Os autores que escreviam sobre antropologia biológica também eram muito estudados por Soares, segundo afirma na entrevista. O destaque para Ashley Montagu⁵⁰ é devido ao fato de o seu livro, *Introdução à Antropologia*, haver sido utilizado por ela no período em que foi aluna e, posteriormente, como professora.

⁴⁹ IN: BOAS, F. **Race, Language and Culture**. New York, USA: MacMillan, 1940.

⁵⁰ O antropólogo inglês Ashley Montagu (1905-1999), fez doutorado na Universidade de Columbia, Noya York, EUA e tornou-se secretário de uma conferência da UNESCO sobre raça em 1950 (ERIKSEN; NIELSEN, 2012, p. 96).

Vale ressaltar que Soares foi a docente que se encarregou de ministrar aulas de antropologia biológica nas disciplinas iniciais do CCS-UFC, adotando o livro de Montagu (1969) nas explicações de teorias sobre a origem e evolução do homem no planeta. O livro de Montagu abrange as classificações taxonômicas de Lineu, a inserção do homem na Ordem dos Primatas⁵¹, as descrições dos seres da família Hominídea e suas respectivas características distintivas uns dos outros.

Seguindo a mesma linha de investigação de Montagu, Shapiro (1956) organiza sua coletânea de ensaios que compõem o livro *Homem, Cultura e Sociedade*. Antropólogo estadunidense e vinculado à Escola de Cultura e Personalidade, de Margaret Mead e Ruth Benedict, Harry L. Shapiro expõe nesse livro uma gama de assuntos distintos, para mostrar a diversidade de temas abordados pela antropologia. No capítulo escrito por ele mesmo, Shapiro trata das origens humanas, passando pelos seres que habitavam a Terra no período Pleistoceno⁵², relatando as mudanças existentes na configuração anatômica – tais como o polegar oponível e a presença do cérebro altamente desenvolvido – para explicar a evolução do homem. Na parte final do capítulo, Shapiro escreve sobre caracteres raciais. Ele aborda a raça através da ligação com a hereditariedade, mas sem um genótipo comum e as mutações como fontes de distinção genética das populações (cf. SHAPIRO, 1972, p. 43-45). De toda maneira, o raciocínio de Shapiro leva à complexidade da dinâmica da formação das raças. Logo, para o referido autor, nenhum elo eminentemente biológico pode integrar raças distintas de homens. E finaliza, afirmando o poder da cultura – em correspondência ao particularismo cultural boasiano – como fonte de determinações importantes para os estudos antropológicos:

Em qualquer apreciação da biologia humana, há um fator que surge único. É o efeito da cultura humana sobre o desenvolvimento biológico do homem. Nenhuma outra criatura criou para si mesmo nada que a ela se assemelhe. Em certo sentido, é uma nova dimensão – um novo meio ambiente – ao qual o homem tem que adaptar-se à medida que o cria. No entanto, estamos ainda no limiar de uma verdadeira compreensão de seu enorme significado (SHAPIRO, 1972, p. 49).

Entre a literatura vista pelas primeiras turmas do CCS-UFC, e destacada por Soares, ainda há outras conexões possíveis. Vale salientar que o capítulo “A

⁵¹ Especificamente, Montagu (1969) já insere o *Homo sapiens* no grupo dos Antropoides, na família Hominídea.

⁵² Ao falar do período Pleistoceno, Shapiro salienta descobertas de fósseis na África do Sul, com a presença de *Pithecanthropus sp.* e *Australopithecinae sp.* (SHAPIRO, 1972, p. 29).

Família” de Claude Lévi-Strauss – presente em *Homem, Cultura e Sociedade* de Harry Shapiro – é citado na introdução de *História da Antropologia* de Paul Mercier. Este livro de Mercier (1974) era usado por Simone Soares, já quando docente na UFC, na disciplina de Teorias Antropológicas⁵³. No trecho, presente no prefácio, Mercier (1974) salienta propriedades da antropologia apontadas por Lévi-Strauss:

A Antropologia visa ao conhecimento global do homem, abrangendo o seu objeto em toda a extensão histórica e geográfica; aspira a um conhecimento aplicável ao conjunto do desenvolvimento humano, e tende a conclusões, positivas ou negativas, porém válidas para todas as sociedades humanas, desde a grande cidade moderna a menor tribo da Melanésia (LÉVI-STRAUSS, 1972, *apud* MERCIER, 1974).

Vale lembrar também que livros como *O Homem: uma introdução à antropologia*, de Ralph Linton, e *Antropologia Cultural*, composto de três volumes, de Melville J. Herskovits, são citados em várias pesquisas do IAUC. Isso foi demonstrado anteriormente com o resumo de alguns trabalhos divulgados nos Boletins de Antropologia do SAFC.

Conforme o relato da própria Soares, tanto na época em que ela era aluna quanto na que era professora, a disciplina Teoria Antropológica era equivalente às três disciplinas antropológicas existentes no currículo atual. Vale ressaltar que a estrutura curricular do CCS-UFC é basicamente a mesma, conforme a entrevistada, ao comparar o conteúdo programático seguido – na área de Antropologia – quando do seu ingresso como aluna, ao conteúdo programático ministrado por ela mesma, na condição de professora. Logo, é possível compreender que os conteúdos dispostos em sala de aula serviram para que ela fixasse os pressupostos teóricos dos paradigmas antropológicos. Isso serviu de alicerce intelectual para a preparação de sua produção acadêmica e elaboração de seu trabalho docente. Por isso, a dedicação de Soares durante o período de estudante foi essencial para que ela conseguisse seu intento de tornar-se professora da área de antropologia.

Portanto, entende-se a base teórica exposta nas aulas como fator motivador contínuo na trajetória intelectual de Simone Soares. Esses conteúdos antropológicos fomentaram a instrução de Soares nos períodos discente e docente dentro do ambiente universitário. Por isso, a seguir, a antropóloga estudada destaca

⁵³ Teorias Antropológicas, com carga horária de 90hs/aula, no período letivo de 1985.2 na UFC foi a disciplina ministrada por Simone Soares. Nesse documento, se verifica a semelhança entre o conteúdo visto nas aulas quando Soares era aluna e o ministrado por ela quando professora da UFC.

momentos de quando se tornou professora da UFC. Além de comentar as dificuldades para exercer sua profissão, há um destaque para o programa da disciplina Teoria Antropológica ministrada por Soares. A partir daí, foi possível estabelecer um paralelo com o programa da mesma disciplina (visto anteriormente) quando ela era aluna do CCS-UFC.

3.1.3 A sua experiência docente, segundo a entrevistada

Após concluir o curso de Ciências Sociais, Simone Soares prestou concurso público e tornou-se professora da UFC. Contudo, as dificuldades não terminaram. Seu ingresso no corpo docente foi feito com a pressão ainda exercida pelo poderio da ditadura militar. Daí, a importância de se observar o papel analítico que a antropologia fornece em situações de conflitos ideológicos com forças governamentais. A determinação em continuar no magistério, mesmo diante de intensas adversidades, demonstra o amor de Soares pela antropologia. Esse sentimento de apego à disciplina por antropólogas que desempenharam papel de destaque na história da antropologia do Brasil, segundo Corrêa (2003), deve ser agente motivador de reflexões práticas sobre o entendimento dos fenômenos sociais:

o esforço de começarmos a compreender a atuação contextualizada de algumas de nossas ilustres antepassadas nos ajude tanto, ou mais, do que a simples reivindicação de seus textos como exemplos feministas *avant-la-lettre*, na compreensão dos movimentos complexos e sutis de construção do gênero cultural, histórica e politicamente determinados nos quais nós (e não só os povos tradicionalmente pesquisados por nós) estamos envolvidas (CORRÊA, 2003, p. 207).

Ou seja, a presença de militares censurando o conteúdo e até mesmo a presença de alguns professores, como a própria Simone Soares, contextualiza o momento vivido por ela e pelos seus alunos, permitindo a reflexão sobre uma ampla gama de significados:

Pois bem, o meu sofrimento era que eles [os militares] jamais me deixariam dar aula. Depois que eu fiz o concurso e passei eles não me deixavam dar aula. O primeiro dia de aula, eu lá dando aula e vieram três brutamontes me tirar de sala de aula. Nós terminamos em 1971 e em 1973 eu fiz e passei no concurso para professor. Eu lá dando aula, toda feliz da vida, quando chegam três policiais. Eu não tive medo. Mas eu saí de lá arrasada porque não podia mais dar aula, aí agora pronto não vou poder mais dar aula. Mas todo semestre quem tava na chefia de departamento (naquela época departamento de Ciências Sociais e Filosofia me escalava para eu dar aula

na turma seguinte. Mas todo primeiro dia de aula eu era retirada de sala de aula e impedida de exercer minha profissão. Eu saía de lá e não adiantava voltar porque eles iam me dizer: 'Aqui, você não ensina!', então eu não voltava mais. A coordenação do curso me lançava, eu começava a dar aula e eles me tiravam. Mas todo semestre eu achava isso um desafio. Isso durou dois anos. Eles me tiravam mas eu não continuava, afinal tinha receio de voltar a ser presa. Foram dois anos que esperava realizar um sonho de ser professora universitária, contava com o ordenado e não recebia nada porque não conseguia dar aula. Não fizeram nenhum concurso para me substituir, eles [os chefes de departamento e coordenadores do curso] foram muito legais comigo (Simone S. F. Soares).

Simone Soares foi minha professora de antropologia no primeiro semestre do CCS-UFC, em 2009. Ao ministrar a disciplina de "Antropologia I", Soares demonstrava em sala de aula uma vontade de despertar a paixão pela matéria dada, a partir das teorias explicadas e dos trabalhos de campo debatidos. Ademais, a antropóloga sempre discursou para os alunos sobre a necessidade de "se fazer uma antropologia engajada". Ela constantemente dizia que o antropólogo não deve "ficar em cima do muro em conflitos sociais e políticos" e deve buscar a defesa dos menos favorecidos, sejam eles de comunidades tradicionais⁵⁴ ou de populações urbanas. Isto é, o apelo de Soares, no desenvolvimento de sua fala em sala de aula, era que o antropólogo tem como dever a procura por melhores condições de vida do ser humano. A professora concorda com Montagu (1969) – autor visto por ela quando aluna e utilizado por ela quando professora – ao retratar o papel primordial que exerce a antropologia, como "ciência do homem". O referido autor afirma:

o conhecimento pelo amor ao conhecimento é muito bom mas, quando se trata do homem, cumpre-nos aplicar os descobrimentos da ciência aos problemas que ele cria. Dessa maneira poderemos, finalmente, chegar à realização do melhor que existe em todos nós, para lograr a nossa maior felicidade e a maior felicidade dos nossos semelhantes (MONTAGU, 1969, p. 8).

Similar a Thomaz Pompeu Sobrinho⁵⁵, que via na antropologia uma ciência que tinha como objetivo "aplainar e aparelhar os caminhos destinados a nos levar a um mundo melhor", Soares vê no debate antropológico, iniciado por reflexões

⁵⁴ Uso a expressão "comunidades tradicionais" somente em oposição a "populações urbanas". O intuito é destacar que nas aulas ministradas por Soares há uma procura, incentivada por ela, em se desenvolver práticas de trabalho antropológico voltadas para a defesa de coletividades oprimidas por forças externas mais poderosas, sejam essas forças governamentais (oriundas, portanto, do poder público) ou econômicas (provenientes da iniciativa privada). Significa dizer que, independentemente do tipo de comunidade em questão, a perspectiva ressaltada por Soares em sala de aula era de que o poder político e/ou econômico que quer se impor sobre pessoas não-detentoras desse poder deve ser denunciado pela antropologia. Por isso, faço a ressalva destacada por Little (2002), em que ele afirma "que a identidade de um grupo passa, entre outras coisas, pela relação com os territórios construídos com base nas suas respectivas cosmografias" (LITTLE, 2002, p.10).

⁵⁵ IN: *Noções sobre o conceito de antropologia*. Boletins de Antropologia do Serviço de Antropologia da Universidade do Ceará. Vol. 1-3, N° 1 (1957-1959), p. 105-115. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

teóricas em sala de aula, a possibilidade de construção de uma sociedade mais justa entre as pessoas. Da mesma maneira que Pompeu Sobrinho (1957) via a instalação do SAFC e do IAUC como meio de resolução dos problemas sociais através dos cursos ministrados e a divulgação de conhecimentos antropológicos como a “chave única e verdadeira para orientar acertadamente as ações humanas” (POMPEU SOBRINHO, 2011, [1957]).

Esse anseio de inculcar nos alunos a possibilidade de realização de um mundo melhor para todos os indivíduos por meio da antropologia foi uma postura que motivou Soares a continuar no magistério, mesmo com as dificuldades anteriormente retratadas. Embora percorrida com demanda de esforço e perseverança, a trajetória de Simone Soares foi contemplada com êxito acadêmico em sua prática docente. Ela demonstra a satisfação de sua realização profissional no fechamento da entrevista:

Eu sei que era assim, com toda essa dificuldade, com escassez de professor, com essa perseguição e tudo. (...) Os alunos eram dedicados, 7h já tavam lá, tinha até como no tempo de colégio interno, 9h tocava uma sineta para ter intervalo e depois outra sineta para começar a aula novamente. Era muito gratificante fazer parte desse início de curso devido a todos esses desafios (Simone S. F. Soares).

Enfim, interligo a disposição dos programas das disciplinas antropológicas entre o mundo discente e docente de Soares dentro da UFC. A base mantida da matriz disciplinar de Teoria Antropológica é um exemplo que denota a diluição dessa fronteira. É evidente que as suas motivações em ser antropóloga estão transitando em todos esses eventos. Afinal, lidar com obstáculos internos (carga exaustiva de estudos) e externos (prisão e impedimento de exercer o magistério) é prova de que a sua escolha profissional não se deu em um só momento, mas foi perpassada durante várias situações.

O estudo é complexo e exige olhares para ramificações desta pesquisa em direções além de uma só forma de conhecimento científico. Como Debert (1986) enfoca sobre a maneira de se estabelecer novas possibilidades de pesquisas sobre histórias de vida, afinal,

É assim que histórias de vidas e relatos orais fazem convites irrecusáveis para rever interpretações, desenvolver novas hipóteses e encaminhar novas pesquisas de forma a refinar os grandes conceitos explicativos e seus pressupostos (DEBERT, 1986, p.156).

Em contrapartida, garanto que a ideia de constante inquietação do fazer antropológico, proposto por diversos autores – dentre eles, destaco Geertz (2001)⁵⁶ – faz com que mais perguntas sejam levantadas do que respostas sejam obtidas. Uma das evidências que demonstro a escolha intelectual de Simone Soares pela antropologia está no engajamento político contra qualquer forma de repressão e na vontade (como anteriormente observado, também presente em Thomaz Pompeu Sobrinho) em “dar ao homem uma vida melhor que todas as que ele conheceu” (LINTON, 1976, p. 485). Essa combinação de desejo de liberdade e sentimento de buscar uma mudança social que melhore a vida de pessoas traz em Soares um discurso peculiar no retrato de suas motivações profissionais ligadas à antropologia. E, conforme essa mesma influência de um dos seus livros preferidos, *O Homem: uma introdução à antropologia* de Ralph Linton, essa fala particular de sua esperança crítica coloca vis-à-vis cientistas sociais com os antigos filósofos gregos⁵⁷, estabelecendo “uma nova fronteira, de onde os espíritos livres forçarão novamente a marcha para o desconhecido” (LINTON, 1976, p. 485), ou seja, para um futuro em que não haja restrições à liberdade e nem desigualdades sociais aviltantes.

3.2 Ismael Pordeus Júnior e sua opção profissional pela antropologia

Ismael Pordeus Júnior entrou na UFC em 1970, fazendo parte, portanto, da terceira turma do Curso de Ciências Sociais. Com interesse sempre vinculado à antropologia, Pordeus Júnior se dedicou desde os primeiros anos da graduação a pesquisas de cunho etnográfico. Filho do célebre historiador cearense Ismael Pordeus, ele teve convívio com o meio intelectual desde a infância. Com o pai pertencendo ao Instituto Histórico e Geográfico do Ceará (sendo inclusive diretor desse órgão), Pordeus Júnior se influenciou pelas pesquisas do pai e já demonstrava vontade em ser intelectual desde criança (cf. Ismael Pordeus Júnior). Com o decorrer da graduação, passou a se especializar no estudo das religiões afro-

⁵⁶ O “inquietar” de Geertz presente na forma de não ver a antropologia como ciência estanque, moldada por pré-noções e paradigmas fixos, mas sim como fonte de observações ilimitadas e com múltiplos enfoques para reflexões sobre o comportamento humano nas relações sociais (GEERTZ, 2001).

⁵⁷ Linton usa a comparação com os filósofos gregos devido ao contexto social em que eles estavam inseridos. Afinal, esses intelectuais estavam insatisfeitos com as condições sociais do povo grego e eram perseguidos pelos adoradores das divindades (LINTON, 1976).

brasileiras, especificamente a umbanda. Ficou conhecido internacionalmente no meio acadêmico por sua especialidade nesse tema, sendo atualmente um dos baluartes nas pesquisas relacionadas com a umbanda.

A vasta experiência de Pordeus Júnior no campo da antropologia é um fato incontestável. Por isso, entendo que múltiplos aspectos foram relevantes na sua escolha por essa carreira profissional. Na tentativa de compor uma pesquisa monográfica mais objetiva e descrevendo acontecimentos marcantes na vida acadêmica de Pordeus Júnior, propus a ele destacar momentos importantes que determinaram sua escolha profissional. Noutras palavras, o antropólogo mostrou que o apreço por um tema – no caso, a história da antropologia no Ceará – foi um fator decisivo que permitiu a sua entrada definitiva no magistério de nível superior. Dessa forma, a análise da trajetória intelectual de Pordeus Júnior foi feita neste estudo através de um dos acontecimentos determinados como primordiais para a sua decisão em ser antropólogo: a prova didática no concurso para professor titular de antropologia na UFC.

Diferentemente de Simone Soares e Teresinha Alencar, o evento disposto por Pordeus Júnior para definir sua escolha profissional não se referiu a momentos relacionados especificamente a eventos distribuídos por toda a vivência dele no campo antropológico. É evidente que esses aspectos, que compõem toda a trajetória intelectual dos pesquisadores estudados, também fizeram parte das variáveis que possibilitaram a ele por optar pela antropologia como carreira profissional. Entretanto, o episódio salientado por Pordeus Júnior é, sobretudo, vinculado a um procedimento singular que permeia as universidades: a prova didática presente no concurso para professor titular. No ínterim da preparação dessa aula – desde a escolha do tema até a produção de um artigo depois de ministrá-la – há a presença de aspectos emocionais que denotam o apreço de Pordeus Júnior pela antropologia. Entrementes, observo a especificidade do fato escolhido por ele: um momento especial – presente em um protocolo de ações ritualizadas – para a titulação acadêmica do magistério superior e, ao mesmo tempo, permite realização pessoal de discursar a respeito de um assunto que ele detém notado interesse: a história da antropologia no Ceará.

Portanto, a partir do evento selecionado por Ismael Pordeus Júnior, “a aula ministrada para o concurso de professor titular da UFC”, seguiu-se esta investigação sobre as motivações dele em seguir na carreira antropológica. O

resultado da prova didática do concurso foi a produção de um artigo sobre o tema da aula: a História da Antropologia no Ceará. Assim, exponho diversos aspectos desse artigo foram avaliados, levando a considerações importantes sobre o papel do IAUC e do CCS-UFC na formação intelectual de Pordeus Júnior e de outros antropólogos, citados por ele, como importantes colaboradores para o trabalho antropológico em território cearense.

3.2.1 A tentativa de apreensão do relato oral de Ismael Pordeus Júnior por meio da escrita

O antropólogo Ismael Pordeus Júnior fez considerações a respeito da construção do artigo “Anotações Sobre a Antropologia no Ceará”, escrito por ele sobre o Campo da Antropologia no Ceará⁵⁸. Especificamente, Pordeus Júnior destacou os passos de análise metodológica, as situações vividas por ele durante o período da escrita, as dificuldades de obtenção de dados e formação do texto que tinha como objetivo principal retratar os primórdios da disciplina antropológica perante a comunidade acadêmica da UFC.

Com relação à escrita utilizada nesta monografia foram utilizadas as indicações metodológicas de Roberto Cardoso de Oliveira em *O trabalho do antropólogo*⁵⁹ com enfoque no “olhar, ouvir e escrever”, isto é, colocou-se a transcrição dos principais pontos da entrevista (ouvir) com as minhas impressões sobre o local, o momento e a postura do entrevistado (olhar). Uma indagação a Pordeus Júnior mostrou-se ligada a mais perguntas subsequentes às respostas dadas pelo interlocutor, procurando mais “questionamentos em si mesmos”, buscando “problematizá-los” para a “construção do nosso saber” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p.18). Não obstante, propus uma escrita composta por elementos que envolviam as perguntas elaboradas por mim e as respostas dadas pelo entrevistado, conforme a dinâmica de estabelecimento dos pontos de acordo com minha anterior leitura da matéria exposta pelo professor Ismael Pordeus Júnior (escrever).

O escrito dialógico⁶⁰ (com pontos de vista meus e do interlocutor) foi visto como “uma maneira alternativa de representar essa complexidade discursiva” em

⁵⁸ Artigo elaborado a partir da prova didática prestada por Pordeus Júnior no concurso de professor titular da UFC, em 1993.

⁵⁹ IN: CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 18.

⁶⁰ IN: CLIFFORD, 2008, p. 44.

uma análise processual semelhante a uma “negociação em andamento” (CLIFFORD, 2008, p. 44). Com essa ideia, o primeiro aspecto anotado foi a dinâmica da entrevista proposta por ambos (eu e Pordeus Júnior) em pontos-chave do artigo escrito por Ismael Pordeus Júnior sobre a construção histórica do campo antropológico no Ceará. Nele, o professor define a descrição como um método de escrita antropológico que tem como um de seus objetivos o de interligar o pesquisador (autor do texto), o leitor e o pesquisado:

No entanto, a função visual da descrição – de tornar visível os fenômenos e os objetos tal qual se apresentam para nós – constitui um saber. Essa figura [visual] tal como se mostra na e pela descrição é o resultado de uma construção narrativa, pois os antropólogos escrevem os textos tomando notas ou redigindo monografias. Assim ela é o produto de uma montagem que a escritura permite configurar, uma construção simbólica entre outras. Ao mesmo tempo se atribui uma veracidade, pois significa também o terreno que ela representa. Dessa maneira ela é formada a conduzir o leitor a admitir que aquilo que ele lê é correspondente a realidades encontradas por um observador, com o qual ele entrou em relação como indivíduo, como pesquisador e como autor. Então ela é construída para que seu significado seja referencial (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 3).

Seguindo esse modelo de escrita pautado por percepções minhas e saberes vivenciados pelo entrevistado, abrangerei o relato oral de Pordeus Júnior na aula ministrada no concurso para professor titular da UFC (expressa no artigo anteriormente citado) e na entrevista. A importância desse artigo na trajetória intelectual de Pordeus Júnior é focada no trabalho de revisão histórica que norteou boa parte de sua produção acadêmica ao longo de sua vasta experiência na antropologia cearense. Por isso, expõe-se a transcrição da fala do entrevistado sem alterações sobre pontos relevantes à pretensão da pesquisa. O importante é que foi assegurado o intuito pesquisado e que houve consonância de atitudes em prol do enriquecimento teórico da matéria e sua consequente produção de mais inquietações que mantenham o caráter heurístico da ciência em constante funcionamento.

3.2.2 A elaboração do artigo “Anotações Sobre a Antropologia no Ceará” com abordagem do contexto histórico da antropologia cearense

Em 1993 houve um concurso para professor titular de antropologia na UFC em substituição ao professor Luiz Fernando Raposo Fontenelle. Ismael

Pordeus Júnior, até então professor colaborador com doutorado⁶¹, incorporado ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC em 1978, prestou os exames referentes ao processo seletivo e foi aprovado. Contudo, além da motivação em se tornar professor titular da UFC, Pordeus Júnior quis ampliar a temática presente no discurso de sua aula ministrada com a construção de um artigo decorrente da pesquisa feita por ele na preparação do concurso. Aproveitou o convite da coordenação do CCS-UFC para elaborar o prefácio da nova coleção dos Boletins de Antropologia do SAFC para refinar sua pesquisa sobre a história da antropologia cearense. Dessa forma, na interlocução, ele especificou o contexto de construção metodológica de seu artigo, o qual era formado como marco fundante a implementação do IAUC.

No intuito de promover estudos da memória da antropologia no Ceará, Pordeus Júnior se viu movido a escrever o artigo e indicar mais inquietações, visando observar as questões que marcaram o desenvolvimento de trabalhos etnográficos considerados importantes na história da disciplina no contexto local. De pronto, um dos interesses de Pordeus Júnior estava em mostrar a necessidade de compor uma escrita que denotasse os marcos teóricos pioneiros da antropologia cearense. Nesse sentido, através do trabalho de pesquisa e levantamento de dados, Pordeus Júnior buscou unir a memória da antropologia no Ceará com elementos das teorias antropológicas influentes no meio acadêmico naquele período, trazendo uma “visão interna à prática da antropologia”, e com isso, informando “o refinamento e a expansão da antropologia a partir de pesquisas de campo nossas e de nossos pesquisadores” (PEIRANO, 2004, p. 108). O convite feito ao professor Pordeus Júnior⁶², e sua investigação inicial para a construção do texto são destacados neste trecho da entrevista:

Fui convidado pela chefia do departamento, professor Cristian Paiva e o coordenador do curso, o professor Alexandre Vale, para fazer uma introdução ao boletim de Antropologia que estava sendo reeditado. Aí eu fui atrás de meus alfarrábios, da aula do concurso de professor titular aonde nessa época, em 1993 eu acho, eu fiz uma pesquisa a respeito do Instituto de Antropologia para ir atrás dessa aula sobre a antropologia, porque a minha aula eu poderia escolher dar uma aula teórica ou falar da

⁶¹ Ismael Pordeus Júnior tornou-se doutor em Antropologia Social pela Universidade de Lyon II, em 1988, com a tese *Prometeu Mal Acorrentado ou Exu, o rei das Encruzilhadas* (HAGUETTE, 1991, p. 110).

⁶² Trata-se do convite feito ao professor Pordeus Júnior para que ele escrevesse o prefácio intitulado “Retoques à Antropologia do Ceará”, presentes na coletânea *Obras Raras dos boletins de Antropologia do Instituto de Antropologia do Ceará*. Tal compêndio foi organizado pela Fundação Waldemar Alcântara em 2001.

antropologia no Ceará, e eu optei pela antropologia no Ceará. E nessa aula eu aproveitei para homenagear as pessoas que me antecederam nessa cátedra, uma antiga cátedra de Antropologia, foi eliminada a cátedra na reforma universitária e então professor catedrático passou à categoria de professor titular. E aí eu fui voltar à antropologia, voltei ao ponto que eu acho marcante da antropologia do Ceará como o livro do Dr. Pompeu *Retrato do Brasil: pequenos retoques* aonde ele vai questionar a perspectiva do Paulo Prado do livro *Retratos do Brasil*⁶³, certo? Pronto. Por que isso? Porque o Dr. Pompeu era um engenheiro, mas com uma formação humanista muito grande, pertencia ao Instituto Histórico do Ceará e muito moço, quer dizer, 30, anterior mesmo ao livro do Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, ele publica um livro aonde ele vai falar da formação cultural do Brasil, como uma coisa positiva e não vista numa forma negativa como até aí havido ocorrido no século passado (Ismael Pordeus Júnior) [Grifos meus].

Com o relato inicial de Pordeus Júnior, pôde-se observar que ao falar da aula que o introduziu na “Cátedra de Antropologia” da UFC ele direciona dois caminhos de pesquisa que o motivaram para a construção do artigo. Primeiro, as homenagens aos antropólogos seus antecessores como professores titulares de antropologia na UFC – no caso específico, o professor Luiz Fernando Raposo Fontenelle. Segundo, ao cotejo teórico formulado entre Paulo Prado, com *Retrato do Brasil: um ensaio sobre a tristeza brasileira*, Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, com *Retrato do Brasil: pequenos retoques* e o próprio Ismael Pordeus Júnior no referido artigo em questão, *Anotações Sobre a Antropologia no Ceará*. Na análise de Pordeus Júnior, o ponto “marcante da antropologia do Ceará” se dá com a publicação do livro de Pompeu Sobrinho sobre a “formação cultural do Brasil” em crítica a Paulo Prado a partir de um olhar mais positivo sobre a sociedade brasileira.

Assim, esses dois objetivos do artigo formam o escopo da linha investigativa proposta por Ismael Pordeus Júnior. No primeiro enfoque, verificou-se que a importância de antecessores, para Pordeus Júnior, está muito ligada ao IAUC e à criação do CCS-UFC. Paralelamente, o embate ideológico de Pompeu Sobrinho e Paulo Prado é direcionado como elo motivador do primeiro em seguir nas investigações antropológicas, buscando reforçar o ponto de vista crítico que impôs – logo na juventude – à obra *Retrato do Brasil: um ensaio sobre a tristeza brasileira*, escrita pelo segundo.

Ao adotar parâmetros cronológicos, tentando me aproximar do trabalho intelectual feito na pesquisa de Pordeus Júnior quando compôs o artigo, inverto a

⁶³ Pordeus Júnior se refere ao livro *Retrato do Brasil: um ensaio sobre a tristeza brasileira* de Paulo Prado, publicado em 1928.

sequência de caminhos colocados pelo entrevistado no primeiro depoimento. Assim, primeiramente me atendo – ainda nesta seção – aos pontos de vista ressaltados por Pordeus Júnior em seu artigo sobre Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho e Paulo Prado⁶⁴. Nas seções seguintes discorro sobre as homenagens de Pordeus Júnior aos seus antecessores na área de antropologia, ressaltando a sua visão sobre a importância do IAUC e, a partir da extinção dessa instituição, a criação do CCS-UFC.

Em seu artigo, o entrevistado afirma que Pompeu Sobrinho “entrou” na antropologia através de Paulo Prado. Com a contestação do “caráter triste”, movido por ambição desenfreada e sensualidade latente retratado por Paulo Prado, Pompeu Sobrinho se insere no ramo antropológico, na visão de Pordeus Júnior, pela concepção de uma nova ideia para explicar a formação da sociedade brasileira. Nessa ideia, Pordeus Júnior afirma:

Em *Retrato do Brasil: pequenos retoques*, texto publicado em 1930, o autor cearense revisa Prado e contesta a tristeza da visão de Prado, mostrando que na exploração colonial, a coesão em torno de valores tradicionais, como a família, a religião e a língua portuguesa serviu de sustentação dessa sociedade, fazendo com que ela se adaptasse às condições do ambiente, de maneira a constituir-se como nação autônoma, como atestavam as numerosas e sucessivas manifestações nativistas (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 4).

Pompeu Sobrinho (1930) ressalta o seu ponto de vista ao criticar Prado movido por preocupações com os jovens ao lerem o material do último, repleto de pessimismo e desdém pela sociedade nacional. Barroso (1980)⁶⁵ ressalta que nem mesmo a efervescência rebelde do movimento modernista – no auge naquela época – foi capaz de se opor às ideias pessimistas colocadas pelo escritor Paulo Prado sobre o caráter do povo brasileiro. Pompeu Sobrinho (1930) explica as razões de compor uma crítica a Prado:

No curioso ensaio sobre a tristeza brasileira, defende o ilustre autor [Paulo Prado] uma tese que nos afigura mal alicerçada; e, como pode repercutir desfavoravelmente no coração da mocidade nacional, julgamos oportuno aduzir as razões que estribamos modesta e despreziosa contradita (POMPEU SOBRINHO, 1930, p. 44).

⁶⁴ Passando pelo vasto conhecimento de Pordeus Júnior das pesquisas de Pompeu Sobrinho, utilizei o próprio material do artigo *Anotações Sobre a Antropologia no Ceará* para enfocar a análise de Pordeus Júnior. Com relação ao trabalho de Paulo Prado (1981 [1928]), fiz comentários sobre as ideias centrais do livro *Retrato do Brasil: um ensaio sobre a tristeza brasileira* no Apêndice A deste trabalho.

⁶⁵ IN: BARROSO, J. P. Pompeu Sobrinho – Doutor Máximo do Ceará. Fortaleza, CE: Revista do Instituto do Ceará. N° 100, 1980, p. 302-312.

Continuando a construção do raciocínio crítico, Pompeu Sobrinho reforça o seu argumento mostrando que o povo brasileiro que vivia no período colonial não tinha no fato de acumular riquezas como seu objetivo principal, como ressaltava Prado ao falar da cobiça desenfreada pelo ouro. Em contrapartida, Pompeu Sobrinho aponta como a tentativa do colono brasileiro em dominar a natureza como principal característica da população naquele momento (cf. POMPEU SOBRINHO, 1930, p. 45). Ademais, o autor de Retrato do Brasil: pequenos retoques coloca a ausência de ordem jurídica como fator de ascensão do poder religioso. A rebeldia a qualquer forma de controle social, destacada por Prado, é debelada na visão de Pompeu Sobrinho quando ele afirma que o povo tinha desejo de uma vigilância de seus atos que fosse maior do que a moral pregada pela Igreja Católica (cf. POMPEU SOBRINHO, 1930, p. 50-51). Uma possível “evolução social” é propagada por Pompeu Sobrinho (1930) ao dizer que os movimentos nativistas eram a expressão de sucesso do povo brasileiro em batalhas contra estrangeiros e que promoviam um “instinto dinâmico” contrário ao marasmo triste apregoado por Prado (cf. POMPEU SOBRINHO, 1930, p. 53, 99). Por fim, Pompeu Sobrinho afirma que só há tristeza no povo brasileiro em momentos de flagelo social e que o “espírito” nacional é alegre:

Concluindo, julgamos que no Brasil só há tristeza sob o império da fome e das moléstias. Nos lugares naturalmente sadios, não se conhece nenhum abatimento coletivo de espírito, a alegria torna-se geral e irradia de todas as manifestações sociais (POMPEU SOBRINHO, 1930, p. 104).

Pordeus Júnior estabeleceu, então, que a análise social de Pompeu Sobrinho (1930), em contestação a Paulo Prado (1981), foi o traço marcante dos primórdios de pesquisas antropológicas no Ceará. A leitura dos materiais de ambos esses autores, durante a pesquisa de preparação da aula para o concurso de professor titular da UFC, forneceu a Pordeus Júnior uma motivação especial com a antropologia. Ver a história da disciplina em território cearense se iniciando por aspectos críticos fez com que Pordeus Júnior se estimulasse a prosseguir na trajetória profissional, sob a égide de um novo título: o de professor titular. Assim como que, já nos “alfarrábios” do período em que era estudante, Pordeus Júnior pudesse perceber o viés amplo, de alcance multifacetado, que a análise antropológica pode oferecer acerca dos fenômenos sociais, similares aos anteriormente observados por Pompeu Sobrinho. Não obstante, Pordeus Júnior

procura definir a antropologia – no decorrer de “Anotações Sobre a Antropologia no Ceará” – pela área de alcance da realidade observada:

Ela [a antropologia] não pode controlar a sua própria experiência: o cientista social não controla os elementos porque o que ele observa pode estar mudando. São pensamentos, idéias, consciências... Portanto, ele não pode determinar que o seu campo de observação permaneça imóvel (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 3-4).

A produção intelectual de Pompeu Sobrinho também é destacada no artigo de Pordeus Júnior. Como esse último ressalta anteriormente, o trabalho antropológico de Pompeu Sobrinho se aprofundou após a escrita de *Retrato do Brasil: pequenos retoques*. A seguir, ele lista uma série de trabalhos publicados por Pompeu Sobrinho como anúncio da amplitude temática abordada pelo fundador do SAFC, tais como:

Sistemas de parentesco dos índios Kariri; Os crânios da gruta da Canastra; Os índios Fulniôs de Pernambuco; Os índios Mairine; Lendas Mehin; Índios Tremembés; Tapuias do Nordeste e a monografia de Elia Herkman; Vocabulário dos índios Mutuaris do Yamundé; Os litóglifos da Pedra do Oratório; Migrações paleolíticas e as inscrições rupestres da América; Pré História Cearense; Proto História Cearense; Manual de Antropologia, 2 vol; Antropologia física; Físio Psicologia (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 4).

Grande parte desses trabalhos, como foi observado anteriormente, foram publicados pelos Boletins de Antropologia do SAFC. E, baseado no aporte da divulgação dos trabalhos etnográficos cearenses por esses documentos é que Pordeus Júnior enfatiza a importância do IAUC na formação intelectual dele e da maioria dos antropólogos cearenses.

3.2.3 O Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará na visão de Ismael Pordeus Júnior

Os boletins⁶⁶ aos quais se refere Pordeus Júnior foram publicados pelo Dr. Thomaz Pompeu e, segundo ele, serviram de subsídios teóricos do plano de pesquisa do Instituto de Antropologia, além de garantirem a publicação *a posteriori* da Revista de Ciências Sociais. De acordo com Menezes Neto (1991) o Plano elaborado pelo Dr. Thomaz Pompeu tinha os seguintes objetivos:

Quanto ao seu alcance o **Plano** [Plano de Pesquisa Sócio-Cultural do Ceará, elaborado pelo professor Thomaz Pompeu Sobrinho] apresentava-se como **global**, na medida em que pretendia atingir toda a área ecumênica do Ceará, enquanto considerava os efeitos e estímulos extraterritoriais

⁶⁶ No capítulo 1 deste trabalho esteve presente um panorama geral das pesquisas desenvolvidas pelos componentes do SAFC (posteriormente, IAUC), publicados de 1957 a 1961.

incidentes nas atividades sócio-culturais do Estado. Era **integral**, por compreender todas as atividades antropológicas: as “intrínsecas” (sociais, ecológicas, culturais, biotipológicas, raciais, etc) e “extrínsecas” ou subsidiárias (influências fisiográficas, históricas, agronômicas, etc.) (MENEZES NETO, 1991, p. 25).

Essa ideia do Dr. Thomaz Pompeu em formular o Plano para o Instituto de Antropologia já tinha como interesse unir a extensão com o ensino, trazendo elementos metodológicos da pesquisa para as salas de aula da universidade. Ou seja, a influência da pesquisa do IAUC e seus fundadores trouxe inovações fecundas na reflexão dos fenômenos sociais, desde o trabalho em campo até a utilização de categorias analíticas observadas e trazidas para os estudantes (incluindo o próprio Pordeus Júnior) e professores. Menezes Neto (1991) exalta a relevância do Plano do Instituto de Antropologia:

O Plano de Pesquisa Sócio-Cultural do Ceará, elaborado pelo professor Thomaz Pompeu Sobrinho para o Instituto de Antropologia, em 1960, iria constituir-se, com as adaptações a que foi submetido, em orientação de trabalho para os pesquisadores dos dois órgãos mencionados [Instituto de Antropologia e Departamento de Ciências Sociais]. As pesquisas de campo que se desenvolveram a partir de então ofereceram, como resultado imediato, ao lado do treinamento de professores e estudantes, as indicações teóricas e metodológicas com fundamento nas quais iriam desenvolver-se, nos anos subsequentes, as linhas de pesquisas e a formação pós-graduada na área de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará (MENEZES NETO, 1991, p. 27-28).

Pordeus Júnior explicita a importância do Plano de Pesquisa Sociocultural do Ceará, elaborado por Thomaz Pompeu Sobrinho, com a visão do autor de seus principais objetivos. Dentre eles, está a elevação do SAFC à categoria de instituto, pois o próprio efetivo de pesquisadores selecionados para comporem a elaboração do Plano serviria como plantel de funcionários do recém-criado IAUC:

É a própria fundação do Instituto de Antropologia no âmbito da Universidade Federal do Ceará, que irá permitir montar uma equipe em torno do Projeto de Pesquisa sociocultural do Ceará. O objetivo deste Projeto era “o ajustamento das populações cearenses” ao seu meio, sendo para isso necessário acumular um conhecimento de valor prático no campo antropológico, fisiográfico sociocultural, objetivando implementar um plano ambicioso de mudança social melhor adequado a essas populações (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 5).

O papel de destaque do IAUC, conforme relatado por Pordeus Júnior em “Anotações sobre a Antropologia no Ceará” e evocado na entrevista, se dá, também, pela formação de pesquisadores. Geraldo Markan e Luiz Fernando Raposo

Fontenelle são destacados pelo autor do artigo. Estes últimos vão aos EUA estudar em escolas de Antropologia⁶⁷. Pordeus Júnior afirma na entrevista:

E os dois foram para os EUA mais ou menos na mesma época, um para Califórnia [Fontenelle] e o outro para Nova York [Geraldo Markan]. (...) Então esses três são os que saem daqui para se formar em antropologia⁶⁸, porque tinham dois que tinham vindo de fora que tinham formação em antropologia que eram o Dr. Luiz Fernando Raposo Fontenelle e Geraldo Markan. E teve o Alencar [Francisco Alencar], que também trabalhou no Instituto, e que eu não tive contato (Ismael Pordeus Júnior).

Ademais, a importância do trabalho de Fontenelle é afirmada por Pordeus Júnior no artigo oriundo de sua aula ministrada no concurso de professor titular em Antropologia da UFC, a saber:

Queremos destacar o papel do segundo Diretor do Instituto de Antropologia, pois em sua gestão foi criado, em 1969 o Departamento de Ciências Sociais. Diferentemente de seu antecessor [Thomaz Pompeu Sobrinho], um engenheiro com uma visão humanística e autodidata em Antropologia, o Dr. Luiz Fernando Raposo Fontenelle era um antropólogo. (...) Um aprendizado de campo em Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro, tendo como colega Geraldo Markan Ferreira Gomes e acompanhado de perto pelo Professor Carl Withers, contribuiu para a formação destes pesquisadores em Antropologia, que partiu para a pós-graduação na Universidade de Berkeley, na Califórnia, enquanto que Geraldo Markan dirigia-se para a Universidade de Columbia onde ambos tiveram a oportunidade de serem orientados por estudiosos que marcaram a Antropologia Norte-Americana (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 5).

Pordeus Júnior reforça que o novo diretor do IAUC, professor Fontenelle, já tinha experiência em trabalhos de campo anteriores antes de assumir o cargo de chefia na instituição:

Já tendo feito um estudo de medicina tradicional na comunidade dos Aimorés em Minas Gerais, como antropólogo da Fundação SESP, coordenou a pesquisa em São Benedito, na Ibiapaba, que veio a ser publicada em 1960/1961, com o título *Rotina e fome em uma região cearense* e foi considerada pelo Dr. Pompeu como a primeira obra que se referia ao plano que ele havia elaborado e ao qual nos referimos anteriormente (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 5).

Menezes Neto (1991) afirma que principalmente após “a nomeação do professor Luiz Fernando Raposo Fontenelle para a direção do Instituto de Antropologia em 1966, em substituição ao professor Thomaz Pompeu Sobrinho que exercera estas funções desde a sua fundação, em 1958”, formou-se um grupo de

⁶⁷ A pós-graduação de Geraldo Markan se dá na Universidade de Columbia, em Nova York. Enquanto a pós-graduação de Luiz Fernando Raposo Fontenelle ocorre na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Ambos influenciados pela antropologia norte-americana em seus estudos no exterior.

⁶⁸ Os três professores que Pordeus Júnior se refere nesse trecho são: Teresinha Alencar, Luiz de Gonzaga Mendes Chaves e João Pompeu de Sousa Brasil. Todos eles saem do Ceará para cursarem o Mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional, UFRJ.

pesquisadores engajados no campo de observações dos fenômenos sociais com o foco na antropologia (MENEZES NETO, 1991, p. 28). Pordeus Júnior coloca, na entrevista, a importância do Dr. Raposo Fontenelle e suas primeiras pesquisas de campo no Ceará:

A origem de todo esse processo antropológico está no Dr. Raposo Fontenelle, com suas pesquisas na região da Ibiapaba, que se chama “Rotina e Fome em uma Região Cearense” que o próprio Dr. Pompeu dizia que esse livro era importante porque esse livro permitia uma das perspectivas da grande pesquisa em três áreas: área de alto mar, área entre mar e sertão, sertão e serra. (...)

Então o Fontenelle pegou a região da serra e o Dr. Pompeu ficou muito satisfeito porque correspondia a uma das preocupações dele. E esse projeto do Dr. Pompeu ele influenciou porque houve outros trabalhos posteriores de professores – do antigo Instituto que se tornaram professores – que deram continuidade a esse termo da pesquisa. Em Almofala que foi realizada pelo Luiz de Gonzaga, pela professora Bruhilda também, que tem livro publicado sobre essa pesquisa. Tem a pesquisa do Luiz de Gonzaga e teve a pesquisa de Canoa Quebrada, era a pesquisa de mar aberto e pesquisa de curral (Ismael Pordeus Júnior).

As investigações realizadas por Fontenelle propiciou, segundo Pordeus Júnior, o arcabouço teórico-metodológico para a pesquisa e a formação de uma nova geração de antropólogos cearenses. O referido interlocutor afirma que, nessa época, houve estudos em locais até então não visitados, como Almofala, Canoa Quebrada e Serra da Ibiapaba. Menezes Neto (1991) evidencia os pesquisadores e seus grupos ainda vinculados ao Instituto de Antropologia:

Os Projetos de Pesquisa em Áreas Pesqueiras Litorâneas desenvolveram-se, a partir de 1967, em duas regiões do Estado, envolvendo os municípios de Almofala e de Canoa Quebrada. O grupo de Almofala, integrado por estudantes-bolsistas, teve a participação do professor Luiz de Gonzaga Mendes Chaves (coordenador). O grupo de Canoa Quebrada foi coordenado pelo professor Hélio Guedes de Campos Barros e contou com a assistência da professora Teresinha Helena de Alencar Cunha (MENEZES NETO, 1991, p. 29).

Pordeus Júnior dá destaque especial para o trabalho de campo exercido nessas áreas pesqueiras. O antropólogo entrevistado ressalta que esses Projetos de Pesquisas em áreas pesqueiras forneceram as bases de um trabalho antropológico de campo no território cearense.

O professor Fontenelle implementou como pesquisa de campo, o Projeto de Áreas Pesqueiras Litorâneas que foi pensado de maneira a abraçar realidades distintas objetivando dados que pudessem levar à compreensão da pesca em duas comunidades, uma no litoral Sul – Canoa Quebrada onde o mar era profundo e o pescador tinha que sair em busca do peixe em jangadas de piúba, com suas velas brancas. Outra no litoral Norte, onde o mar era raso a pesca era de curral e o pescador esperava o peixe, sendo as denominações da pesca as mesmas da agropecuária. Basicamente esse

projeto propunha a análise da forma de variantes culturais (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 6).

Todo esse material histórico sobre essas pesquisas foi utilizado, segundo Pordeus Júnior, na preparação do artigo sobre o campo da antropologia no Ceará. Dentre os vários aspectos acerca dos trabalhos do IAUC, o antropólogo enfatizou também o período que marcou a extinção do IAUC e a criação do CCS-UFC. Segundo o interlocutor, a nomeação do professor Fontenelle ao cargo de diretor do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC em concomitância com a gestão de diretor do IAUC foi a maneira que a Reforma Universitária do governo militar encontrou de anexar o IAUC ao DCSF-UFC, transferindo o quadro de funcionários de uma unidade para a outra. Logo, Pordeus Júnior relata que “ao assumir a direção do Instituto, o Professor Fontenelle tratou de reorganizá-lo, objetivando a formação de quadros especializados com vistas à criação do Curso de Ciências Sociais” (PORDEUS JÚNIOR, 1993).

Nesse momento, o interlocutor observa que alguns professores que iriam compor o recém-criado CCS-UFC são oriundos desse projeto de áreas pesqueiras. Nessa análise, ele afirma que as influências das pesquisas do IAUC foram parte importante da fundação do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC.

Assim podemos ressaltar, mais uma vez, que o Departamento de Ciências Sociais foi impregnado com as cores da Antropologia, com a atmosfera e com o cunho antropológico. Quando se fez o Projeto das Áreas Pesqueiras Cearenses, sua justificativa era sua justificativa antropológica. E nesse projeto, como já ressaltamos, os pesquisadores que saíram para a pós-graduação estrito senso são aqueles que mais tarde vão ser professores de Antropologia, de Ciência Política e de Sociologia (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 7).

A relação com os professores que estiveram presentes tanto no funcionamento das pesquisas do IAUC quanto posteriormente na integração do corpo docente da UFC é afirmada por Pordeus Júnior na entrevista.

Eu tive muito acesso ao Instituto através de Geraldo Markan, que tá aí também citado [no artigo], tá falado a respeito dele, é um professor nosso, cearense, depois teve um estágio especial no Museu Nacional aonde conheceu o professor Fontenelle.

(...) São pessoas que eu comecei a me relacionar com elas antes mesmo de entrar na universidade em 1970. O tempo que eu os conheci foi o mesmo tempo da transformação do Instituto em Departamento de Ciências Sociais.

Então, pode se entender como uma das motivações de Pordeus Júnior em seguir na carreira antropológica o fato de haver um bom relacionamento entre

ele e alguns dos antropólogos presentes no IAUC e no CCS-UFC. Conforme dito anteriormente, o próprio meio intelectual de Pordeus Júnior, chefiado por seu pai historiador, favoreceu o seu contato com a área antropológica antes de o mesmo entrar no CCS-UFC. Para Pordeus Júnior,

Havia uma preocupação muito grande quando se fez o Departamento [de Ciências Sociais e Filosofia da UFC] em relação à qualidade e à continuidade do ensino e à proximidade do professor que pressupõe ser uma pessoa já experimentada e marcada por aquele desvio de “personalidade” profissional. Professor que já teria as condições de advertir o aluno para a necessidade de ele ver o mundo com a visão de sua cultura, mas com uma visão ampla, descompromissada, com tolerância, de aceitação e compreensão do outro (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 6).

Através desse enfoque proposto pelo entrevistado – de admiração por seus mestres da graduação no CCS-UFC – é que foi possível perceber a seara de eventos que culminaram na extinção do IAUC e na criação do DCSF-UFC. Contudo, foi graças ao IAUC que o DCSF-UFC pôde se tornar um reservatório de informações oriundas de pesquisas etnográficas e patrimônio bibliográfico. Menezes Neto (1991) enfatiza essas contribuições:

O Instituto de Antropologia legou à Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia um patrimônio valioso: a Biblioteca Arthur Ramos, adquirida pela Universidade à família do ilustre antropólogo e uma extraordinária coleção de rendas de Bilro (que Luíza Ramos organizara) e de máscaras e objetos africanos. O Boletim de Antropologia, editado durante vários anos por Thomaz Pompeu Sobrinho, antecedeu a publicação regular da Revista de Ciências Sociais, dirigida inicialmente por Paulo Elpídio de Menezes Neto e depois por Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes (MENEZES NETO, 1991, p. 36).

3.2.4 A criação do Curso de Ciências Sociais da UFC, na interpretação de Pordeus Júnior

Ismael Pordeus Júnior fez considerações acerca da fundação do CCS-UFC e da conseqüente hegemonia sociológica sobre a antropologia e ciência política que ocorreria posteriormente. O antropólogo reforça que nos anos iniciais do Curso de Ciências Sociais da UFC havia um interesse pela área de antropologia, mas foi somente a partir dos primeiros formados na universidade que surgiram os pioneiros cientistas sociais.

A fundação do Departamento de Ciências Sociais não tinha ninguém que fosse cientista social. Eram professores de História, outros formados em Serviço Social, pessoas que vieram de outras áreas. É a segunda geração desse departamento que são pessoas formadas nas ciências sociais (Ismael Pordeus Júnior).

Noutras palavras, embora pudesse haver uma temática e objetos nitidamente antropológicos (com a possibilidade de influência das pesquisas do Instituto de Antropologia do Ceará), não havia uma formação disciplinar específica nessa área. O entrevistado afirma que “os fatos, a convivência na Universidade, o modo como foi sendo tratada a política universitária giraram no sentido oposto à proposta inicial de estabelecer uma relação e uma ênfase maior à antropologia” (PORDEUS JÚNIOR, 1993). Em contrapartida, Pordeus Júnior destaca que na década de 1970 houve o retorno de professores pós-graduados no exterior em Sociologia⁶⁹. Esse fato, segundo Pordeus Júnior, foi um fator culminante para a hegemonia disciplinar sociológica no Departamento de Ciências Sociais da UFC. A partir daí, “o Instituto de Antropologia” que “contava nesta época com quatro pesquisadores: José Alencar, João Pompeu de Souza Brasil, Francisco Alencar e Teresinha Helena de Alencar Cunha, licenciados, em sua maioria, em Geografia e História” perde espaço para a corrente sociológica motivada pela chegada desses profissionais (MENEZES NETO, 1991, p. 25). Daí, a grade curricular fica privada de cadeiras antropológicas e com a fundação do curso de pós-graduação em Sociologia (em 1976) ocorre a diminuição sistemática da abrangência do campo antropológico no Ceará.

Podemos então compreender a tomada de posição Sociológica intervencionista do Curso de Ciências Sociais a partir dessa relação que veio a se tornar um curso que ao longo das décadas 70 e 80 formou basicamente sociólogos. Criou-se um curso de Pós-graduação, não em Antropologia, mas coerente com esse quadro sobre o qual falamos, em Sociologia do Desenvolvimento. Para sermos justos é bom que se diga da existência de algumas disciplinas na área de Antropologia no Mestrado, mas de caráter optativo (PORDEUS JÚNIOR, 1993, p. 7).

3.3 A tentativa de escrever sobre escolhas intelectuais

Os referenciais destacados por Pordeus Júnior e Simone Soares, bem como a consulta aos trabalhos escritos sobre antropologia indicam o caminho percorrido nesta pesquisa. A saber, tentei – no conjunto de eventos destacados pelos antropólogos estudados como importantes para as escolhas de suas

⁶⁹ O entrevistado se refere, por exemplo, aos professores Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes e André Haguette.

trajetórias intelectuais voltadas para a antropologia – esboçar uma etnografia do pensamento antropológico cearense⁷⁰ no início do CCS-UFC.

Significa dizer que os discursos dos entrevistados apareceram como uma forma de expressão das ações simbólicas que direcionam as trajetórias observadas nos contextos inseridos. Noutras palavras, cada passo trilhado, cada acontecimento descrito, é permeado de ações simbólicas dos agentes sociais. O conjunto desses passos forma o caminho percorrido, ou seja, a trajetória intelectual deles. As expressões de cada um desses momentos pela oralidade dos entrevistados são reforços de formas culturais estabelecidas socialmente. Nesse sentido, Geertz (2006) propõe que há uma união das ações concretas dos observados com as abstrações da mente deles, procurando nessa junção compor o máximo possível de detalhes que reforcem os parâmetros culturais presentes no estudo. Pois,

O pensamento é resultado de uma manipulação intencional de formas culturais, e tanto atividades ao ar livre como arar a terra, ou mascatear, ou experiências muito íntimas como desejar ou arrepender-se são igualmente consideradas bons exemplos desse tipo de ação (GEERTZ, 2006, p. 225).

Não obstante, nenhuma pretensão é efetiva no entendimento da diversidade dos pensamentos modernos, ainda mais na ampla de significados que abrange a escolha intelectual por determinada formação profissional. E quando se trata de procurar o entendimento sobre motivos que levaram intelectuais a direcionarem suas carreiras pela antropologia, vê-se que a “matriz curricular” dessas escolhas se forma a partir da escrita de uma etnografia do pensamento, com o objetivo de “tornar assuntos obscuros mais inteligíveis, dando-lhes um contexto informativo” (GEERTZ, 2006, p.227).

E a partir de esclarecer porque profissionais consagrados atualmente tiveram, no passado, momentos de suas vidas acadêmicas que foram determinantes para as suas escolhas é que se pode pensar no futuro da antropologia. Nesse caso, passa-se a discutir os rumos da disciplina mediante a busca de compor as variáveis que permitiram que intelectuais optassem pela carreira antropológica. Desse modo, as opiniões do professor Ismael Pordeus Júnior sobre perspectivas futuras da antropologia no Ceará servirão de apoio nas pesquisas de campo e, até mesmo, na

⁷⁰ A proposta de uma etnografia do pensamento antropológico cearense é moldada pela influência do conceito elaborado por Geertz (2006), que destaca a necessidade de compor uma etnografia do pensamento moderno como forma de unir elementos textuais (ou de produção acadêmica) e da biografia dos entrevistados (como trajetórias de vida).

possibilidade de implementação do curso de pós-graduação em Antropologia na UFC⁷¹.

Portanto, conforme afirma Fonseca (2004), “se queremos que a antropologia continue a crescer e fazer sentido no contexto contemporâneo, temos de unir forças para pensar a atual conjuntura e planejar o futuro deste campo” (FONSECA, 2004, p. 69). Para que o crescimento da antropologia no Estado do Ceará seja fecundo é necessário visualizar como foram as experiências de quem esteve presente em seus primórdios institucionais. Afinal, a antropologia é como “a maneira de pensar quando o objeto é o outro e exige nossa própria transformação” (MERLEAU-PONTY, 1984). Dessa maneira, os obstáculos que aconteceram no passado poderão servir como linhas de forças para a melhoria do campo antropológico no futuro. O aprendizado advindo das barreiras observadas anteriormente pode ser o fator que trará motivação para novos profissionais nessa área de saber. Entre os desafios e as realizações sempre haverá detalhes a serem percorridos na tentativa dos estudos de períodos da vida profissional.

⁷¹ O anexo I aborda indicações de entrevistas e lugares fornecidos por Ismael Pordeus Júnior para a continuidade dessa pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pesquisa vinculada às ciências sociais, este trabalho possui variáveis ilimitadas. Seus resultados diante das informações obtidas não provocam finalizações ou verdades universais. Longe dessa intenção, minha pesquisa, por tratar de um tema de enorme abrangência teórica, provoca mais reflexões a respeito de como as escolhas profissionais de intelectuais são motivadas pelos eventos que aconteceram em suas carreiras. Como afirma Weber, “o domínio do trabalho científico não tem por base as conexões ‘objetivas’ entre as ‘coisas’ mas as conexões *conceituais* entre os *problemas*” (WEBER, 1982, p. 83).

O ato de pensar, supor, sugerir e apontar uma determinada observação é de caráter dinâmico, que permite mudança contínua, serve de alicerce de riqueza conceitual e distancia a pesquisa social da verdade absoluta propagada pelo senso comum. Os cenários vistos servirão de interpretações para mais vislumbres que aparecerão mudando ou ampliando os antagonismos do tema investigado. Por isso, a minha pesquisa se encaixa em um “fim” que “é a representação de um resultado que se converte em causa de uma ação” (WEBER, 1982, p. 99). Como um trabalho das ciências sociais, a análise dos fenômenos se congrega em suas especificidades e se volta para uma perspectiva de continuidade racional em prol da ação social entre os sujeitos envolvidos e o objeto pesquisado, que se interagem permanentemente por estarem envolvidos no mesmo ciclo de relações sociais, de domínio humano e de significação simbólica alternada. A ciência social, como tipo-ideal visto por Weber (1982) fornece o intuito do meu trabalho:

A ciência social que nós pretendemos praticar é uma ciência da realidade. Procuramos compreender a realidade da vida que nos rodeia e na qual nos encontramos situados naquilo que tem de específico; por um lado, as conexões e a significação cultural de suas diversas manifestações na sua configuração atual e, por outro, as causas pelas quais se desenvolveu historicamente assim e não de outro modo (WEBER, 1982, p. 88).

Os principais resultados desta pesquisa residem na compreensão de que os eventos dispostos pelo discurso dos entrevistados compõem situações ressaltadas como importantes para suas escolhas intelectuais voltadas para a antropologia. Partindo dessa ideia, foi possível estabelecer paralelos, ou “conexões”, no sentido weberiano de análise social, entre as trajetórias dos professores

estudados. Esses pontos de apoio que convergem para situações vivenciadas por eles se aproximam de aspectos semelhantes que culminaram nas suas motivações em serem antropólogos. Noutras palavras, após a análise em separado das trajetórias de Teresinha Alencar, Simone Soares e Ismael Pordeus Júnior foi possível ver momentos parecidos que envolvem a vida profissional de cada um deles. Por isso, finalizo minhas considerações traçando essas semelhanças. E, baseado nessa última análise de visualização de elementos comuns às histórias de vida dos entrevistados, disponho uma ampliação de pressupostos do objeto de estudo.

A efetivação desses objetivos esperados pelo estudo das vivências desses três antropólogos pôde ocorrer quando me proponho a vislumbrar novas perspectivas para a continuidade desta pesquisa. E, dentre elas, surgem anseios de se estudar como se encaixa o profissional antropólogo na atualidade, quais suas áreas de atuação e por onde passam os objetivos da disciplina antropológica. Tudo isso só pôde ser evocado mediante minhas motivações, que foram renovadas pela influência da experiência de vida dos entrevistados.

4.1 Possíveis pontos de convergência nas trajetórias intelectuais dos pesquisados

A partir da análise dos eventos destacados pelos interlocutores foi possível observar características comuns entre eles no que diz respeito a suas motivações em seguirem a carreira na área da antropologia. Relaciono quatro aspectos vistos nas trajetórias dos intelectuais estudados que definiram suas formações profissionais como antropólogos, a saber:

- a) engajamento antropológico mediante pressões externas, sobretudo, políticas;
- b) capacidade de interação com os professores;
- c) apego às pesquisas científicas;
- d) percepção da importância da ascensão profissional durante a carreira de antropólogo.

A ordem dessas competências⁷² não estabelece uma hierarquia de importância. A disposição dos fatores foi colocada apenas por questão de facilitar a visualização da análise e não de pressupor uma classificação. Além do mais, alguns desses aspectos convergentes entre as trajetórias não incluem a participação obrigatoriamente dos três antropólogos. Logo, em cada um dos pontos houve aproximações de uma trajetória com outra ou, por vezes, entre as três. Dito isso, seguem minhas observações a respeito de elementos que aproximam as trajetórias dos intelectuais pesquisados.

Engajamento antropológico mediante pressões externas, sobretudo, políticas. Observo que as medidas políticas da ditadura militar tiveram efeitos marcantes sobre as trajetórias de Teresinha Alencar e Simone Soares. A primeira sofreu com perseguições dos militares durante o período em que morou no Rio de Janeiro e cursou o Mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional. A segunda foi presa por dois meses pelo regime e esteve impossibilitada de exercer o magistério devido à perseguição. Ambas não desistiram de suas carreiras acadêmicas por conta das questões políticas e venceram seus obstáculos para conseguirem seus êxitos profissionais. Vale destacar que as duas antropólogas, conforme dito anteriormente, também tinham o interesse de fazer trabalhos de pesquisa e de ensino que visassem à melhoria das condições do homem na sociedade. Ainda no IAUC, Teresinha Alencar, motivada por Pompeu Sobrinho, auxiliava em pesquisas que visavam promover a melhoria do bem estar dos indivíduos. No MN, com forte influência da “etnografia militante” de Roberto Cardoso Oliveira, realizou um estudo de comunidades baseado nas “frentes de expansão” capitalistas no meio rural (ALMEIDA, 2004, p. 73). O mesmo Roberto Cardoso de Oliveira – que foi orientador de Simone Soares no Mestrado em Antropologia Social na UnB – influencia Simone Soares em conceitos de mudança social salientados por autores da antropologia norte-americana⁷³. Com isso, Soares passou a reforçar o seu ponto de vista a respeito da postura do antropólogo, que deve ser engajado com as questões sociais (CORRÊA, 1987).

⁷² A disposição do panorama de ações que compõem cada uma dessas características comuns aos intelectuais estudados foi retratada nos capítulos referentes a eles, cabendo neste momento apenas fazer uma revisão de análises individualizadas.

⁷³ Autores como Ralph Linton, Melville J. Herskovits, Robert Redfield, Harry J. Shapiro, Ashley Montagu e outros, conforme citado anteriormente.

Capacidade de interação com os professores. Noto que as trajetórias intelectuais dos três antropólogos pesquisados estão de acordo com o bom relacionamento com seus respectivos mestres. Teresinha Alencar denotou um apreço especial pelo idealizador do IAUC, Thomaz Pompeu Sobrinho. Além dele, Alencar destacou a boa relação com Florival Seraine e Francisco Alencar (professor que a chamava de “prima” por conta do sobrenome homônimo e que ela o chamava pelo apelido de “Chico”), seus professores nos Cursos Preparatórios de Antropologia. Teresinha Alencar ainda demonstrou sua admiração por Roberto Cardoso de Oliveira, principalmente por conta dos ensinamentos dele de como se comportar como pesquisador no trabalho de campo. Simone Soares destacou o amigo pessoal, e seu professor, Geraldo Markan (a quem chamava pelo apelido “Gegê”) como grande fonte de inspiração. Além dele, admirava bastante as aulas de João Pompeu, que foi citado por Teresinha Alencar como um “homem que sabia muita antropologia”. Ismael Pordeus Júnior também foi amigo pessoal do professor Geraldo Markan e de Luiz Fernando Raposo Fontenelle, relatando que começou a se relacionar com eles antes de entrar para o CCS-UFC.

Apego às pesquisas científicas. As três trajetórias são caracterizadas por uma admiração pelo trabalho de campo por parte dos interlocutores. Entretanto, é mister colocar que Teresinha Alencar permeou a sua vida profissional com aprendizados obtidos nas pesquisas das quais participou. Desde o período em que foi datilógrafa no IAUC até ser professora na UFC (com mestrado no MN), ela relatou os acontecimentos que compõem sua trajetória com o trabalho etnográfico sendo o principal fator de motivação. As pesquisas antropométricas e de áreas pesqueiras litorâneas no IAUC forneceram a experiência de ensino e de pesquisa para ela se estabelecer como docente na UFC e pesquisadora no próprio IAUC e no MN. E no MN, realizou um trabalho sobre frentes de expansão que possibilitou se tornar mestra em Antropologia Social e se especializar em ensinar metodologias de pesquisas aos seus alunos na UFC. Ismael Pordeus Júnior realizou uma ampla pesquisa historiográfica que culminou na obtenção do título de professor titular em Antropologia, mostrando que os caminhos das investigações científicas estiveram presentes em momentos importantes de sua biografia intelectual.

Percepção da importância da ascensão profissional durante a carreira de antropólogo. Os três professores estudados tiveram a noção de que o profissional vinculado à antropologia deve estar em constante atualização de seus

conhecimentos. Logo, eles perceberam que o crescimento na formação acadêmica está ligado com a obtenção de títulos que comprovam o aumento da experiência deles na área intelectual. Devido a isso, Teresinha Alencar reforçou pontos que abrangeram sua transição de datilógrafa a pesquisadora assistente no IAUC; de pesquisadora assistente no IAUC a professora da UFC, sendo posteriormente mestra em antropologia pelo MN. Enquanto que Ismael Pordeus Júnior enfatizou no seu depoimento aspectos que motivaram a obtenção do cargo de professor titular de antropologia do CCS-UFC, reforçando as circunstâncias que estiveram presentes nesses momentos. Simone Soares destacou visões distintas do CCS-UFC, como aluna e como professora, destacando o magistério como afirmação de sua escolha profissional estabelecida quando era discente. Ou seja, Soares se considera antropóloga quando é aprovada no concurso para professora de antropologia da UFC.

4.2 As ramificações deste estudo por meio do estímulo pessoal do autor

A história da antropologia é marcada pelo trabalho intelectual de seus pesquisadores em determinados períodos. O percurso trilhado pelos antropólogos deixou rastros de suas trajetórias que serviram como colaborações para a ampliação do mapa de abrangência reflexiva da disciplina. No território cearense e, mais especificamente, na Universidade Federal do Ceará, os ciclos de vida dos primeiros antropólogos deixaram mostras evidentes de relações intrínsecas entre a formação profissional e a vida pessoal de cada um deles. O resultado dessa especificidade de escolha para a antropologia é refletido nos eventos descritos por eles. No enalço desses vestígios deixados pelo legado de suas obras antropológicas tentou-se, nesta pesquisa, abranger o conteúdo observado pela história de vida deles e suas contribuições para o desenvolvimento da antropologia no estado do Ceará.

Esse desejo de incorporar elementos de vida experiencial de pesquisadores e suas produções etnográficas com a memória das instituições de ensino da antropologia é anseio de árduo esforço. Contudo, a necessidade de se estudar trajetórias intelectuais é evidente devido aos escassos trabalhos no sentido de mapear as contribuições da antropologia no Brasil. Afinal, como destacaram Ribeiro (2004) e Lima (2004),

a antropologia brasileira, cada vez maior, mais consolidada e institucionalizada, ressentia-se de uma radiografia de âmbito nacional que lhe oferecesse uma imagem para pensar alguns de seus aspectos, de seus problemas e de suas tendências (LIMA; RIBEIRO, 2004, p. 8).

De pronto, o intuito das entrevistas foi o de procurar “exercer uma mirada auto-reflexiva que não esgotasse em perspectivas ensaísticas” (LIMA; RIBEIRO, 2004, p. 9). Ou seja, o objetivo de tal pesquisa que envolve aspectos da história das Ciências Sociais na UFC é propor um breve retrato de perfis profissionais pioneiros na área antropológica em suas áreas de atuação no ensino e nas pesquisas.

Evidentemente que o estudo continuado nessa linha de pesquisa permitirá o surgimento de indagações a respeito da importância da antropologia e sua funcionalidade de linhas de pesquisa. Questionamentos a respeito do papel de antropólogos como formadores de opinião intelectual, a atuação no plano nacional, seus paradigmas formados em campo e as benesses do estudo antropológico são averiguados continuamente com a análise de memória das instituições de ensino e da formação do corpo docente em antropologia. Nessa seara de eventos, também pode vir à tona a inquietação de onde inserir o profissional antropólogo de acordo com o contexto de sua formação e sua colocação no trabalho de campo de acordo com a linha de pesquisa escolhida por ele, conforme salienta Fonseca (2004):

A expansão do campo de antropologia em direção aos cursos de PPG *lato senso* tem sido lenta e cautelosa, justamente para garantir a qualidade da formação oferecida, sempre em estreita coordenação com o setor acadêmico. Em face da crescente demanda por cursos de pós-graduação em antropologia, permanece a questão de saber se está na hora ou não de investir energia renovada na reflexão sobre os limites e possibilidades do indivíduo com carreira em ziguezague, em que a antropologia é concebida como apoio complementar para um outro campo de atuação profissional (FONSECA, 2004, p. 83).

Para que se possa pensar o papel do antropólogo e sua área de atuação profissional é necessário buscar o entendimento do outro como objetivo principal do conhecimento proposto pela antropologia. Essa aguçada competência, atribuída ao ofício do antropólogo, de tentar compreender a alteridade baseado nos seus próprios entendimentos é uma responsabilidade que precisa ser debatida. Esse debate é essencial para a reflexão sobre o que a disciplina antropológica deve se propor a pensar futuramente. Remeto a Turner (2005) para vislumbrar três dimensões de conhecimento nos estudos em antropologia: as noções prévias das teorias sociais por parte do antropólogo ou estudante, a visão de mundo dos

indivíduos das comunidades estudadas e a percepção do observador antropológico dentro da alteridade do ambiente de pesquisa (TURNER, 2005).

Mas não obrigatoriamente o ponto de vista do outro é *o certo*, o que comanda o Universo e sim, apenas, o que dirige o curso da vida e mantém suas atividades integradas. Afinal, conforme Sahlins (2008), aquilo que os observados compõem como visão de mundo generalizada do que acontece em suas vidas é alterado continuamente no decorrer dos eventos.

As pessoas agem face a circunstâncias de acordo com seus próprios pressupostos culturais, as categorias socialmente dadas de pessoas e de coisas. Como dizia Durkheim, o Universo só existe para as pessoas tal com elas pensam. Por outro lado, o Universo não precisa existir da maneira como elas o pensam. Tampouco a resposta do “outro generalizado” do discurso humano – também dotado de um ponto de vista cultural próprio, dele ou dela – precisa corresponder às suposições implícitas nas intenções e concepções de cada um. Assim, em geral, as circunstâncias mundanas da ação humana não obrigatoriamente se conformam às categorias por meio das quais certas pessoas as percebem. No evento, as coincidências não se conformam, as categorias recebidas são potencialmente revaloradas na prática, redefinidas funcionalmente. De acordo com o lugar da categoria recebida no interior do sistema cultural tal como constituído, e conforme os interesses afetados, o próprio sistema é mais ou menos alterado. No extremo, o que começou como reprodução termina como transformação (SAHLINS, 2008, p. 125).

Após expor essas questões gerais que englobam perspectivas de ramificações deste estudo, volto para as particularidades do que foi tentado conceber nesta pesquisa. Por isso, tive como objetivo não colocar nem as “visões de mundo” dos pesquisados e nem as minhas como um *ethos* discursivo padrão a ser aplicado como referência para atribuir o motivo das escolhas feitas para a área antropológica em suas trajetórias intelectuais. A gama de variáveis que permeia a opção em seguir determinada carreira profissional é profundamente dinâmica, ou seja, esses fatores se modificam em cada momento onde obstáculos e realizações acontecem. Por isso, acabo sentindo um pouco de limitação em não conseguir abranger uma parte maior dos diversos fatos que motivaram as escolhas desses antropólogos. Compartilho com Debert (1986) esse sentimento de dificuldade em lidar com a “bola de neve” gerada pelos múltiplos aspectos citados pelos interlocutores. Dessa maneira, posso agora perceber a dificuldade em retratar trajetórias, isto é, histórias de vida. Ainda mais neste trabalho que envolveu percursos profissionais trilhados por personagens que vivenciaram um campo de saber tão admirável, e rico, como a antropologia:

O que em certo sentido é decepcionante no trabalho com histórias de vida é o caráter da tarefa que elas nos obrigam a levar a cabo. A ideia da “bola de neve”, isto é, em um determinado momento podemos definir um ponto de chegada onde as respostas se tornam repetitivas, um “ponto de saturação” a partir do qual podemos definir o número de informantes, parece bastante problemática. A sensação que temos é que ocorre exatamente o contrário. Sempre teria sido possível mergulhar mais profundamente nas mesmas coisas de forma a perceber novos ângulos. A cada nova entrevista, um novo leque de questões poderia ter sido aberto (DEBERT, 1986, p. 145).

Pelo que pude observar neste estudo, essa multiplicidade de perspectivas relatadas aconteceu com cada uma das trajetórias intelectuais investigadas. Significa dizer que os acontecimentos relatados pelos antropólogos estudados são e foram importantes para definir, ressaltar e afirmar a escolha profissional deles pela antropologia. Devido a isso, propus escrever este trabalho primando por categorias êmicas, – mesmo que não me caiba julgar se essa proposta de texto foi tão eficaz como o modelo etnográfico – buscando o que Magnani (1992) chama de “insight”, pois, segundo ele,

a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa (MAGNANI, 1992, p.17).

E os efeitos da busca desse “insight” foram sentidos ao longo do tempo em que estive presente nesta pesquisa. Afinal, por buscar um recorte de um objeto vasto como a história antropológica cearense – rica em personagens importantes para a construção dessa área de conhecimento – que aplicasse meus anseios de concluir a graduação em Ciências Sociais deveria estar na condição de “ser afetado” pela pesquisa, isto é, envolvido pelo objeto de estudo de algum modo (FAVRET-SAADA, 2005). Esse envolvimento não se deu da maneira de Favret-Saada, que se situou no tempo e espaço dos interlocutores e percebeu suas emoções, tateando as sensações obtidas na escrita das observações de campo. Meu maior apreço – o que não deixa de ser, ao modo do objeto desta pesquisa, um fator para a *escolha intelectual* – residiu no fato de que ao estudar as motivações que levaram renomados professores a enveredarem pela carreira antropológica pude também me sentir estimulado em seguir pelo mesmo caminho profissional dos interlocutores. Assim, aprendi a desejar que um dia, em um horizonte próximo, eu possa também me tornar um antropólogo. Noutras palavras, a pesquisa desses momentos que

destacaram a trajetória intelectual de Teresinha Alencar, Simone Soares e Ismael Pordeus Júnior fez com que eu os admirasse ainda mais. E agora, “afetado” pelo exemplo deles, posso dizer que estou plenamente convicto a tentar, no porvir, realizar um trabalho fecundo nesse campo do saber. Observo o passado trazido à tona pelo estudo da memória intelectual tornando-se o elo que motiva aprendizados no futuro: algo bem característico ao conhecimento proposto pela própria antropologia.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, F. **Contribuição à prática elementar de pesquisa antropométrica** [1957]. In: _____. Boletim de Antropologia do Serviço de Antropologia da Universidade do Ceará. Vol. 1-3 (1957-1959), N° 1 (1957), p. 79-104. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.
- ALMEIDA, M. W. B. de. A Etnografia em tempos de guerra: contextos temporais e nacionais do objeto da antropologia. As várias histórias da Antropologia. In: _____. PEIXOTO, F. A.; PONTES, H.; SCHWARCZ, L. K. M. (Org.). **Antropologias, Histórias, Experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- AUZIAS, J.-M. **A Antropologia Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BALANDIER, G. **A noção de situação colonial**. In: _____. Cadernos de Campo (revista dos alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP). N° 3, ano 2. São Paulo: Ed. USP, 1993, p. 107-131.
- BARROSO, J. P. **Pompeu Sobrinho – Doutor Máximo do Ceará**. Fortaleza, CE: Revista do Instituto do Ceará. N° 100, 1980, p. 302-312.
- BOAS, F. **Race, Language and Culture**. New York, USA: MacMillan, 1940.
- BRANDÃO, M. do C.; MOTTA, A. O campo da antropologia e suas margens: a pesquisa e sua disseminação em diferentes instituições de ensino superior no Nordeste. In: _____. RIBEIRO, G. L.; TRAJANO, W. Filho. (Org.). **O campo da Antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Associação Brasileira de Antropologia, 2004.
- BRASIL, J. P. de S. **Contribuição etnográfica ao estudo das cercas: Cercas ou tapumes na região central do Ceará** [1958]. In: _____. Boletim de Antropologia do Serviço de Antropologia da Universidade do Ceará. Vol. 1-3 (1957-1959), N° 2 (1958), p. 45-63. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 9ª Ed. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2001.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- _____. Introdução: A noção de fricção interétnica. In: _____. **O índio e o mundo dos brancos**. 3ª Ed. Brasília, DF; São Paulo: Editora Pioneira, 1981, p. 15-30.
- _____. **O Movimento dos Conceitos na Antropologia**. In: _____. Revista de Antropologia, São Paulo, FFLCH/USP, vol. 36, 1993.
- _____. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: _____. **O trabalho do antropólogo**. 2ª Ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CARNEIRO DA CUNHA, M. M. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade.** 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CORRÊA, M. **História da Antropologia no Brasil (1930 – 1960).** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Campinas, SP: Editora Unicamp, 1987.

_____. **As ilusões da liberdade. A Escola de Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil.** Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.

_____. **Antropólogos & Antropologia.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CUNHA, T. H. de A. **Terra de promessa: luta pela subsistência de um povoado na frente de expansão do Sudoeste do Maranhão** (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional, UFRJ, 1977). Fortaleza, CE: Imprensa Universitária, 1983.

DA MATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DEBERT, G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: _____. CARDOSO, R. C. L.; DURHAM, E. R. (Org.). **A Aventura antropológica: teoria e pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DENZIN, N. K. **Interpretando a vida de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner.** In: _____. Dados-Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: vol. 27, nº1, p. 29-43, 1984.

DUVIGNAUD, J. **Chebika, étude sociologique.** Paris, France: Gallimard, 1968.

ERIKSEN, T. H.; NIELSEN, F. S. **História da Antropologia.** 5ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FONSECA, C. L. W. Antropologia para quê? O campo de atuação profissional na virada do milênio. In: _____. RIBEIRO, G. L.; TRAJANO, W. Filho. (Org.). **O campo da Antropologia no Brasil.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Associação Brasileira de Antropologia, 2004.

FONTENELLE, L. F. R. **Projetos de Pesquisa de Áreas Pesqueiras Litorâneas.** Fortaleza, CE: Instituto de Antropologia/Departamento de Ciências Sociais e Filosofia – UFC, 1966.

FAVRET-SAADA, J. **Ser afetado.** In: _____. Cadernos de Campo (revista dos alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP). Nº 13, ano 14. São Paulo: Ed. USP, 2005, p. 155-163.

FRYE, N. **The Educated Imagination.** Bloomington, USA, 1964.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____. A situação atual. In: _____. **Nova Luz Sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GONDIM, L. M. P. (Org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da dissertação de mestrado**. Fortaleza, CE: Edições UFC, 1999.

GROSSI, M. P.; RIAL, C.; TASSINARI, A. (Org.). **Ensino de Antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além-fronteiras**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2006.

HAGUETTE, T. M. F. Parte II: O Departamento de Ciências Sociais e Filosofia e seu corpo docente. In: _____. HAGUETTE, T. M. F. et al. (Org.). **Memória das Ciências Sociais na UFC: um exercício de análise institucional**. Fortaleza: Edições UFC, 1991.

HERSKOVITS, M. J. **Antropologia Cultural**. 8ª Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1963.

KOFES, M. S. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LEACH, E. **Repensando a Antropologia**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEAF, M. **Uma História da Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: Ed. USP, 1981.

LÉVI-STRAUSS, C. A Família. In: _____. SHAPIRO, H. L. **Homem, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

LIMA, R. K. de. **A Antropologia na Academia: Quando os Índios somos nós**. Niterói, RJ: Ed. UFF; Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

LINTON, R. **O homem: uma introdução à antropologia**. 10ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. In: _____. Série Antropologia n° 322. Brasília, DF: UnB, 2002.

MACIEL, M. E. M. et al (Org.). **Antropologia e Ética: O debate atual no Brasil**. Niterói, RJ: Ed. UFF, 2004.

MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. In: _____. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n° 49, p. 11-29, 1992.

MENEZES NETO, P. E. de. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o Instituto de Antropologia. In: _____. HAGUETTE, T. M. F. et al. (Org.). **Memória das Ciências Sociais na UFC: um exercício de análise institucional**. Fortaleza: Edições UFC, 1991.

MERCIER, P. **História da Antropologia**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1974.

MERLEAU-PONTY, M. **De Mauss a Claude Lévi-Strauss**. In: _____. Merleau-Ponty. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (col. Os Pensadores), pp. 199-200.

MONTERO, P. Antropologia no Brasil: tendências e debates. In: _____. RIBEIRO, G. L.; TRAJANO, W. Filho. (Org.). **O campo da Antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Associação Brasileira de Antropologia, 2004.

PEIRANO, M. G. S. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. _____. "In This Context": As várias histórias da Antropologia. In: _____. PEIXOTO, F. A.; PONTES, H.; SCHWARCZ, L. K. M. (Org.). **Antropologias, Histórias, Experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

PIERSON, D. (Org.). **Estudos de organização social**. São Paulo: Ed. USP, 1949.

POMPEU SOBRINHO, T. **Retrato do Brasil: pequenos retoques**. Fortaleza, CE: Tipografia Minerva, 1930.

_____. **Manual de Antropologia**. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária, 1961.

_____. **Noções sobre o conceito de antropologia** [1957]. In: _____. Boletim de Antropologia do Serviço de Antropologia da Universidade do Ceará. Vol. 1-3 (1957-1959), N° 1 (1957), p. 105-115. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

_____. **Valorização do Nordeste: um plano de estudo sociocultural da área nordestina**. In: _____. Boletim de Antropologia do Serviço de Antropologia da Universidade do Ceará. Vol. 4-5 (1960-1961), N° 1 (1960), p. 3-16. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

PORDEUS JÚNIOR, I. de A. **Anotações sobre a antropologia no Ceará**. Fortaleza, 1993.

PRADO, P. **Retrato do Brasil: Ensaio sobre a Tristeza Brasileira**. 2ª Ed. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1981.

REDFIELD, R. **Tepoztlán: A Mexican Village**. Chicago: University of Chicago Press, 1930.

_____. **The Little Community: Viewpoints for the study of a human whole**. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

RIBEIRO, G. L.; LIMA, A. C. S. O Campo da Antropologia no Brasil. In: _____. RIBEIRO, G. L.; TRAJANO, W. Filho. (Org.). **O campo da Antropologia no Brasil**.

Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Associação Brasileira de Antropologia, 2004, p. 07-12.

SAHLINS, M. **Metáforas históricas e realidades míticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SALZANO, F. M. **A Antropologia no Brasil: é a interdisciplinaridade possível?**

In: _____. *Amazônica – Revista de Antropologia*, vol. 1, nº 1, 2009, p. 1.

Disponível em:

<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/133/197>. Acesso em: 11/06/2012.

SARTRE, J.-P. **La Nausée**. Paris, France: Éditions Gallimard, 1938.

SERAINE, F. **Curral de pesca no litoral cearense** [1958]. In: _____. *Boletim de Antropologia do Serviço de Antropologia da Universidade do Ceará*. Vol. 1-3 (1957-1959), Nº 2 (1958), p. 21-44. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

SCHUSKY, Ernest L. **Manual para análise de parentesco**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

SCHWARCZ, L. K. M. **Sobre uma antropologia da história**. In: _____. *Novos Estudos*, nº 72, São Paulo: CEBRAP, julho 2005, pp. 119-135.

SHAPIRO, H. L. **Homem, Cultura e Sociedade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

TURNER, V. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói, RJ: Ed. UFF, 2005.

VELHO, O. G. **Frentes de Expansão e Estrutura Agrária: estudo do processo de penetração numa área Transamazônica**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1972.

WEBER, M. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais**. In: _____. COHN, G. (Org.). *Sociologia*. 2ªed. São Paulo: Ática, 1982.

WILLEMS, E. **Cunha, tradição e transição em uma cultura rural do Brasil**. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1948.

_____. **Antropologia Social**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

_____. **Latin American Culture: An Anthropological Synthesis**. New York, USA: Harper & Row Publishers, 1975.

ZALUAR, A. **A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

ZUMTHOR, P. **Introduction à la poésie orale**. Paris, França: Éditions du Seuil, 1983.

APÊNDICE A – IDEIAS CENTRAIS DO LIVRO RETRATO DO BRASIL: UM ENSAIO SOBRE A TRISTEZA BRASILEIRA, DE PAULO PRADO⁷⁴

O apelo textual de Paulo Prado (1981) insere prenúncios de aporte intelectual diversificados. O contexto situacional vivido pelo autor pode estar contemplado apenas no universo peculiar de seu interesse de escrita. Assim, paradigmas complexos são reflexos de pensamentos idiossincráticos que distinguem a realidade em aspectos próprios do campo de observação autoral. O compêndio de produção do texto atravessa obliquidades, permuta relações sociais e se insere simbolicamente no ponto de vista de quem lê. Sim, o leitor é papel fundador nessa perspectiva de questionamento da relevância autoral. As atribuições de alicerce estereotipado observadas podem ser alvo de críticas pelos leitores mais astutos, que diversificam o senso comum com seu poder de leitura e observação. Não é a toa que um livro que retrata a formação complexa do povo brasileiro esteja imune de comentários que destoem de sua relevância e apanágio de encaixe na realidade vislumbrada.

Nessas vicissitudes de enlaces textuais, Paulo Prado caminha suas reflexões acerca da tristeza que abate os indivíduos no Brasil. Em *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, o referido autor foi criticado, na época que ele escreveu e na atualidade, por um possível reducionismo de visão nacional, relacionando visões de mundo europeias como bases fundantes primordiais da teia relacional que corresponde à formação do povo brasileiro. Por ser um livro de 1928 há uma compreensão que não havia naquela época obras como *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda para que Paulo Prado pudesse cotejar a respeito das ideias. Não obstante, o entendimento de que *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* se trata de uma obra pioneira deve ser levado em conta, além de que ela reflete o pensamento intelectual dominante no período em que foi escrito, final da terceira década do século XX.

Ao referenciar Capistrano de Abreu e o jaburu como ave-símbolo do Brasil, Paulo Prado denota a perspectiva sombria do colonizador português sobre o nativo encontrado no Brasil. O início do livro *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* citando de uma carta de Capistrano de Abreu a João Lúcio de

⁷⁴ Livro escrito em 1928. Porém, neste apêndice me utilizo da segunda edição, de 1981.

Azevedo mostra que o vislumbre formado pelo português era de que o brasileiro era forte fisicamente, preguiçoso quanto ao trabalho e dono de uma tristeza inconfundível, única. Essa dissonância cognitiva atribuída por Prado ao povo brasileiro em relação aos demais povos é oriunda dos estudos de psicologia social. Nesse contexto se encaixam as observações feitas acerca da interação entre os indivíduos e o grupo de relações sociais que os cercam. Por valorizar um ponto de vista ético pautado na psicologia social, Prado organiza o livro em quatro capítulos, a saber: *A Luxúria, A Cobiça, A Tristeza e O Romantismo*, além de um *post-scriptum*. Embora não explore detalhadamente o conflito constante que houve entre branco português, índio e posteriormente, negro, na formação brasileira, Prado destaca que cada um desses elementos componentes tem uma história a ser contada e que através da formação étnico-cultural permeada por regimes políticos pouco reguladores do ponto de vista estrutural e organizacional é que a tristeza no indivíduo brasileiro foi estabelecida.

Prado mostra então que a combinação da luxúria colonizatória com a cobiça do colono ocasionou uma exacerbação da sexualidade do povo. Com isso, o crescimento de cruzamentos poligâmicos foi se acentuando e longe de uma Atlântida perdida, o Brasil se firmou na fuga dessa sexualidade incipiente e promíscua aos olhos do catolicismo. Daí, segundo o autor, se firma um romantismo melancólico, longe do senso prático, que transforma os cidadãos do país em meros transeuntes de intelectualidade sombria, sonhadora e apegada a um idealismo pouco prático na vida cotidiana.

O autor de *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* destaca que somente através da renovação política⁷⁵ era que o povo brasileiro poderia se firmar como nação autônoma, longe da influência colonizatória. As controvérsias, a natureza modernista de composição política formando uma realidade nacional que promovesse uma cultura do debate seria o parâmetro estabelecido que propagasse a consciência de nacionalidade brasileira. A realidade do Brasil não se mascararia por românticos, não evocaria vanglórias de conquista insidiosas ao poderio colonizador e não retrataria a tristeza evocada por um mal do século sexualmente exposto como alvo de ganância.

⁷⁵ Prado, ao comentar sobre uma possível renovação política para solucionar os problemas brasileiros durante o período em que era colonizado por Portugal, estabelece um dos poucos estratégias de possíveis mudanças futuras na situação do povo brasileiro.

A luxúria

No capítulo inicial do livro, Prado usa a prerrogativa de uma “psicologia da descoberta” para apresentar à atmosfera que envolvia o “descobrimento” do Brasil. A ambição pelo ouro fora desenfreada pela patente ideológica renascentista, que desvinculou as expedições de seu conteúdo sacro e profano em prol de objetivação mais palpável, como pedras preciosas e propagação do “metalismo” como primordial a expansão mercantilista. A imaginação criadora que o Renascimento permitiu a superação do medo de Deus e do Diabo, impulsionada pelo crescente movimento antropocêntrico no continente europeu. As cruzadas se modificaram em expedições de cunho físico, explorando a natureza dos povos “conquistados”, devastando as matas à procura de metais que pudessem satisfazer e perpetuar a sociedade de corte europeia do século XVI. Essa perda do domínio espiritual provocada pela doutrina que colocava o homem como centro do universo foi o agente motivador para o amálgama do fascínio aurífero obsessivo dos colonizadores.

A partir de uma descrição da vegetação e fauna brasileiras, Paulo Prado (1981) segue o vislumbre observado pelos expedicionários. A sexualidade ouriçada por índias nuas, a concubinação normatizada pelos hábitos de colonos transformou o idílico em “animalesco” e implantou a mestiçagem como forma mais comum no universo brasileiro do período de expansão colonial. O incesto praticado pelo povo Tupinambá visto com surpresa pelos exploradores portugueses em cartas enviadas ao rei de Portugal é a fonte de um estratagema de nuances que são relatadas como eventos únicos. Os sussurros de agentes desconhecidos, boatos como balanço histórico das expedições marítimas descrevem o assoalho luxurioso que permeava a descoberta do ouro.

Prado (1981) salienta que a liberdade oriunda da chegada a uma terra sem dono, sem lei, sem poder político estabelecido como uma unidade territorial fez com que os párias sociais se aproveitassem para realizar os desejos desenfreados. Um Novo-Mundo onde os delitos eram permitidos, ou omitidos, proporcionou aos “descobridores” satisfazerem seus apetites sexuais na ausência do pudor policiado da Europa. Com a proliferação mestiça e o iminente patriarcalismo que começava a

surgir pôde-se vincular a luxúria vivenciada com uma nova “paixão” a ser descoberta com a convivência no Novo-Mundo: a cobiça⁷⁶.

A cobiça

Intumescido por passados úteis, Paulo Prado (1981) desenvolve o raciocínio de atitudes dissolutas dos colonizadores. O passo a passo da dinâmica exploratória segue um limiar de aceitação em que o desejo rápido de enriquecer é a força motriz para concretização dos objetivos portugueses desde a chegada ao Brasil. Saída e fuga aliadas numa jornada de avanços de percurso, interiorizando o espaço pelo tempo de chegada das bandeiras. A precisão do argumento de Prado se prolonga pelo anseio em descrever, até certo ponto com “viés antropológico”, as particularidades de situações ouvidas como ecos ressonantes aos colonos, que perpassaram em gerações posteriores como causas próprias de um período de devastação física do ambiente e imposição cultural do explorador português sobre todos.

Essa preocupação em dominar foi legitimada pela ideologia individualista que garantia a fronteira entre interesses patrimoniais da coroa portuguesa e necessidade de novos adeptos ao catolicismo. A separação da cruzada religiosa do movimento bandeirante é o grande mote conflituoso que Prado vislumbra na cobiça. Esse desenfreio ilimitado que permite a todos desejarem algo – sejam novos fieis, sejam novas minas de metais preciosos, sejam cargos da burocracia incipiente, sejam mulheres, concubinas, etc. – é o agente que regula o vívido cotidiano do Brasil - Colônia.

O encanto só é abafado quando o ambiente natural brasileiro não favorece. Sim, o hostil presente nas matas virgens, com fauna e flora desconhecidas torna o explorador herói por ser mártir e imponente por devastar o que precisa sem se importar com nada. A penetração do sertão é causa fúnebre, relato póstumo de viajantes que regressaram perpetuados por moléstias físicas e mentais. De viajantes a desconhecidos, de estrangeiros a mal-aventurados. As bandeiras se instalam no interior do Brasil à duras penas, com esforço árduo, contínuo e, sobretudo, intermitente. E a partir daí, o progresso de uma lavoura rudimentar dependia de uma economia naturista, que estava aquém ao princípio do ideal mercantilista. O trabalho

⁷⁶ Em síntese, o que Prado afirma é que a mestiçagem somada ao sistema de moralidade patriarcal gerou como resultado a luxúria e a cobiça.

nos engenhos necessitava de mão de obra com carga física exacerbada e lucro a longos prazos. A realidade se mostrou dificultosa para a metrópole, trazendo o desespero de quem se preocupava apenas com a cobiça sem limites.

Como o manuseio do solo foi feito continuamente, trazendo elementos de um início pecuarista, as descobertas foram se efetivando com o decorrer do tempo. A formação das sonhadas minas vieram de uma experiência com um solo já arado e conhecido, depois de efetivas expedições pelo interior. Segundo Prado, nesse período somente os jesuítas e os burocratas da máquina administrativa portuguesa em território brasileiro é que escapam da ambição aurífera. Os primeiros por desejarem mais adeptos à Igreja Católica e os últimos por estarem satisfeitos em ocupar cargos de confiança da coroa portuguesa, compreendendo uma ascensão social em comparação com a exclusão que tinham em domínio lusitano na Europa.

Nesse contexto, o conflito entre bandeirantes e membros da Companhia de Jesus foi inevitável. As matanças de índios, dizimando tribos, foram alvo de severas críticas por parte dos jesuítas. Prado especifica o embate entre Igreja e bandeiras como símbolo de uma nação dual, transitando entre o ofício e a espiritualidade, sem saber como afirmar seu sentimento de pertencimento ao país. Os cronistas da Companhia de Jesus esboçam o repúdio ao escravismo indígena, os bandeirantes acusam padres de ritualizarem com as lendas dos nativos, abalando a fé católica com um novo panteão de divindades locais, incluindo sacrifícios humanos e canibalismo. Em meio a esse confronto foram se instalando as correntes mineradoras, diversificadas e permeadas por elementos de contato interétnico.

A tristeza

O argumento do livro de Paulo Prado (1981) se estrutura na tristeza do povo brasileiro. Logo, nesse capítulo há um desfecho de pensamento que alude às demais características observadas pelo referido autor: a luxúria e a cobiça. Assim, a chegada de estrangeiros em um ambiente inóspito trouxe parâmetros comparativos da terra recém-descoberta com o continente europeu. O princípio de liberdade e rebeldia disposto nos novos conquistadores ao desembarcarem na América é proveniente, segundo o autor, da revolta contra os padrões espirituais (da Igreja Católica e Protestante) e temporais (autoridade dinástica dos reis). Todavia, Prado

observa que o espírito cooperativo da doutrina religiosa e a noção hierárquica da subserviência dos súditos ao monarca foram preservados nas expedições.

Com isso, a moralidade religiosa foi mantida na conduta dos colonos e aliada ao baluarte da unidade social, para que os dominadores europeus pudessem manter o mínimo senso de organização cooperativa. Não obstante, homens com novos ideais passaram a fazer parte desse contexto, isto é, revoltados contra os antigos dogmas de aceitação clériga e monarca e ao mesmo tempo firmados pela renovação de princípios em pleno acordo com as capacidades de obtenção exploratória de recursos de outros povos. Enfim, o destaque passa a ser pela conduta individualista a que o colonizador português traz consigo para o Brasil. Alguns elementos da então degenerada e luxuriosa corte portuguesa são anexados ao individualismo de ambição pelo enriquecimento rápido e são provocados pelo sensualismo encontrado no idílico recém-descoberto país, o Brasil.

Essa exacerbação da sexualidade é vista por Prado, segundo o ponto de vista de intelectuais da época, como o agente provocador de esgotamento sensorial, vegetativo, que produz perturbações psíquicas e fadiga nos indivíduos brasileiros, pois,

Na luta entre esses apetites – sem outro ideal, nem religioso, nem estético, sem nenhuma preocupação política, intelectual ou artística – criava-se pelo decurso dos séculos uma raça triste. A melancolia dos abusos venéreos e a melancolia dos que vivem na ideia fixa do enriquecimento – no absorto sem finalidade dessas paixões insaciáveis – são vincos fundos na nossa psique racial, paixões que não conhecem exceções no limitado viver instintivo do homem, mas aqui se desenvolveram de uma origem patogênica provocada sem dúvida pela ausência de sentimentos afetivos de ordem superior. Foi na exaltação desses instintos que se formou a atmosfera especial em que nasceu, viveu e proliferou o habitante da colônia (PRADO, 1981, p. 91-92) [Grifo meu].

O aparecimento da expressão “triste” no texto corresponde a essa junção de fatores listados por Prado que corroboram nessa alcunha aos brasileiros. A tristeza é produzida pela ascensão do poder sexual não doutrinado, longe da crítica religiosa da Europa e pervertida em outras atribuições, como a cobiça. Esta última, a cobiça, Prado diagnostica como um ente psíquico que se estabelece como mal na mente dos colonos e se torna incurável com o decorrer das gerações.

Paulo Prado usa parâmetros para subsidiar seu raciocínio sobre a crescente expressão da melancolia no povo brasileiro. Tentando fugir da arbitrariedade, o referido autor dialoga acerca da psicologia das populações, da influência climática no temperamento das pessoas e no regionalismo comparado,

onde brasileiros de determinadas regiões possuem características por serem de tais locais. Prado fixa um estereótipo das famílias brasileiras, onde há uma “tripeça imutável: pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados” (p. 95). Os portugueses colonizadores, segundo o autor, desejam continuamente o retorno à terra natal. Daí, surgem indagações a respeito da fonte pesquisada por Prado, do caminho de onde ele buscou elementos que pudessem reunir tais observâncias, visto que no Brasil houve colônias de povoamento além das de exploração retratadas pelo autor. Nas colônias de povoamento, o recém-chegado estrangeiro foge da outorga de seus países de origem, muitas vezes perseguidos pela Inquisição, e se instalam no solo brasileiro com o intuito de fixarem residência permanente. Sem desmerecer o trabalho proposto, é mister retratar o beneplácito que rege o pensamento de Prado. O contexto em que estava imerso favorecia a proliferação de ideias que na atualidade seriam inconcebíveis, tais como evolução de raças e comportamentos influenciados pelo clima e determinismo geográfico. Com o mestiço limitado à ganância, querendo apenas enriquecimento fácil e uma evolução da raça brasileira em torno de um reino da mestiçagem, Prado forma uma de legião de visionários com perspectiva reducionista. Os mesmos que chegam tentando realizar sonhos se transformam em pregadores da desgraça e do anseio do eterno retorno ao berço de onde vieram.

O Romantismo

Paulo Prado demonstra seu argumento de que a corrente romântica era realmente um “mal do século”. No sentido pior do termo, essa mazela fortuita era deformadora da vida social, para o autor. E a partir desse desenlace simplório há uma formulação de pensamento que vislumbra outras facetas. Dentre elas, o sentimento nacional. Esse nacionalismo, iniciado por influência da Independência dos Estados Unidos é, segundo Prado, um produto de um embate ideológico entre a retórica rousseaniana e o suporte inteligível do sentimentalismo romântico. A falácia constante de discursos inflamados de líderes brasileiros é sublimada por Prado como mero devaneio que preenche de tolice o apanágio popular, garantindo reminiscências de ideias vetustas. A fraseologia romântica, segundo Prado, fortalece a uma igualdade que jamais seria alcançada.

Esse romantismo literário que abastece os sentimentos de “alma nacional” é provocador de comoção pública, de albergue influenciador, fortalecendo

movimentos políticos populistas. Assim, Prado denuncia D. Pedro I como símbolo de um paladino da opinião e dos discursos inflamados de amor a uma pátria que não era a dele: a nação brasileira. O próprio pacto constitucional que estabelece o ideal independente da Metrópole portuguesa é visto como manobra política, romantizada, onde “o país nascia assim sob a invocação dos discursos e das belas palavras” (PRADO, 1981, p. 118).

Os “princípios patológicos”, estabelecidos por Prado denotam o tom de desprezo ao romantismo. São eles: “a hipertrofia da imaginação e a exaltação da sensibilidade” (PRADO, 1981, p.124-125). Através deles são manifestos efeitos pessimistas e misantrópicos. Há, portanto, uma afirmação incontestável que o sentido orgânico está no social, através de expressões naturalistas, como “infecção romântica” que atinge a sociedade pelo mal romantizado:

O romantismo foi de fato um criador de tristeza pela preocupação absorvente da miséria humana, da contingência das coisas, e sobretudo pelo que Joubert⁷⁷ chamava o insuportável desejo de procurar a felicidade num mundo imaginário (PRADO, 1981, p.127).

Esse ciclo romântico no Brasil é, para Prado, fechado em versos e homens tristes e em melancolia do povo e dos poetas. Logo, as gerações romanescas são produtos da religião moralizante, do ceticismo e do desalento que perpetua o desejo de morte e amor.

Contudo, Prado não liberta seu raciocínio do vínculo racial. Ele segue atribuindo a ação dos agentes sociais à sua etnia. Exclui possibilidades de exceções, firma o senso comum no geral, no absoluto, e não mantém diálogo de aceitação das diferenças. Inquietações são evidentes, tais como o papel da educação naquela sociedade colonial, baseando a noção educacional como originada nas relações sociais, de trabalho, familiares e na escola. A redução argumentativa de Prado deixa o sujeito disperso na sociedade, a mercê de um determinismo biológico, geográfico que os tornam meros produtos da genética e do meio onde está inserido e estabelece suas relações sociais.

Outro ponto de incoerência à formulação sucinta e não desenvolvida do raciocínio de Prado se dá acerca de que as nações europeias formularam o paradigma romântico. Então, como ocorreu a proliferação de tal moléstia no território brasileiro? Ainda antes, porque ela é considerada um mal social só aqui no Brasil?

⁷⁷ Joseph Joubert (1754-1824) foi um ensaísta francês, que se notabilizou pelo cunho moral de seus escritos. Aplicou seus textos basicamente à crítica literária e filosofia da existência humana.

Foi devido à propagação na colônia que transformou o romantismo no aflitivo mal que acometeu a nação? Ou foi a interpretação mestiça dos colonos que deteriorou as bases românticas formuladas na Europa? Prado não esmiúça tais questionamentos, pois se preocupa mais em evidenciar um apelo ao arguto etnocentrismo europeu predominante na intelectualidade do período. Nesse ínterim, Prado se encarrega de contemplar seu pensamento por não compreender e aceitar o outro em sua alteridade que é enriquecedora e reflexiva e não digna de comiseração.

Entretanto, as contribuições de Prado foram evidentes para o período de sua escrita. A temporalidade dos textos de autor sempre é relevante ao considerar a cultura da produção escrita como predominante no repasse das tradições de um povo. Assim, se perpetua o invisível no visível. É uma tentativa de repassar o amplo arcabouço da oralidade em formas mais materializadas, que se mantenham ao alcance de inúmeras gerações subsequentes. O retrato do Brasil vislumbrado por Prado não foi, é, ou será, uma tentativa de aceitação de seu balanço investigativo do período. E sim, é mais um enlace que corrobora com a captação de um recorte ínfimo da realidade múltipla e dinâmica que se altera continuamente e não se compreende sem que haja certa fixidez espaço-temporal que abasteça sua continuidade ininterrupta.

ANEXO I – OS ENCAMINHAMENTOS DADOS POR ISMAEL PORDEUS JÚNIOR PARA A CONTINUIDADE DESTA PESQUISA

- a) Ida ao conselho universitário da UFC, no serviço de comunicação, localizado no prédio abaixo da reitoria. Na parte de arquivos falar com Paulo Mamede, da coordenação de marca institucional da UFC. Daí, ler a ata do conselho universitário onde foi aprovado o serviço de Antropologia e conseqüente, Instituto de Antropologia;
- b) Entrevistar o professor Francisco Alencar, que deu aulas de Antropologia nas primeiras turmas do curso de ciências sociais da UFC, onde ele pode ter outra narrativa do Instituto de Antropologia do Ceará.